

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Frank Antonio De Almeida

A compreensão da consciência moral segundo Marciano Vidal Garcia

MESTRADO EM TEOLOGIA

SÃO PAULO - 2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Frank Antonio de Almeida

A compreensão da consciência moral segundo Marciano Vidal Garcia

MESTRADO EM TEOLOGIA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia (Moral), em sob a orientação do Prof. Dr. Tarcísio Justino Louro.

SÃO PAULO - 2013

BANCA EXAMINADORA

*Aos meus pais, amigos, professores e a todos que contribuíram para a
realização desta dissertação.*

AGRADECIMENTOS

À arquidiocese de São Paulo, na pessoa de sua Eminência Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer.

Ao meu orientador, professor Dr. Tarcísio Justino Loro que com esmero me auxiliou durante o desenvolvimento desta dissertação.

Aos meus professores que me inspiraram e contribuíram por meio de suas aulas para que essa pesquisa fosse realizada.

Aos meus colegas de sala e amigos que colaboraram com este estudo.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo revelar alguns aspectos conceituais na formação da consciência moral vistos pela ótica do teólogo moralista Marciano Vidal Garcia.

Sem dúvida estes aspectos têm raízes no itinerário de sua vida pessoal e acadêmica, pois entendemos que a formação da consciência moral acontece no processo vital-histórico e acadêmico do indivíduo. Por isso, este trabalho fala no capítulo inicial sobre o caminho de reflexão teológica e vivencial realizado pelo autor. Sem dúvida são pertinentes seus estudos universitários e sua permanente preocupação em dialogar com temas relacionados com a Teologia Moral, processo em busca de uma melhor compreensão da consciência moral. Seu permanente diálogo teológico com os autores Bernahrd Haring e Afonso Maria de Ligório foi decisivo para a formação de seu paradigma sobre a consciência moral. A experiência acadêmica de Marciano Vidal em diversas universidades e sua experiência de vida mostraram em seus escritos novos paradigmas para melhor compreender o tema que analisamos.

Neste percurso que caminha ao encontro da compreensão da consciência moral, encontram-se os elementos: Consciência moral. Moral. Ética. Crise moral. Educação moral. Ética Cristã.

ABSTRACT

The present thesis aims to reveal some conceptual aspects in the formation of conscience mortal seen through the eyes of the moral theologian Marciano Vidal Garcia.

Undoubtedly these aspects are rooted in the itinerary of his personal and academic life, as well we understand that the formation of conscience happens in life-history and process of the individual academic. Therefore, this work speaks at beginning chapter on the path of theological reflection and experiential conducted by the author. Surely his university studies are relevant and his constant concern in dialogue with issues related to moral theology, process in search of a better understanding of the moral conscience. His ongoing theological dialogue with the authors Bernahrd Haring and Alphonsus Liguori was decisive in the formation of their paradigm about moral conscience. The academic experience of Marciano Vidal at various universities and their life experience showed in his writing new paradigms to better understand the issue we reviewed.

In this path toward the understanding of moral conscience, we meet the elements: Conscientiousness. Moral. Ethics. Moral crisis. Moral education. Christian Ethics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
I ALGUNS ASPECTOS DA VIDA E OBRA DE MARCIANO VIDAL E OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS NO CAMPO DA TEOLOGIA MORAL.....	12
1. O TEÓLOGO MARCIANO VIDAL GARCÍA.....	12
1.1 Aspectos Principais do Itinerário Formativo de sua Vida.....	12
1.2 As principais influências no Campo da Teologia Moral em Marciano Vidal.....	16
1.3 Conceitos Fundamentais para a Compreensão da Consciência Moral.....	22
1.4 A Consciência Ético-Moral - Caminhos da Realização e Formação da Humanidade.....	25
1.5 Situação Atual da Vida Moral Segundo Vidal.....	31
1.6 Ser ou Não Ser, a Crise de Sentido... A Consciência em Conflito.....	37
II A CONSCIÊNCIA MORAL E SUA FORMAÇÃO À LUZ DE MARCIANO VIDAL.....	44
2.1 Significado e Função da Ética e da Moral.....	44
2.1.1 <i>O Objeto da Teologia Moral</i>	45
2.1.2 <i>As Fontes da Moral</i>	48
2.1.3 <i>As Falsas Concepções de Moral</i>	50
2.1.4 <i>A Lei Moral</i>	51
2.2 Campo de Referência do Discurso Ético e Moral.....	52
2.2.1 <i>A Pessoa Fonte e Conteúdo da Formação da Consciência</i>	53
2.3 A Consciência Moral.....	56
2.4 Campo de Referência Formativo da Consciência.....	62
2.5 A Consciência da Responsabilidade Ético-Moral.....	65
2.6 Marco Teórico da Consciência Moral e sua Formação.....	67
2.7 A Educação Moral - Escolher Segundo a Consciência.....	71
III UM NOVO PARADIGMA NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA MORAL.....	77
3. A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA MORAL NUMA ÉTICA CRISTÃ.....	77
3.1 A Consciência Moral diante da Verdade de Cristo.....	84
3.2 A Formação da Consciência Moral e a Dignidade da Pessoa Humana.....	85
3.3 A Vida Cotidiana do Cristão no Cumprimento da Vontade de Deus.....	88
3.4 A Consciência Moral Cristã no Horizonte da Salvação Escatológica.....	92
3.5 Uma Ética Desconcertante.....	98
CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

INTRODUÇÃO

O mais antigo significado da palavra grega ‘*ethos*’ conhecido é o de ‘residência’ ou ‘morada’, ou seja, lugar onde verdadeiramente se habita. Assim, percebemos o influxo de uma nova reflexão ético-moral ao referirmo-nos ao *ethos* como moradia do ser ou ao estilo humano de morar ou habitar.

Dessa forma, podemos, mais especificamente, falar de ética enquanto agir livre do homem, bem como falar de lar ético enquanto hospedagem do ser humano. Portanto, o sistema moral do indivíduo e do grupo (aspirações, modelos, modos de comportamentos) constitui a habitação axiológica construída sobre a terra firme dos valores éticos e morais.

Por essa razão, tem-se afirmado que o homem ocidental, nascido na contemporaneidade, encontra-se sem lar significativo, ou seja, sem as estruturas fundamentais que o permitam crescer no seu agir ético-moral para uma adequada formação de uma reta consciência moral. A grande crise da época atual é ter de conviver com uma permanente mudança de valores. A crise de valores morais é derivada justamente dessa situação de instabilidade moral que impossibilita formar uma reta consciência moral. Assim, a consciência moral possui uma estrutura relevante e comprometedora dentro do significado da moral. E se as grandes áreas da realidade (mundo, homem, Deus), sofrem obscurecimento, é normal que não se forme uma reta consciência moral e apareça no horizonte humano uma crise moral repleta de conflitos.

Muitas vezes, podem surgir conflitos nessa busca de uma reta consciência moral, pode-se descobrir uma variedade de interpretações de verdades que, por consequência, fazem alusão à crise eminente de valores morais. Assim, a vida nos conduz a inúmeros grupos diferentes como, por exemplo, a política, o sistema social, a economia, o sistema religioso. Esses grupos diferentes, todos eles, possuem suas verdades, juntamente com seus valores, significados e mensagens fundamentais. Portanto, nossa busca de valores deve reconhecer e ponderar esses valores e significados, por vezes conflitantes entre si. Um critério elementar, que demonstra nossa superação em relação aos conflitos ou à própria crise moral com que nos deparamos e envolvemos em nossa sociedade é o esforço da consciência em descobrir o rumo certo da ação. A princípio, para uma superação da crise de valores, a formação da consciência moral é algo fundamental e induz e instiga o comportamento humano à busca da verdade e à superação de comportamentos tidos como imorais. Se formos honestos em nossa busca, então, necessariamente, nos encaminharemos para uma variedade de fontes verdadeiras e retas, como por exemplo, as Escrituras, a Igreja, a Tradição, as ciências físicas e humanas, o

conselho competente, entre outros, que efetivamente possibilitarão o saber, a verdade, a superação e orientação de qualquer conflito moral.

Verificamos, assim, numa sociedade moralmente sem valores, somente o desejo de ter algo moralmente explícito, como, por exemplo, a fome de justiça e de bondade. Porém, entre desejo e prática existe um abismo insondável. Pois, ao analisarmos com cuidado a prática de tais valores, descobrimos que no seio da consciência moral é que verificamos a satisfação e o contentamento de criar e transparecer o simples desejo de praticar as coisas virtuosas. Assim, ter a consciência moral de fome de justiça e de bondade, liberta o mundo de si mesmo, da crosta de egoísmo ingênuo, da própria felicidade solitária e de suas riquezas, seu ter, seu saber, seu poder.... Finalmente, como a consciência de si é descoberta no seio da consciência moral, e se volta para a satisfação das necessidades e para uma felicidade e contentamento de si e dos outros, descobre-se a consciência no âmago do agir moral: a própria felicidade, familiaridade, economia, cultura, política e ganham razão de ser no desejo de bondade, na justiça ao outro, ao pobre, ao órfão, ao estrangeiro e à viúva.

Por essa razão, diante da crise de valores que a sociedade hodierna vive, a reta consciência moral desperta sua própria articulação sobre o que é justo e verdadeiro. É, portanto, a consciência despertada para sua verdade. Verdade essa, investida de bondade que, por sua vez, tem a missão angélica de ser a porta e a boa novidade por onde vai, expandindo o bem, a justiça e a paz. De fato, a consciência moral é a luz que invade com novidade toda a nossa razão, iluminando-a e sustentando-a para o serviço. E, conseqüentemente, protege a razão de voltar-se para si mesma, e de perder-se aquém da relação de justiça e bondade. Efetivamente, a consciência moral de dever, de justiça, de responsabilidade, produz a consciência radical e crítica pelo bem, ou seja, uma consciência profética investida e exaltada pela bondade e pela fome de justiça que vai além do que uma consciência crítica solitária, ainda que aburguesada em si mesma, poderia ver. Sua visão é uma invasão, é uma luz que se levanta acima de seus condicionamentos, que não pode mais ser amortecida. É uma consciência testemunhal que transcende a vontade e identifica-se com a consciência messiânica de Cristo da prática da justiça e do bem feita aos homens da terra. É na justiça e no bem que o próprio Deus se revela ao homem. É no amor de Deus e ao próximo, na mesma medida que a consciência projeta e testemunha o próprio Deus, em nome de Deus, e em consciência a Deus. Dessa forma, a consciência moral é a mais alta responsabilidade, para a qual o homem, entre as demais criaturas é escolhido. Essa responsabilidade coincide com a maturidade e a humanidade vivida e plenificada inteiramente pelo homem. Afinal, a consciência moral só vê o bem e discerne o bem.

Visto em suas instâncias, o ser humano é o único ser criado que possui a consciência de tempo e espaço ilimitado. A rigor, é um ser que possui sua individualidade, mas que também é coletivo, isto é, um ser relacional. Relação máxima essa, de estar no mundo, dotado de liberdade, e logo, de responsabilidade, a fim de escolher conscientemente seu modo de agir que pode conduzir a ações que podem se revelar boas ou más para si e para os outros. Portanto, é fato que, por sua racionalidade, ser homem consiste em guiar-se por normas e regras que ele próprio edita em meio a uma sociedade. Dito assim, a consciência moral, no estudo da Teologia, equivale à convergência à pessoa de Cristo Jesus. Requer-se assim, uma adesão pessoal ao Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, com os corações purificados de toda má consciência progredimos no relacionamento humano e com Deus.

Dessa maneira, Marciano Vidal Garcia acertou ao estudar a crise moral com o intuito de justificar a condição imprescindível da moral como estrutura autêntica da vida do homem, gerando, assim, uma conscientização valorativa da moral que, por sua vez, propicia uma formação e estruturação da consciência moral como fundamento ético dos juízos e ações morais. Portanto, o desenvolvimento deste trabalho à luz da vida e obra de Marciano Vidal, aponta alguns aspectos essenciais que evidenciam a crise de valores da modernidade, acena com a possibilidade de superação dessa mesma crise em busca da efetiva formação de uma reta consciência moral que dinamize e fundamente a vida do homem cristão moderno. Pretende-se, portanto, a partir deste trabalho, compreender que a consciência moral não é simplesmente um código de normas concebidas, comportamentos e do agir humano, mas, é assegurar a formação da consciência moral em permanente processo. A constituição da consciência moral brota também de uma reflexão radicada num “horizonte propriamente espiritual, em que a acolhida do dom gratuito de Deus precede e orienta a resposta do ser humano”¹.

O trabalho se divide em três capítulos: O primeiro capítulo é basicamente composto, de modo a esclarecer alguns conceitos importantes sobre a Teologia Moral, em cujo âmbito deve ser despertado o próprio valor da consciência moral e expor de modo sistemático os conceitos elementares da Teologia Moral que tratam de modo mais explícito e detalhado os temas particulares no que concerne à compreensão e à formação da ‘Consciência Moral’. Antes de tudo, é intenção oferecer ao leitor um auxílio e orientação que sejam de grande valia no estudo do entendimento da Teologia Moral em diálogo com a pós-modernidade. O

¹PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral*. Raízes Bíblicas do agir Cristão. São

primeiro capítulo procura abordar os elementos essenciais que constituem uma ética e uma moral enraizadas na Tradição da Moral Cristã.

O segundo capítulo exprime de modo fundamental a exposição dos temas relativos à Teologia Moral e à compreensão e formação da consciência moral. Visto assim, o segundo capítulo chama a atenção para o significado emergente da consciência moral que implica em sua formação e educação. Essa consciência moral vem emergindo gradativamente, a partir da formação. Para a formação de uma consciência cristã, é preciso compreendê-la e educá-la, ou seja, é preciso uma reta razão, uma consciência bem formada e verídica, que possa formular julgamentos conforme a razão, de acordo com o bem. Dessa forma, a moral é o que corresponde à razão e efetiva a consciência moral. Assim reza o princípio norteador do segundo capítulo, que leva a abordar os elementos intrínsecos do agir moral e, de modo especial, a mostrar o que se há de compreender sobre a palavra consciência e seu significado claramente definido.

O terceiro capítulo aborda elementos imprescindíveis do agir moral, no âmbito da Ética Cristã. Observa a fundamentação de uma Teologia Moral, entendida não somente no princípio da razão, mas, compreendida principalmente no sentido de ‘razão e fé’. Somente nesse caminho, como princípio fundamental da Ética Cristã, é que a formação da reta consciência moral se torna uma verdadeira garantia de conquistas humanas e não desmorona para uma moral sem normas, na qual vigora o arbítrio subjetivo como elemento determinante. Assim, a mensagem do Evangelho concede a capacidade de descobrir os caminhos do bem e trilhá-los; e conseqüentemente, faz conhecer a força auxiliadora da graça de Deus, que motiva aquele que segue o caminho do bem e traduz para a realidade da vida aquilo que foi conhecido como bem. Com a presença de Cristo no agir humano, descobrem-se os pontos cruciais e essenciais que formam de maneira resoluta uma reta consciência moral que é consequência do seguimento de Jesus e que se concretiza no verdadeiro testemunho do discipulado preenchido na fé pelo serviço aos outros, na garantia de vivificar a verdadeira paz guiada pela consciência do amor de Cristo.

A COMPREENSÃO DA CONSCIÊNCIA MORAL SEGUNDO MARCIANO VIDAL GARCIA

CAPÍTULO I

ALGUNS ASPECTOS DA VIDA E OBRA DE MARCIANO VIDAL E OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS NO CAMPO DA TEOLOGIA MORAL

... É sempre simples cair; há um número infinito de ângulos para levar alguém à queda, e apenas um para mantê-lo de pé ².

1.O TEÓLOGO MARCIANO VIDAL GARCÍA

1.1. ASPECTOS PRINCIPAIS DO ITINERÁRIO FORMATIVO DE SUA VIDA

A consciência é objeto de estudo de diferentes disciplinas. Depois da filosofia e da Teologia Moral, foi a vez da psicologia se interessar por esta realidade. Mas, ela é também objeto de estudo da sociologia, da comunicação, da antropologia e mesmo da medicina, da biologia, da economia e outras ciências. “Assim, ao falar de consciência aludimos a uma extensa gama de conteúdos. São vários os centros de interesse que englobam sob o conceito da consciência” ³.

Dessa maneira, a partir do estudo e das reflexões de Marciano Vidal, sobre a consciência moral percebe-se, de um modo geral, a necessidade de elaborar orientações e propostas de como o homem moderno pode alcançar e adquirir uma reta consciência moral com temas fundamentais para uma compreensão hodierna da vida moral.

²CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. São Paulo: Edições Mundo Cristão, 2008. p. 168.

³VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. V.1: Moral Fundamental. 3.ed. Aparecida: Santuário, 2000. p. 347.

Portanto, a presente pesquisa trabalhará com os aspectos de uma compreensão e formação da consciência moral evidenciado nos principais estudos e escritos de Marciano Vidal, mais precisamente no que concerne ao estudo e a compreensão de uma reta consciência moral, que resultará em reflexões e implicações de cunho teológico-moral. Assim, será possível explanar o que significa construir uma reta consciência moral à luz das reflexões de Marciano Vidal, e com suas possíveis contribuições aos inúmeros desafios que enfrentamos na pós modernidade.

Agora, formula-se uma breve fundamentação a respeito de Marciano Vidal. Propondo dentro do lar da teologia os principais aspectos do itinerário formativo do teólogo moralista. De fato, diz Vidal, sem abandonar o objetivo primordial, “que é expor meu próprio pensamento sobre a fundamentação da Moral Cristã, tive sempre a preocupação de reunir os dados bibliográficos mais relevantes dos últimos decênios sobre a melhor parte da produção teológico-moral...”⁴.

O teólogo e religioso Marciano Vidal García⁵, nasceu em São Pedro de Trones, Espanha, província de Leon, na diocese de Astorga, no dia 14 de junho de 1937⁶. Praticamente muito jovem, seguiu o curso nos estudos de Humanidades no Seminário Menor “El Espino”, durante os anos de 1949 a 1955. Encerrado o postulante nos anos de 1955 e 1956, fez noviciado em Nava del Rey (Valladolid). Terminado o noviciado, fez sua profissão religiosa na Congregação do Santíssimo Redentor no dia 15 de agosto de 1956. Coursou no Seminário Maior de Santo Afonso de Laguna a Filosofia e Teologia durante os anos de 1956 a 1963. Encerrados os seus estudos de teologia e filosofia, foi ordenado sacerdote em Laguna de Duero, Valladolid, no dia 9 de setembro de 1962⁷.

Logo após a sua ordenação sacerdotal, Marciano Vidal licenciou-se em Teologia pela Universidade Pontifícia de Salamanca, tendo completado o curso no dia 13 de julho de 1964. Doravante, especializou-se em Teologia Moral na Academia Afonsiana de Roma (1965 a 1967), adquirindo o título de doutor em Teologia com especialidade em Moral. Especializou-se também nos estudos de Psicologia Clínica na Escola de Psicologia e Psicoterapia da Universidade Complutense de Madri, nos anos de 1968 a 1970. Depois, diante de sua longa

⁴ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003, p. 09.

⁵ VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring*. Um renovador da moral católica. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999. p. 01.

⁶ *Ib.* p. 05.

⁷ Cf. BRANDÃO, Welington Cardoso. *Antropologia da ética da sexualidade em Marciano Vidal*. 2006. p. 47. Dissertação (Mestrado em Teologia) Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

formação acadêmica, Marciano Vidal exerceu diversas atividades em institutos universitários de Ciências Morais ⁸.

Efetivamente Marciano Vidal desenvolve um grande papel em suas atividades docentes. Como notável teólogo, escreveu muitas obras no campo de Teologia Moral, tais escritos constituem hoje uma grande fonte de riqueza que contribui para as reflexões na vasta área da Teologia Moral. Dentre suas numerosas obras, destacamos a *Moral de Atitudes*, dividida em três volumes (*Moral Fundamental*, *Ética da Pessoa* e *Moral Social*). Nessas obras, o autor contribui com uma introdução à ética teológica, ponderando a tradição teológico-moral, e a sua renovação impulsionada pelo Concílio Vaticano II, bem como o diálogo com os novos conhecimentos a respeito do homem, a situação histórica e a expressa referência ao compromisso de libertação.

Durante os anos de 1965 a 2010, Marciano Vidal publicou mais 60 livros. Algumas de suas obras destacam-se muito como, por exemplo, em 1971 a sua publicação com o livro *A Moral do amor e da sexualidade*. Obra esta que visa formular positivas reflexões no que parece mais adequado para expressar a realidade moral da sexualidade. Em 1972, publicou a *Moral e sexualidade pré-matrimonial*. Em 1976, publicou *O novo rosto da moral - Da crise moral à moral crítica*, no qual visa com certeza atingir um conhecimento teológico-moral mais coerente com a fé e mais engajado na transformação do mundo moderno⁹. Em 1977, publicou *Modelos de uma ética cristã* e, em 1980, a *Moral do matrimônio*. Em 1980, *A Educação Moral*. Em 1981, *Ética Civil e Sociedade Democrática*. Obras essas que destacam com grande relevo uma produção teológico-moral para se conhecer suficientemente as bases teológicas da vida moral e ética cristã. Em 1989, *A ética civil e Moral Cristã*, obra que trás uma originalidade metodológica como texto relevante nos cursos de formação cristã. Em 1989, lançou *Para conhecer a ética cristã* que com obviedade é uma síntese completo da Teologia Moral renovada. De eficazes exposições fundamenta-se na Bíblia, na tradição e no magistério eclesial, bem como nas ciências humanas. Outra obra de valor admirável do autor, chamada *Bernhard Häring de 1999*, no qual Marciano Vidal faz uma “avaliação da produção literária haringuiana, ressaltando sua definição para a renovação da Teologia Moral católica nos últimos tempos” ¹⁰. Bem como, *Moral de opção fundamental e atitudes* de 1999, frisando a importância do discernimento da moral no mundo na formação de uma sã consciência. Destaca-se também a obra *Nova Moral fundamental – o lar teológico da*

⁸ Cf. lb. p. 48.

⁹ Cf. lb. p. 48.

¹⁰ Cf. lb. p. 49.

ética de 2003, como um autêntico manual de ética e moral teológica que oferece sobre tudo um rico conjunto de dados bibliográficos acerca da teologia-moral dos últimos decênios.

Verificamos também uma obra elementar produzida em 2007, chamada *Moral Cristã em tempos de relativismos e fundamentalismos*, expressando a relação entre secularidade e a Moral Cristã podendo ser analisada de diversas perspectivas com intuito de compreender o significado da verdadeira Moral Cristã em nossa modernidade. Em 2008 trouxe uma importante obra chamada *Psicologia do sentido moral*, que evidencia de forma didática as questões psicológicas da moralidade da vida das pessoas. Encerando com o tema da educação moral como questão fundamental para formação de uma reta consciência moral.

Ao longo de sua vida, o teólogo Marciano Vidal tem produzido grandes obras que apresentam aspectos relevantes à realidade da pessoa e da sociedade como, por exemplo, sua mais recente obra intitulada *Nova Moral Fundamental – o lar teológico da ética*. Esta obra ultrapassa os limites do tratado de moral. Em certo sentido é como uma suma ou balanço da Teologia Moral no começo do terceiro milênio da era cristã. Em outra obra relacionada destaca-se um precioso trabalho na síntese da *História da Teologia Moral*, que submete o leitor a apreciar a verdadeira fundamentação da Moral Cristã e, em outro trabalho, verificamos sua atenção aos problemas morais relacionados à organização atual e futura da comunidade mundial: *ética mundial em contexto teológico*. Portanto, em certo sentido essas principais obras destacadas “possuem uma suma ou balanço da Teologia Moral para os tempos atuais”¹¹, expondo assim, “uma fundamentação Moral Cristã que fundamenta a compreensão e a formação de uma reta consciência moral contribuindo cada vez mais para fazer um mundo cada vez mais humano em louvor de Deus Pai por Cristo no Espírito”¹².

¹¹ Cf. VIDAL. Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003, p. 09.

¹² Cf. *ib.* p. 09.

1.2. AS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS NO CAMPO DA TEOLOGIA MORAL EM MARCIANO VIDAL

O homem é pessoa. Desde seu próprio ser, como coisa própria de sua natureza, lhe vem o que por si responde, que vem de responsabilidade. Mas somente há resposta quando precede um chamamento ao tu...¹³.

A linha de raciocínio teológico-ético-moral de Marciano Vidal recebe grande influência de dois bons moralistas católicos: Santo Afonso Maria de Ligório e Bernardo Häring.

Em relação à importância do pensamento de Afonso Maria de Ligório na vida dos religiosos redentoristas, Vidal afirma que ele ocupa um lugar de relevo na história da moral católica, tanto pelo valor da sua obra, em si, como, sobretudo, pela influência que este teve na Igreja no método da moral católica no século XIX e início do século XX”¹⁴. A restauração da moral afonsiana deve-se a “vitória” da benignidade evangélica frente ao rigorismo moral de raiz jansenista e a “normatização” na prática do sacramento da Penitência. Sendo um genuíno casuísta e escrevendo a sua moral na etapa do *ancien regime*, Afonso abre-se às novas sensibilidades que surgem do Iluminismo e que iriam se consolidar com a Revolução Francesa¹⁵. Santo Afonso considera a moral um verdadeiro conhecimento à salvação. Não entende a reflexão teológica moral como simples exercício de pura capacitação acadêmica. Vidal nos expõe que a orientação salvífica da moral afonsiana manifesta-se:

Na rejeição ao excessivo rigorismo, que leva consigo uma carga condenatória;

Na aceitação pastoral da ignorância inculpável para impedir o pecado mortal;

Na aplicação de critérios morais segundo a situação concreta da pessoa, buscando não a perfeição formal do sistema moral, mas a salvação e a perfeição da pessoa em sua situação concreta¹⁶.

¹³ VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring*. Um renovador da moral católica. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999. p. 66.

¹⁴ Cf. VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 434.

¹⁵ Cf. BRANDÃO, Wellington Cardoso. *Antropologia da ética da sexualidade em Marciano Vidal*. 2006. p. 51. Dissertação (Mestrado em Teologia) Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

¹⁶ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003, p.597.

Através da presença viva da Teologia Moral de Santo Afonso, padroeiro dos moralistas, Marciano Vidal recebe particular influência, e dessa maneira cuida de modo especial da Teologia Moral em seus estudos e pesquisas. De fato, sua Teologia Moral, “possui certa objetividade, pode-se dizer de uma tradição totalmente redentorista (ou afonsiana) no campo da reflexão teológico-moral”¹⁷. Assim, existem traços específicos no pensamento de Marciano Vidal que salientam a dimensão pastoral, a vinculação com a espiritualidade de caráter cristocêntrico, o caráter salvífico, a insistência no valor da consciência enquanto norma pedagógica de maturidade cristã e a referência aos problemas da vida cotidiana e das pessoas mais abandonadas socialmente e eclesialmente¹⁸.

Para Marciano Vidal, chama a atenção encontrar em Santo Afonso de Ligório, “mestre de sabedoria moral”¹⁹, no dizer de João Paulo II, esta constatação, muitas vezes repetida: “tendo em conta a frágil condição humana...”²⁰. De fato, após uma nova percepção da situação da frágil condição humana, os teólogos moralistas utilizam-se de novas categorias para repensar a Moral Cristã. Dessa maneira, “utilizam a ‘lei da gradualidade’, segundo o significado dado pela Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*,”²¹ e utilizam-se “também do princípio da ‘benignidade pastoral’, de sabor claramente afonsiano, embora a vida moral seja pensada e vivida na tensão entre o ideal cristão e a fragilidade humana”²².

Dessa forma, a influência de Santo Afonso de Ligório na constituição do pensamento e na formação de Marciano Vidal é claramente encontrada nas suas obras dedicadas a Santo Afonso. Marciano Vidal publicou uma obra em 1986 intitulada *Frente ao rigorismo moral, benignidade pastoral: Afonso de Ligório (1696 – 1787)*. E com grande ênfase publicou nos anos de 1995, o pensamento de Ligório em relação à família, com o título *A família na vida e no pensamento de Afonso Maria de Ligório*. No decorrer dos anos posteriores Vidal, escreveu novas obras com diversos títulos sobre a influência de Santo

¹⁷ Cf. BRANDÃO, Welington Cardoso. *Antropologia da ética da sexualidade em Marciano Vidal*. 2006. p. 50. Dissertação (Mestrado em Teologia) Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

¹⁸ Cf. VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003, p. 590.

¹⁹ Cf. BRANDÃO, Welington Cardoso. *Antropologia da ética da sexualidade em Marciano Vidal*. 2006. p. 50. Dissertação (Mestrado em Teologia) Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² Ib. p. 50.

Afonso, como, por exemplo, as obras intituladas *Deus misericordioso e consciência moral* no ano 2000 e *A espiritualidade de Santo Afonso – Projeto de vida cristã* apresentada em 2004²³.

Estudou-se o bastante e se documentou muito o processo da “ligorização” da moral católica no século XIX e início do século XX quanto à “aceitação”, nem sempre fácil, do pensamento moral afonsiano nos diversos ambientes do catolicismo contemporâneo. É curioso como ao longo do século XIX a maior parte dos manuais de moral católica sejam escritos “de acordo com a mentalidade de Santo Afonso” (“ad mentem S. Alfonsi”). É ainda mais curioso que aos dois anos da morte do Santo Doutor napolitano, um jesuíta espanhol exilado na Itália, Andrés Galán, publicasse um compêndio da moral afonsiana e que tenha grande sucesso a julgar pelas edições. Em meados do século XIX o prestígio de Santo Afonso chega ao ápice. “a Teologia Moral, disse o conhecido teólogo G. T. Bouquillon, pode-se dizer que é ‘afonsiana’²⁴.

Um segundo aspecto relevante na constituição e formação do pensamento de Marciano Vidal é exercido pela influência do teólogo moralista B. Häring. Eles conheceram-se em outubro de 1965, quando B. Häring esteve em Madri, pela primeira vez²⁵, para tomar parte no “Primeiro Congresso de Teologia Moral” (13-16 de outubro de 1965), organizado pelos padres Redentoristas, no qual foi lançado ao público da Espanha o programa de Renovação da Teologia Moral²⁶. Ao resumir a obra de Häring, Vidal destaca quatro pontos principais: 1) a compreensão da vida cristã como vocação, “resposta” alegre ao “chamamento” amoroso de Deus; 2) a orientação cristológica do agir cristão, enquanto realização do seguimento de Cristo; 3) a tonalidade personalista no modo de entender e de viver as exigências da Moral Cristã, mas não um personalismo fechado e egoísta, e sim altruísta e solidário; 4) a perfeição como meta de vida cristã, contando com aquilo que Santo Afonso denominava “a fragilidade da presente condição humana”²⁷ e, conseqüentemente, aceitando a lei da gradualidade, tendo como atitude geral a lei da benignidade pastoral²⁸.

Marciano Vidal, que conheceu de perto a Häring, sabe por excelência da sua vida intensa e da sua grande personalidade. E afirma Vidal: “não é minha pretensão fazer todas as

²³ Cf. MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS. *Biografia de Marciano Vidal*. Disponível em: <<http://www.iscm.edu>>. Acesso em maio de 2012.

²⁴ Cf. VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003, p. 435.

²⁵ BRANDÃO, Wellington Cardoso. *Antropologia da ética da sexualidade em Marciano Vidal*. 2006. p. 51. Dissertação (Mestrado em Teologia) Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

²⁶ Cf. VIDAL, Marciano. *Bernhard Häring*. Um renovador da moral católica. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulus, 1999. p. 05.

²⁷ *Ib.* p. 07.

²⁸ *Idem.*

análises a respeito do significado que teve o Pe. Häring na vida eclesial na segunda metade do século XX”²⁹. Mas, sem dúvida alguma “Häring é um grande símbolo da renovação da Teologia Moral na modernidade”³⁰.

Segundo Vidal, um dos valores máximos da influência de Häring no estudo e na construção do pensamento teológico-moral como novidade em sua vida foi de situar Cristo como a centralidade da vida moral e como orientação básica do discurso teológico-moral. “Para Häring Cristo é a ‘pessoa’ na qual acontece o ‘chamado’ de Deus e através da qual o fiel dá ‘resposta’ agradecida e consequente (*A lei de Cristo*, obra publicada em 1954, que expõe com relevância um novo contexto de moral para contemporaneidade)”³¹. A moral de Häring é consequentemente uma moral do seguimento de Jesus, “é mais uma opção assumida espontaneamente que uma categoria justificada e analisada”³².

Marciano Vidal em suas sábias palavras sobre o Pe. Häring afirma o seguinte:

O Pe. Häring é o símbolo da renovação da moral católica na segunda metade do século XX. Não se trata de afirmar que todo o trabalho de renovação teológico-moral se deva a ele. Mas, sim é necessário reconhecer que a ele é devido o fato de na Igreja católica termos recuperado uma formulação e uma vida moral com traços mais evangélicos³³.

Muitos desses traços presentes nas obras de Vidal indicam a influência de Santo Afonso e Häring. São exemplos a presença da dimensão pastoral em sua Teologia Moral e a orientação cristológica no agir cristão como caminho da Moral Cristã. Para Vidal, “o cristocentrismo é um dos traços indiscutíveis na maneira de apresentar e de viver a Moral Cristã no mundo atual”³⁴ e “a Moral Cristã se caracteriza, como um de seus traços básicos, por ser a realização do seguimento de Jesus num tempo histórico determinado e numa biografia concreta”³⁵.

A matriz personalista cotidiana no pensamento de Vidal é outro traço característico de tal influência. Assim, o personalismo constitui o horizonte imprescindível para a reflexão moral de nosso tempo. Marciano Vidal nos apresenta:

²⁹ Cf. lb. p. 06.

³⁰ Cf. lb. p. 07.

³¹ Cf. VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003, p.123.

³² Cf. lb. p. 123.

³³ lb. p. 07.

³⁴ lb. p.111-112.

³⁵ lb. p.116.

Creio que é preferível usar um paradigma de sinal personalista para se entender e programar a moral em nossos tempos. Nesse modelo, a educação moral, é entendida como um processo de amadurecimento da pessoa como sujeito moral. A moralidade é uma das dimensões básicas da existência humana...³⁶.

Marciano Vidal salienta a constante problemática que envolve o cotidiano da vida hodierna das sociedades, presente em muitas de suas obras, como, por exemplo, *Moral Cristã em tempos de relativismos e fundamentalismo*. Nessa obra o teólogo escreve sobre temas como o contexto da secularidade, a globalização, a responsabilidade, o bem estar humano, bioética, clonagem, embrião humano, matrimônio, família, direitos humanos, reprodução assistida, etc. Na obra *Para conhecer a Ética Cristã*, Vidal apresenta temas sobre a moral econômica, moral política, moral da violência e do conflito, ética da paz diante da imoralidade da guerra e, em uma de suas últimas publicações, em 2008, apresenta o tema *Psicologia do sentido moral*, uma reflexão sobre as relações entre a moral e a psicologia, analisando as bases psicológicas do sentido moral, fazendo-o, preferencialmente, a partir dos interesses do discurso da ética, tanto filosófica quanto teológica.

Fica claro que, influenciado por Santo Afonso de Ligório e B. Häring, Marciano Vidal, descreveu uma Teologia Moral personalista radicada, realista e equilibrada, a partir dos problemas e dificuldades concretos da pessoa. Mas, na constituição de seu pensamento teológico-moral, não fecha os olhos para a crise da Teologia Moral que atinge de forma concreta o mundo ocidentalizado.

Contudo, muitos teóricos da cultura ocidental contemporânea situam o nascimento da modernidade no final de uma grande crise de plausibilidade dos modelos tradicionais: de sociedade e de sua escala de valores, da cultura ocidental, do regime de cristandade. Tal tese representa uma interpretação negativa da modernidade, concebida como “fenômeno de culpabilidade” (F. Delekat), como “propensão fatal do ocidente em decadência” (H. Beckmann), como “ilegitimidade histórica” (H. Blumenberg), etc. Nem a crise, porém, nem muito menos a revolução, explicam em última instância a origem da situação moderna. Não é uma ruptura e sim o nascimento por gestação de novidade acumulada que constitui o princípio da modernidade³⁷.

³⁶ Ib. p. 646.

³⁷ VIDAL, Marciano. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 105.

A partir do estudo dos escritos de Marciano Vidal, observa-se o importante foco dado à conceituação da consciência moral. Consciência é um termo muito usado na modernidade e, às vezes, mal usado e interpretado. Ao analisarmos os termos consciência moral à luz da obra pesquisada, verificamos o seu real e importante significado para os estudos teológicos.

As obras de Marciano Vidal auxiliam e ajudam a sociedade pós-moderna a responder às indagações mais elementares da existência humana sobre a vivência da fé. Dessa maneira, seus escritos tratam das raízes da Moral Cristã, bem como da busca de fundamentação aos conceitos e termos tão referidos por nós no dia a dia, como, por exemplo, o significado da ética, da consciência, da moral, dos valores. Portanto, com a Teologia Moral conquistamos um amplo horizonte para a compreensão do fato de ser cristão à altura do terceiro milênio, visto que o mundo cristão hodierno está sedento de respostas para compreender e viver a fé cristã. Assim, a Teologia Moral jamais deve fechar-se em um lugar solitário e inacessível, mas deve abrir as suas portas para as realidades humanas hodiernas.

A moral, além de teológica, torna-se mais humana e mais racional. Convive e luta com os problemas reais das pessoas reais; interpela os saberes humanos e se deixa interpelar por eles; fundamenta e propõe uma opção própria, mas sempre com o respeito devido a outros projetos autênticos e com o objetivo de construir uma única humanidade reconciliada consigo mesma e em ascensão permanente para as metas ideais de perfeição e de felicidade. Restaura-se assim uma disciplina com a garantia epistemológica de ser Ética e com o selo cristão de ser teológica³⁸.

Dito assim, a compreensão da consciência moral ganha novo alento à luz dos textos de Marciano Vidal, pois não procura-se fazer aqui uma exposição detalhada e minuciosa da evolução da noção e da vivência da consciência moral. Interessa-nos antes, nesse trabalho, descobrir e observar as diversas perspectivas vinculadas ao conceito de consciência moral ao longo da história da reflexão ética. Com este descobrimento progressivo de perspectivas podemos agora formular e conceituar mais adequadamente o conceito de consciência moral a ser vivenciada pelo homem moderno. Portanto, não existe afirmação mais soberba que o homem possa fazer que a de dizer: “agirei de acordo com minha consciência”. Sem a existência da consciência, a raça humana teria ficado paralisada em sua caminhada³⁹. Por essa razão, a importância da consciência moral para a vida de cada pessoa e para o futuro da humanidade tem sido sempre sublinhada muitas vezes e de muitos modos para que, através da

³⁸ *Ib.* p. 07.

³⁹ Cf. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. V.1: Moral Fundamental. 3.ed. Aparecida: Santuário, 2000. p. 349.

história, os homens possam preservar os princípios elementares de formação de caráter de uma reta consciência que são por excelência os princípios da justiça, do amor e da verdade contra todas as classes de oposições injustas em que o homem tende a renunciar e discernir ao longo de sua vida terrena, isto é, “a consciência moral não só deve ser reta, mas deve-se abrir à verdade. No processo de abertura à verdade há um processo sempre constante e em contínua revisão a partir da base da retidão”⁴⁰.

1.3. CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A COMPREENSÃO DA CONSCIÊNCIA MORAL

A consciência não cria a moralidade, mas tem a função de mediação entre o valor objetivo e a situação pessoal. Por isso, deve afirmar também que a consciência é uma norma interiorizada em relação indissolúvel com a normatividade objetiva (ou exterior)⁴¹.

A identidade de Homem: “*Adam* desta *adamanh*, *Homo* deste *Húmus*”⁴², isto é, o homem da Terra, em todos os seus sentidos expressa fundamentalmente a compreensão mais originária e específica do significado da própria ética. Na sua origem, a ética identifica-se objetivamente com a dimensão humana, numa compreensão integral da pessoa enquanto ser de significados últimos e de valores⁴³. “Ao reconhecer a consistência do homem enquanto sujeito real compreende-se o humano não desde as “mediações”, mas desde a originalidade de seu próprio ser”⁴⁴. Todavia, a palavra “ética” vem do grego – *ethos* e se refere aos costumes, a conduta de vida e a regras de comportamento. Etimologicamente, indica o mesmo sentido que a palavra *mos* – moral, como esclarecem vários filósofos, como por exemplo, Vásquez:

⁴⁰VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 575.

⁴¹ *Ib.* p. 575.

⁴² GESCHÉ, Adolfo. *O cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 69.

⁴³ “Já na etimologia, portanto, encontramos as duas vertentes clássicas da reflexão ética: a subjetiva, centrada em torno do comportamento individual, e a objetiva, fundada no modo coletivo da vida. Essas duas vertentes foram cumpridamente exploradas pelo pensamento grego. Na primeira delas, individual, a regra de vida proposta foi a virtude moral; na segunda, a lei. A virtude moral sendo o produto dos usos e costumes, disse Aristóteles, não existe nos homens naturalmente, pois nada é natural, se adquire pelo costume...”. COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 96.

⁴⁴VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 181.

Assim, portanto, originariamente, ‘*ethos*’ e ‘*mos*’, caráter e costume, assenta-se num modo de comportamento que não corresponde a uma disposição natural, mas é adquirido ou conquistado por hábito ⁴⁵.

O pensamento moderno, sobretudo as reflexões filosóficas, deu muita importância ao significado de *ethos* como “morada do ser” ou como estilo humano de morar ou habitar ⁴⁶. Portanto, o termo grego *ethos* quer, antes de tudo, significar “habitação”, e daí, “hábitos”, “costumes”, “ética” (como vemos, a moral não está ausente de nosso propósito, mas no seu lugar adequado) ⁴⁷. Enfim, o homem é um ser feito para habitar e é habitando a terra de modo responsável que definimos nossa identidade e especificidade ética.

A reflexão ética tem por objeto o conjunto da existência humana enquanto ela se realiza mediante atuações livres e consequentemente responsáveis. A ética é de uma grandeza teórica que, embora precise de contribuições interdisciplinares, tem um caráter unitário. Por outro lado, sua funcionalidade tem aplicação igual em todos os campos da realidade humana... ⁴⁸.

Dessa forma, a ética tem o dever de pensar e julgar a moral, pois nem sempre o costume de um determinado povo ou grupo (religioso, social, institucional etc.) é correto e visa o bem comum. Na maioria das vezes, visa o desenvolvimento de uma determinada instituição e não do ser humano como tal, sacrificando, portanto, a dignidade humana para salvar uma instituição privada. Visto assim, a ética desinstala a moral e impede que ela se feche sobre si mesma. Obriga-a constantemente a uma renovação no sentido pleno de garantir uma habitabilidade e a sustentabilidade da vida humana ⁴⁹. “A instância ética tem como obrigação introduzir na consciência humana a justiça” ⁵⁰, ou seja, realizar o sentido do *ethos* e criar situações humanas cada vez mais dignas e justas à humanidade.

Diante de tantas situações e condições desumanas acentuadas na sociedade hodierna, como a pobreza, as carências de toda ordem, condições injustas de vida, falta de trabalho,

⁴⁵ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 16.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 14.

⁴⁶ Cf. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. V.1: Moral fundamental. Aparecida: Santuário, 1993. p. 23-24.

⁴⁷ GESCHÉ, Adolfo. *O cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 87.

⁴⁸ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 635.

⁴⁹ “Como se vê, o raciocínio passa, insensivelmente, da vida individual à social, dos hábitos pessoais às leis, do êthos ao éthos. Para o pensamento grego, de modo geral, não existe separação admissível entre a vida ética do cidadão e a organização ética da vida política, dado que a virtude nada mais é do que a Lei interiorizada, e a Lei, a moral objetivada”. COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 97.

⁵⁰Ib. p. 473.

falta de moradia digna, falta de vida..., a reação imediata de muitos na sociedade se enfraquece em propor princípios éticos de vida, de respeito, de honestidade, de dignidade humana, de não violência, de bondade, de valorização da vida. Certamente, é importante o ser humano jamais esquecer esses princípios éticos e não desanimar-se, mas fortalecer-se com esses princípios. Sem razões, a ética se torna arbitrária e impositiva. Contudo, nenhuma ética se sustenta em si mesma. Ela sempre deve ter razões que a fundamentam. Portanto, a “ética é a decorrência de convicções internas, decorrência da compreensão das realidades que cada um tem. O discurso ético deve levar em conta essa riqueza e essa complexibilidade”⁵¹. Não basta dizer “tu deves agir assim, sem dar razões válidas para esse imperativo, mas é necessário dar explicação cabal de uma realidade tão decisiva como a dimensão ética-moral do humano”⁵².

Todavia, utilizamos a ética para fundamentar e analisar mais concretamente as atitudes humanas, a moral, dando-lhe um embasamento teórico, na busca do bem comum para toda a humanidade, visando, assim, uma ética universal. No entanto, ela pode também ser vista numa dimensão mais simplificada, sendo utilizada por um grupo, povo, nação, entre outros.

A ética é uma reflexão sobre a ação humana, para extrair dela o conjunto excelente de ações. É uma ciência (reflexão), que tem como objetivo a moral e a lei (referencial da ação humana), e pretende aprimorar as atividades de si desenvolvidas pelos indivíduos, pela busca do excelente. A excelência de uma ação é julgada em função do conteúdo de justiça a que pode dar oportunidade. Por isso, ética não impõe moral e lei, mas propõe rumos possíveis para o aperfeiçoamento de ambas⁵³.

É somente dessa maneira que o ser humano se faz um ser ético, corresponsável pelos comportamentos dos outros, pelo mundo, pela vida à sua volta, não se deixando levar pelas atitudes em decadência num sentido ético.

Nesta perspectiva de um processo de decadência ética, Boff aponta que:

(...) aqui ocorre a decadência num sentido ético, como aquilo que não precisava e não devia ser. O ser humano assume a responsabilidade pelo seu ato de recusa à vida. Aparece então a culpa e o pecado. Pecado é, pois, negar-se a crescer. É recusar-se a evoluir. É fechar-se sobre si mesmo e seu mundo. É recusar-se à abertura infinita⁵⁴.

⁵¹ Cf. VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 638.

⁵² *Ib.* p. 638.

⁵³ SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 15.

⁵⁴ BOFF, Leonardo. *O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 158.

Sem nenhuma dúvida, a Ética serve-se de todas as expressões do espírito humano. O verdadeiro *ethos* não funciona corretamente se não estiver alicerçado no interior da cultura humana. Por exemplo, nunca alcançaremos a ética da solidariedade se não configurarmos uma autêntica cultura ético-solidária. “A Ética constrói um universo de sentidos, de ideais e de valores em que pode habitar a condição humana”⁵⁵.

1.4. A CONSCIÊNCIA ÉTICO-MORAL – CAMINHOS DA REALIZAÇÃO E FORMAÇÃO DA HUMANIDADE

Deve a alma humana defrontar-se com possibilidades reais, mas deve também imaginar outras utopias através das quais possa vislumbrar um caminho, uma escolha para sua formação progressiva ou ir ao encontro de algo que traga a sua realização, sua identidade ética verdadeira...⁵⁶.

Procurando esclarecer e explicar de uma maneira mais efetiva como a formação de uma consciência ética está sendo buscada pelo homem pós-moderno, faz-se necessário antes, uma apresentação geral e objetiva dos principais expoentes do desenvolvimento da ética e da moral no mundo ocidental até a contemporaneidade. “... A moral é um fato histórico, e, por conseguinte, a ética como ciência da moral, não pode considerá-la como um aspecto da realidade humana mutável com o tempo”⁵⁷.

A reflexão ética iniciou-se na Grécia antiga⁵⁸, quando os primeiros filósofos procuraram o fundamento da moral, na compreensão da realidade distanciada das questões místicas.

⁵⁵VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 11.

⁵⁶SIQUEIRA, José Eduardo. *Bioética: estudos e reflexões 2*. Londrina: UEL, 2001. p. 166.

⁵⁷VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 16.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 25.

⁵⁸“A construção da filosofia ética supunha, na Grécia do Século V a.C., fosse ela cuidadosamente distinguida de duas espécies de reflexão, as quais, embora com o mesmo objeto – o comportamento social dos homens –, buscavam finalidades muito diferentes: a reflexão mitológica e a retórica sofisticada”. COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 91.

As doutrinas éticas fundamentais nascem e se desenvolvem em diferentes épocas e sociedades com respostas aos problemas básicos apresentados pela relação entre homens, e, em particular pelo seu comportamento efetivo. Por isto, existe uma estreita vinculação entre conceitos morais e a realidade humana, social, sujeita historicamente à mudança. Por conseguinte, as doutrinas éticas não podem ser consideradas isoladamente, mas dentro de um processo de formação e de sucessão que constitui propriamente a sua história, portanto, se relacionam duplamente⁵⁹.

Ademais, a civilização grega se mostrou, de início, centrada em preocupações basicamente naturalistas. Os pré-socráticos procuravam compreender a origem do mundo material, da *physis*. A partir do século V a.C., surgiram novas condições sociais na Grécia, que favoreceram o crescimento e o surgimento de novas formas de compreensão da pessoa e do mundo, como valores, conceitos, teorias que perpassaram por vários séculos. Sócrates, por sua vez, fundamenta a moral na própria natureza humana, formulando uma ética racionalista, tomando a bondade, o conhecimento e a felicidade que se entrelaçam estreitamente. Já Platão, se interroga sobre o fundamento último da moral⁶⁰. A ética aristotélica influenciou o pensamento ocidental com sua teoria denominada “eudemonismo” (em grego, *eudaimonéo* significa “ter êxito”, “ser feliz”), na qual todas as atividades humanas aspiram algum bem, sendo que o maior deles é a felicidade. Também é possível constatar que a ética de Aristóteles, como a de Platão, está unida à sua filosofia política. “Os problemas éticos são de uma atenção especial na filosofia grega exatamente quando se democratizou a vida política da antiga Grécia e, particularmente de Atenas”⁶¹.

Mais adiante encontramos outros filósofos chamados hedonistas (do grego *hedoné*, que significa “prazer”), que afirmam que o bem se encontra no prazer. Mas, segundo Epicuro (século III a. C.), os prazeres do corpo causam sofrimentos, relacionando, assim, os prazeres ao cultivo espiritual. Já os estóicos, na mesma época, desprezaram todo tipo de prazer e afirmaram que a virtude depende do viver de acordo com a natureza e a razão.

Os estóicos não mais relacionam a moral a *polis*, mas ao indivíduo sujeito a uma realidade cósmica, física. O cosmo é o grande ser, que tem como princípio regente o *Factum*, alma, razão animadora e coordenadora. Não há acaso nem liberdade de mundo, pois aqui acontece a absoluta

⁵⁹Ib. p. 235.

⁶⁰“O caráter nacional da ética e universal foi, de resto, tido como algo natural pelos gregos. No Teéteto de Platão (172 aC), ao discutir a tese carta a Protágoras, de que cada homem julga por si mesmo, segundo seu critério subjetivo, o que é verdadeiro e o que é falso (é este, com efeito, o sentido de sua afirmação famosa: ‘O homem é a medida de todas as coisas, da existência das que são e da não-existência das que não são’)”. Ib. p. 99.

⁶¹Ib. p. 236.

fatalidade. O homem, que está como parte do cosmo, tem seu destino regido por uma necessidade radical. O sábio é aquele que conhece, aceita e age coerentemente com seu destino. A realização suprema do homem é a vida conforme a razão, consciente de seu destino e função no universo ⁶².

Um último esforço de restauração do brilho helênico se dá por meio do neopitagorismo e do neoplatonismo. Tentam superar o apelo das “doutrinas salvadoras”, que insistiam na salvação do homem por obra e graça do homem. Sugerem, pela mística dos números (neopitagóricos) e do retorno a Platão (neoplatônicos), um caminho viável para ascender a realidades transcendentais, superiores, distintas do mundo dos sentidos: uma ligação “eu-realidades-transcendentais”.

Tanto o neopitagorismo quanto o neoplatonismo são tendências filosóficas que acentuam relações transcendentais. Porém, mais do que devoções ou contatos supersticiosos, propõem o contato pessoal e direto entre a alma da pessoa e as realidades supremas, que servem de fundamento à existência em que nos encontramos ⁶³.

Plotino, o maior expoente do neoplatonismo, evidencia que todas as criaturas vêm do Uno, por emanção, e não pelo fato da criação. Consequentemente, elas não provêm dele ao mesmo tempo e imediatamente, mas numa certa ordem e precisão.

Em linhas gerais, “por sua profundidade filosófica e sensibilidade religiosa, a obra de Plotino influenciou todos os filósofos e teólogos posteriores, inclusive, e de modo especial, ‘Agostinho de Hipona’” ⁶⁴.

Na Idade Média, a moral é vista dentro da dimensão religiosa, o cristianismo, isto é, “a ideia do seguimento de Jesus adquire acentos novos, vinculados estes a apoiar os movimentos espirituais de volta ao Evangelho” ⁶⁵ tendo como fundamento o ideal ascético, visando o aperfeiçoamento da vida espiritual. Essa tendência predominou até a Alta Idade Média, sendo modificada com a adaptação do aristotelismo ao cristianismo, por santo Tomás de Aquino, tendo, com certeza, prognosticada uma “ética Natural” ⁶⁶. Assim, a tradição moral fundamentou-se nos valores religiosos e na crença da vida após a morte.

⁶²SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 70.

⁶³Ib. p. 73.

⁶⁴SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 75.

⁶⁵VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 118.

⁶⁶“Em Santo Tomás a palavra ‘natureza’ é comumente utilizada como sinônimo de “essência”, ou mais precisamente para ressaltar o aspecto da essência como princípio de operações (falar, pensar, andar, florescer, frutificar, cantar etc)... A moralidade, portanto, deriva da própria natureza

O período da história ocidental designado como Idade Média, que compreende desde o século VI até o século XIV d. C., é claramente transcendentalista, isto é, as atividades desse período desenvolvem-se primordialmente em referência ao polo transcendental, à relação eu-transcendentais, concretizada pela orientação religiosa do cristianismo. O homem medieval nascia, crescia e morria de Deus, com Deus e para Deus⁶⁷.

O período designado como Idade Moderna, que abrange desde o século XV até o século XVIII, é individualista, ou seja, é a atividade humana referente essencialmente à relação do Eu-comigo-mesmo. “Entendemos por moderna a ética dominante desde o século XVI, até o começo do século XIX”⁶⁸. E destaca-se nesse período a tendência antropocêntrica, em contraste com a ética teocêntrica e teológica da Idade Média. A modernidade, com sua dupla vertente de situação vivida e saber crítico, converteu-se em juiz insubordinável da plausibilidade do discurso ético”⁶⁹.

A partir do século XVIII, surge um novo período chamado Século das Luzes porque em todas as expressões do pensamento e atividades humanas, a razão era vista como uma luz, servindo para interpretar e reorganizar o mundo.

O período da história ocidental designado como moderno compreende o período que vai desde o final do século XVII, o século XIX e parte do século XX. Foi uma época de grande efervescência cultural, produtora de diversas conquistas em variados campos da atividade humana. Ao mesmo tempo, uma época que despertou para questões sociais, isto é, a atividade do período refere-se primordialmente à relação Eu-outros⁷⁰.

Para Kant, o mais importante representante desse período, também chamado iluminismo, a ação moral é autônoma, pois o ser humano é o único capaz de determinar segundo leis que a própria razão estabelece. Assim, a ética Kantiana “é uma ética formal e autônoma. Por ser puramente formal, tem de postular um dever para todos os homens... Por ser autônoma, aparece como culminação da tendência antropocêntrica”⁷¹.

humana. A Lei Moral não é um conjunto de exigências exteriores ao homem, mas expressão de sua natureza, tal como é conhecida em virtude da criação e torna-se conhecida através da razão”. ADRIANO, José. Apontamentos sobre ética cristã. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 36-37, [abr./jun.] 2007.

⁶⁷Ib. p. 75.

⁶⁸VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 16.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 246.

⁶⁹VIDAL, Marciano. *Moral de opção Fundamental e atitudes*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 31.

⁷⁰SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 84.

⁷¹VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 16.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 235.

Por fim, a ética contemporânea, estabelecida a partir do século XIX e que continua exercendo influência em nossos dias, tal como corrobora o pensamento de Kierkegaard (1813 – 1855), com o existencialismo; Sttiner (1806 – 1856), como precursor do anarquismo moderno, e ainda Marx, com a fundamentação do marxismo. Essas novas doutrinas estabelecidas depois de Kant e Hegel surgiram num mundo social que, após algumas revoluções, viu modificada a ordem social que apresenta a natureza racional do ser humano. Uma reação contra essas duas doutrinas é a tentativa de manter concreta a face do formal. Percebendo essa reação, é possível estruturar o pensamento ético de Hegel até os dias de hoje da seguinte maneira: “a) contra o formalismo absoluto e o universalismo abstrato em favor do homem concreto... b) contra a fundamentação transcendente (metafísica) da ética em favor da procura da sua origem no próprio homem...”⁷². Por essa razão, as questões éticas estabelecidas na contemporaneidade surgem e exigem um processo dinâmico de ordem pós-moderna:

O século XIX encerrou-se com saldo altamente positivo. A bem da verdade, desde meados do século XIX, o mundo ocidental exala modernidade. A revolução científica gerou revolução tecnológica, que gerou revolução social, que gerou transformações religiosas e humanas significativas. Modernizar era a palavra de ordem e isso significa percorrer por inteiro a cadeia ciência-técnica-produção-consumo. Modernizar era sinônimo de produzir... O ocidente caminhou decididamente para os atrativos do mundo material, para a terra prometida da produção, do consumo e do conforto, dando início à hegemonia do polo de relação circunstancial “eu-mundo material”. Por isso, o mundo material torna-se a grande atração e a referência; o indivíduo vê a “si mesmo” primordialmente como produtor-consumidor de bens materiais; o “outro” é visto e avaliado pela mesma referência, isto é, pelo potencial de produção e consumo que apresenta; a “transcendência” é vislumbrada primeiramente como a realização material, quase sempre caracterizada no sonho profissão-dinheiro-consumo. Liberdade é liberdade para consumir...⁷³.

Doravante, mais importante do que nunca, a economia, a política enfim todo sistema social, entendido como arte de produzir e consumir ganha teor preponderantemente financeiro, em que o sentido da produção é a venda e o consumo. O valor monetário dos bens é absoluto e a principal mercadoria de consumo é o dinheiro. “E o perigo maior que acompanha esse fenômeno é a perda do sujeito humano revalorando-se o otimismo

⁷²SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 89.

⁷³ *Ib.* p. 90.

consumista”⁷⁴. Assim, perpetua-se a ideia de que o mundo atual gira em torno do dinheiro, e que o século XX gira em torno do desejo de possuir e consumir. Dessa forma, o dinheiro é o mecanismo organizador de tais desejos que como consequência traz decadência no sentido ético, porque tudo e todos se tornam meras mercadorias.

Nosso atual sistema materialista, no qual “padrão de vida” é medido pelo montante de consumo anual e que, portanto, tenta alcançar o máximo de consumo, associado a um padrão ótimo de produção... os únicos valores que figuram nos modelos econômicos atuais são aqueles que podem ser quantificados mediante a atribuição de pesos monetários⁷⁵.

Da explanação dos diversos sentidos éticos e da moral, através da história da humanidade ocidental, podemos ver refletidas nessas várias concepções, as variações do comportamento humano que são um aspecto essencial para uma formação da consciência moral e do caráter do homem como um todo na sociedade em que habita. Portanto, com essas concepções edifica-se uma base sólida para a compreensão de todo um processo formativo ético do homem.

A consciência é um fato de experiência: todos os homens julgam, ao agir, se o que fazem está bem ou mal. Esse conhecimento intelectual dos nossos próprios atos é a consciência. A consciência não é mais uma potência, a somar à inteligência e à vontade. Pode-se dizer que ela é a própria inteligência quando julga a moralidade de uma ação. A base desse juízo são os princípios morais...⁷⁶.

⁷⁴ Cf. VIDAL, Marciano. *Moral Cristã em tempos de relativismos e fundamentalismos. Aparecida: Santuário, 2007. p. 21.*

⁷⁵ CAPRA, Apud, SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 90.*

⁷⁶ SADA, Ricardo; MONROY, Alfonso. *Curso de Teologia Moral. Lisboa: Rei dos livros, 1998. p. 59.*

1.5. SITUAÇÃO ATUAL DA VIDA MORAL SEGUNDO VIDAL

A CRISE ⁷⁷ MORAL

O sentido moral é um fenômeno com o qual se esbarra de forma imediata ao se analisar a existência humana...⁷⁸.

Procurar entender a realidade, estar atento às diversas situações, discernir as propensões e as exigências de uma situação particular hodierna, todos esses esforços exigem da pessoa decisões maduras que indicam como a vida moral caminha de acordo com os diversos valores propostos pela sociedade. Se como alguns pretendem dizer, a situação atual de uma moral, de uma lei moral é algo um tanto quanto variável, que muda com os tempos, que depende das circunstâncias da época, que resulta de acordo entre os homens, qualquer ato moral que fosse considerado bom, em conformidade com os costumes de determinada época, seria tido como algo correto. Segundo esse relativismo, os atos seriam totalmente bons quando fossem considerados bons. Vidal nos exemplifica:

...indica um processo humano no qual intervêm múltiplos fatores. Em sua denominação essencial, expressa a tendência para a mundialização da vida humana. Esta tem sido entendida e projetada em distintas escalas: a escala individual e familiar, a escala étnica e tribal, a escala cidadã e regional, a escala nacional e estatal...⁷⁹.

Por essa razão, são muitos os desafios e muitas as esperanças que surgem na situação da vida moral hoje. De fato, atualmente, a situação moral ocorre por conta da velocidade com que os fatores sociais interferem no comportamento humano. A cada dia, despontam novas teorias, princípios e possibilidades que, se de um lado auxiliam as relações sociais, de outro,

⁷⁷ “O uso desse vocábulo acumulou sobre ele significações de caráter preferentemente negativo. Assim crise é identificada com decadência, depressão, perda de coragem, situação problemática (em economia, em política), desorientação (na cultura, na religião). Por outro lado, o uso culto pretende reivindicar para o termo crise um conteúdo semântico positivo, em conformidade com sua etimologia grega (do verbo *Krinein*, “julgar”). Assim, crise significaria juízo, discernimento, decisão final sobre um processo iniciado, mudança decisiva, escolha. Eu uso aqui o termo crise com o significado mais exato e neutro que corresponde segundo o testemunho do Dicionario de la lengua. Seu núcleo significativo indica uma variação importante dentro do processo normal de uma realidade, variação que dá origem a uma dificuldade especial para o desenvolvimento de dito processo.” VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 715.

⁷⁸ VIDAL, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 09.

⁷⁹ *Ib.* p. 19.

contribuem para a formação de uma nova moral, com arquétipos e preceitos nem sempre ortodoxos e medianamente aceitos. Quando esses princípios entram em choque com a ética (social) e a moral (religiosa), instaura-se um conflito.

Na verdade, a moralidade dos atos humanos não se deve somente da intenção, da orientação ou opção fundamental, interpretada no sentido de uma intenção vazia de conteúdos vinculantes bem determinados ou de uma intenção à qual não corresponde um esforço real nas distintas obrigações da vida moral ⁸⁰.

Ultimamente, muitas pessoas, grupos ou ideologias têm firmado questão na formação de um foco moral particular. Cada um, conforme sua cabeça ou critérios particulares de julgamentos estabelece morais particulares, ao que chamam de “opção de vida”, e querem impor à sociedade tais atos como conduta padrão ou moralmente defensável. Evidentemente, não é porque determinada atitude é escolha ou opção de vida, que pode ser chancelada como ética ou costume moral de uma sociedade. A moralidade não pode ser julgada se, de uma forma ou de outra, prescindirmos da oposição ou da escolha deliberada de um comportamento concreto relativamente à dignidade e à vocação integral da pessoa humana.

Brotando da pessoa e referindo-se à pessoa, a dimensão moral tem toda a riqueza e toda a complexidade do humano. Ela vai do nível biológico até a expressão simbólica, passando pelos planos intermediários das estruturas psicológicas e sociocultural. É evidente que o comportamento moral não se reduz a nenhuma dessas estruturas, nem sequer a todas elas em seu conjunto, já que tem sua peculiaridade, isto é, a referência ao universo axiológico e à responsabilidade última da pessoa; não obstante, essa peculiaridade não acontece, mas existe e tem as estruturas complexas do agir humano ⁸¹.

Visto assim, começaremos a compreender o real significado de crise moral para a modernidade. De fato, a crise moral, hoje, costuma expressar um sentido negativo de impossível mudança e recuperação de uma sociedade caótica e sem futuro. Entretanto, podemos situar o que concerne o verdadeiro significado de crise como uma real variação que acarretará em uma verdadeira escolha e decisão de um sentido de valor. Portanto, essa variação ou mudança possibilitará a origem da dificuldade especial no processo que circunda uma crise moral dentro da sociedade ocidental cristianizada, repleta de variações e mudanças

⁸⁰ JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. Carta encíclica . São Paulo: Paulinas, 1993, n. 67.

⁸¹ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 637.

de valores. Doravante, o melhor método de perceber uma situação de crise é analisar as reais “variações” históricas na estimativa moral humana.

Nossa época não é pior do que outras, talvez seja melhor que a maior parte das anteriores. O que sucede é que ela tem suas próprias crises como se deu com as etapas precedentes. Tomar nota e fazer ponderação sobre a crise moral de nossa época significa viver lucidamente, sem ceder nem à tentação da irresponsabilidade, nem ao desânimo do catastrofismo ⁸².

Atualmente, o mundo ocidentalizado em suas variadas manifestações de vida humana, vivencia uma crise existencial em um mundo órfão de valores ⁸³ e um mundo órfão de Deus ⁸⁴ que realmente lhe traga um verdadeiro fundamento. Essas variadas manifestações acrescentam um suplemento de dificuldade à taxa normal que corresponde à vida. Essa é a crise em sentido definido. Vidal afirma:

Segundo essa noção estrita de crise, o suplemento de dificuldade coincide, e até se identifica, com o aparecimento de uma mudança especial no processo normal. As duas realidades, mudança e dificuldade, são inseparáveis e integram a unidade do fenômeno “crise”. A mudança alude mais diretamente à vertente objetiva, ao passo que a dificuldade se refere mais expressamente ao momento subjetivo ⁸⁵.

Dessa forma, o mundo contemporâneo está repleto de uma vasta “variação moral”, que obviamente propõe vários eixos a uma situação evolutiva de crise moral e conseqüentemente alimenta várias problemáticas na atualidade que acabam por deturpar uma sã compreensão moral. Devido à crise ser uma condição do homem, assim se exprime nos âmbitos básicos da existência humana:

⁸²Ib. p. 715.

⁸³ “Os valores são uma classe peculiar de objetos irrealis que residem nos objetos reais ou coisas, como qualidades ‘sui generis’. Não se vêem com os olhos, como as cores, nem sequer se entendem, como os números e os conceitos. A beleza de uma estátua, a justiça de um ato, a graça de um perfil feminino, não são coisas que se possam entender ou não entender. Só resta ‘senti-las’ ou melhor, estimá-las ou desestimá-las. O estimar é função psíquica real – como o ver, como o entender – onde os valores se nos fazem patentes. E vice-versa, os valores não existem senão para sujeitos dotados de faculdade estimativa, do mesmo modo que a igualdade e a diferença só existem para pessoas capazes de comparar...” Cf. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. V.1: Moral Fundamental. Aparecida: Santuário, 1986. p. 439.

⁸⁴ “...os comportamentos morais não se assentam em princípios e verdades absolutos e, por efeito da secularização do mundo, Deus já não é tido em conta por muitos como critério fundamental na hora de decidirem os seus comportamentos.” Cf. VIDAL, Marciano. *Dez palavras-chaves em moral do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 321.

⁸⁵VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 716.

Categoria biológica: crise no crescimento biológico;

Categoria psicológica: crise no desenvolvimento psicológico;

Categoria social, política, econômica, cultural, religiosa: crise nesses âmbitos da existência humana, individual e coletiva ⁸⁶.

Diante de uma problemática tão atual, convém, hoje, repensarmos os verdadeiros valores morais para uma melhor compreensão do viver concretamente. Evidentemente, nesse sentido estrito ligado a uma crise moral que adota várias modalidades, são tantas as manifestações de crise que Marciano Vidal classifica de modo formal da seguinte maneira:

Em razão da pessoa: crise moral individual e coletiva;

Em razão da causa: crise moral estrutural ou evolutiva e crise situacional ou conjuntural;

Em razão do conteúdo: crise dos valores em geral e crise de determinadas áreas dos valores morais;

Em razão da forma de apresentação: crise na moral formulada e crise na moral vivida;

Em razão da amplitude: crise da moral em geral e crise de uma determinada opção moral (por exemplo, a opção Moral Cristã).

Em razão de sua profundidade: crise radical e crise superficial;

Em razão da solução: crise positiva e crise negativa ⁸⁷.

Sendo assim, esse quadro se compõe de distinções formais. Porém, na realidade, a crise moral adota formas nas quais interferem a maior parte das modalidades aludidas. Portanto, ao se falar de crise moral, indicaremos algumas modalidades de crise preferencialmente em razão do seu conteúdo. Dentre todas as diferentes nuances de sua apreciação sobre a situação moral atual Marciano Vidal denota as seguintes: “Existe uma perda de evidências éticas que somente pode ser assimilada mediante a recuperação da responsabilidade e criticidade morais” ⁸⁸. Por essa razão, percebemos que estamos atravessando um período difícil de crise da Moral. Em outro aspecto, “existe um vazio ético que somente pode ser preenchido com a atitude moral” ⁸⁹. Dito assim, ressaltam-se os traços

⁸⁶Ib. p. 716.

⁸⁷Ib. p. 717.

⁸⁸ VIDAL, Marciano. *Ética Civil e a Moral Cristã*. Aparecida: Santuário, 1998. p. 38.

⁸⁹ Ib. p. 38.

visíveis de uma sociedade que acaba por perpetuar uma desmoralização, um vazio moral. Em outro sentido, “existe uma heterodoxia moral que descobre a profunda inquietação ética do homem”⁹⁰, ou seja, a moral que em nosso tempo está surgindo é heterodoxa de todas as morais já recebidas. No que concerne, heterodoxa em nossos dias “é o que diz ser uma moral atual da diversão e do bem estar programados pelo consumismo”⁹¹. E como Vidal conclui em “*A crise econômica e da civilização*”⁹², manifesta-se a debilidade do *ethos* prevalecente do “negócio” e da “diversão”.

Numa consideração como a atual, abordaremos uma problemática que na contemporaneidade verifica-se como uma constante variação moral em nossa sociedade hodierna. Assim, há uma perda de evidências éticas, uma desorientação de valores, ou seja, perde-se aquilo que é essencial e otimiza-se aquilo que é subjetivo ao meu “eu”, o que vale é o que é bom para mim... Verificamos assim, uma perda constante de valores no que concerne a uma práxis da moral objetivada em uma reta consciência. Averiguamos, de fato, a fluidez, o desagregar das estruturas familiares, o individualismo⁹³, o relativismo⁹⁴ e a pluralização⁹⁵ em uma sociedade que calcifica esses “falsos valores”⁹⁶ como algo natural do agir humano. Convém destacar como mal plausível que desestrutura a moral no seu reto agir, a ditadura do individualismo e a do relativismo ou pluralização dos valores.

Num primeiro momento, o individualismo pode ter um caráter até positivo por estar mascarando o discurso de tomada de decisões. Entretanto, a individualidade do mundo

⁹⁰ *Ib.* p. 39.

⁹¹ *Ib.* p. 39.

⁹² *Ib.* p. 39.

⁹³ “É um fato facilmente constatável a arraigada e persistente tonalidade individualista da moral durante os últimos séculos. Por muitas e variadas razões, a vida moral e o discurso ético sofreram um processo de “individualização”. A descoberta da liberdade individual, as ideologias liberais, o predomínio das formas de vida social marcadas pelo ideal do capitalismo são outros tantos fatores explicativos do amplo e profundo processo de individualização da consciência moral”. VIDAL, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 256.

⁹⁴ “O relativismo ético. Em nossa cultura é desenfreado. Sentimo-lo quase até no próprio ar que respiramos. O relativismo é a forma de encarar os dilemas éticos, sustentadora de que cada indivíduo determina a moralidade de uma situação particular. Determinado ato pode ser moral para mim, mas o é para outra pessoa (por exemplo, o aborto)...” OVERBERG, Kenneth. *Consciência em conflito*. São Paulo: Paulus. p. 46.

⁹⁵ “Pluralismo é uma característica fundamental de nossos tempos, deixando sua marca virtualmente em todas as dimensões do mundo em que vivemos...; mas o período moderno é caracterizado pela desintegração das formas estabelecidas de vida, sistemas de conhecimento e formas de domínio. Em vez de um universo policêntrico que é definido pela falta de um princípio estrutural dominante e por uma pluralidade de perspectivas que gozam de igual posição. Como um conceito, “pluralismo” denota não uma simples multiplicidade arbitrária, mas a justaposição na igualdade de pontos de vista, perspectivas e elementos interpretativos com nenhum princípio de unidade”. KEENAN, James. *Ética teológica católica no contexto mundial*. Aparecida: Santuário, 2010. p. 369.

⁹⁶ “acredito que a crise atual esteja vinculada a “pessoas” (com seus interesses pessoais), repleto de variações”. VIDAL, Marciano. *Moral de opção fundamental e atitudes*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 61.

moderno contribui para um espaço de convivência complicado e de exclusão. Pois, alguém que é individualista pensa, sente e atua segundo seus próprios interesses, dando menor importância ao contexto social em que se encontra. Por exemplo, na estrutura familiar se a família valoriza muito a individualidade, o individual pode chegar ao extremo oposto, criando situações em que a solidariedade corre o risco de ficar obscurecida pela realização da predominância do desejo de um membro da família. Por essa razão, o individualismo abre um espaço de cisão em que comungar com o próximo se torna algo muito difícil e complicado. Desse modo, valores morais de práticas comuns que possam alicerçar e contribuir para a formação de um agir moral eficaz em uma sociedade desaparece, ou seja, no plano de uma sociedade capitalista tendenciosa propõe-se que o importante é pensar em si mesmo e no próprio prazer, sendo menos relevante a relação com o próximo. Essa realidade adentra na sociedade e se torna presente nos seus vários segmentos, estimulando assim, a busca por realizar aspirações individuais e egoístas, prejudicando e deturpando o valor de uma verdadeira moral, pois o que passa valer é a competitividade, o sucesso pelo sucesso, a conquista em si, tendo como único objetivo e objeto a satisfação pessoal.

Diante dessa concepção individualista, começou a se expandir, de algumas décadas para cá, outra interpretação da moral como uma nítida característica de “desprivatização”... Do acento individualista (“existencialista”, “privatizado”), na interpretação da existência humana e cristã, passa-se para acentuação desprivatizada (“pública”, “política”). Existem números e sinais indicativos da existência de uma nova sensibilidade ética diante do mal moral. Esses sinais falam de um deslocamento da culpabilidade, humana e cristã, dos âmbitos fechados da “individualização” para os horizontes abertos da “socialização” ou das estruturas sociais⁹⁷.

Um segundo aspecto não menos importante que começa a se evidenciar nas últimas décadas é o fenômeno do relativismo ou pluralização de valores que permeia as esferas da sociedade e acentua uma real crise moral, indicando que a sociedade atual não se baseia em um só modelo de regras e valores para um bem comum maior, mas em vários modelos de concepções de valores, regras e normas, tendo como base primordial a escolha e preferência do indivíduo. O mal intrínseco a tudo isso ressoa no que podemos traduzir como a cultura do “cada um por si” e do “vale tudo”. Perdem-se as referências, tudo é permitido, desde que possibilite alcançar o sucesso, o bem-estar pessoal, o acesso àquilo que o mundo oferece de

⁹⁷ VIDAL, Marciano. *Dez palavras-chaves em moral do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 257.

melhor. Não existem mais regras; “a verdade” e “o bem” perdem o seu primado. O que importa é “o que me traz prazer”; o “nós” se reduz ao “eu”, e o “nosso” ao “meu”; implanta-se a absolutização do individualismo e do relativismo, que gera o pluralismo de valores, responsável por fragmentar o ser humano e, conseqüentemente, o agir moral. Portanto, a renúncia à responsabilidade moral e aos conceitos de bem e de verdade, que salvaguardam a verdadeira razão de ser, isto é, a liberdade, a igualdade, a justiça, o respeito aos direitos humanos..., podem levar a descrever a situação de uma crise moral em nossos dias que alude simplesmente ao relativismo eminente de um mundo moderno.

A eclosão do problema moral constitui – aqui como em toda parte – uma variável dependente do pluralismo sociológico, cultural e axiológico, com as conseqüentes alternativas que oferece e os inevitáveis conflitos que provoca, tanto nos grupos como nos indivíduos. São os caracteres de toda a sociedade aberta e modernizada por contraste com os da precedente sociedade fechada e tradicional. Não obstante, nossa sociedade não só tem que fazer frente a uma gênese do pluralismo excessivamente rápida e confusa, mas também deve encarar os grandes dilemas que afetam hoje as modernas democracias ocidentais...⁹⁸.

1.6. SER OU NÃO SER, A CRISE DE SENTIDO... A CONSCIÊNCIA EM CONFLITO

Quando os exércitos russos avançavam em direção ao oeste para se encontrarem com os americanos e os ingleses no Elba, uma patrulha soviética prendeu certa Sra. Bergmeier que estava roubando comida para os seus três filhos. Sem poder nem mesmo dar notícias aos seus filhos e sem ter uma razão clara para isto, ela foi levada para um campo de concentração na Ucrânia. Seu marido fora capturado na batalha de Bulge e levado para um campo de prisioneiros no País de Gales.

Quando foi levado de volta para Berlim, passou semanas a fio reunindo os filhos; dois deles (Ilse, com 12 anos, e Paul, com 10 anos) foram encontrados numa escola de detenção dirigida pelos russos, e o mais velho, Hans, com 15 anos, foi encontrado escondido num porão perto da Alexander Platz. O paradeiro da mãe continuou sendo um mistério, porém eles nunca pararam de procurá-la. Mais do que ninguém, ela era necessária para reconstruir a família naquela calamitosa situação de fome, de caos e de medo.

Nesse meio tempo, na Ucrânia, a Sra. Bergmeier ficou sabendo, através de um comandante solidário, que o marido e a família estavam procurando manter-se unidos e encontrá-la. Mas as normas estabelecidas só lhes permitiam libertá-la por duas razões: (1) uma doença que necessitasse

⁹⁸ VIDAL, Marciano. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 264.

de tratamento fora do campo de concentração, caso em que ela seria encaminhada para um hospital soviético de outra localidade; (2) em caso de gravidez, quando seria encaminhada para a Alemanha, como uma obrigação.

Ela ponderou a situação e, por fim, pediu a um guarda alemão no campo de concentração em Volga, seu amigo, que a engravidasse, o que ele fez. Após a constatação da gravidez, através de um exame médico, ela foi recambiada para Berlim e para junto da família. Eles a receberam de braços abertos, mesmo quando ela lhes informou como conseguira contornar a situação. Quando o menino nasceu, o casal o amou mais do que os outros filhos, tendo em mente que o pequeno Dietrich havia feito por eles mais do que qualquer outro. Quando chegou a vez de ser batizado, levaram-no até o pastor, num domingo pela tarde. Após a cerimônia, mandaram o menino de volta para a família, junto com os outros filhos, e os dois sentaram-se na sala do pastor para lhe perguntar se estavam certos ao sentirem o que estavam sentindo a respeito da atitude da mãe e a respeito do menino. Deveriam eles sentir-se agradecidos ao alemão lá em Volga? A Sra. Bergmeier tinha feito uma coisa correta?⁹⁹.

A vida acaba nos mostrando múltiplas escolhas morais. Como o caso da Sra. Bergmeier, que realmente é um exemplo claro e inquietante e que representa a questão moral fundamental a respeito da qual todos nós fazemos questionamentos. Assim, desde que nos conhecemos como seres dotados de racionalidade, em várias situações de nossas vidas surgem problemas que exigem decisão e ação. “O que devo fazer?” Esta pergunta representa em si o começo das nossas indagações éticas. Portanto, a situação da Sra. Bergmeier destaca efetivamente as múltiplas realidades envolvidas na tomada de decisões de ordem moral. No seu caso, mais especificamente, algumas dessas realidades são: o seu relacionamento com o marido e com a família, os seus compromissos matrimoniais, a sua própria integridade, o significado da sua relação sexual, seu relacionamento com o guarda do campo de concentração, o relacionamento da criança Dietrich com os demais membros da família, as condições hediondas do campo de concentração.

De fato, a nossa moralidade se baseia fundamentalmente na realidade. Portanto, a pergunta “O que devo fazer?” terá uma nova perspectiva de questionamento se for revertido a uma pergunta mais fundamental “O que devo ser?”. Marciano Vidal enfatiza que “o objetivo perseguido é o de descobrir a gênese e os mecanismos que fazem da consciência moderna uma consciência que ‘falsifica’ a realidade”¹⁰⁰ e “como resultado, a consciência moderna aparece como uma ‘consciência falsa’”¹⁰¹. Portanto, somente se tivermos certa compreensão daquilo que é a existência humana é que poderemos determinar se certa ação promove ou

⁹⁹ OVERBERG, Kenneth R. *Consciência em conflito*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 21.

¹⁰⁰ VIDAL, Marciano. *Dez palavras-chaves em moral do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 71.

¹⁰¹ *Ib.* p. 71.

destrói essa humanidade. A resposta apropriada para “O que devo fazer?” é, sem dúvida, aquela que mais plenamente respeita a realidade e ajuda a vida humana a crescer em relação a si, a Deus, aos outros irmãos e a toda a criação.

Levando em conta o nosso primeiro questionamento a respeito do sentido da vida numa perspectiva moral “O que devo fazer?”, “Qual é o sentido e o objetivo da realidade?”, Marciano Vidal, apresenta essa situação afirmando:

...que o homem ocidental, nascido na modernidade, encontra-se sem um lugar significativo. A grande crise da época atual está em que o homem tenha de viver a intempérie sem solo que o sustente nem casa que o abrigue. A crise de sentido moral é derivada inevitavelmente dessa situação. Os valores morais constituem percepções relevantes e comprometedoras dentro do significado que se atribui à realidade. Se as grandes áreas significativas da realidade (mundo, homem, Deus) sofrem um obscurecimento, é normal que apareça no horizonte humano a crise moral ¹⁰².

Assim, do que dissemos, conclui-se que a crise moral se identifica com a perda de sentido moral. Desmoralização, perda de valores significam o mesmo que “desorientação moral ou perda de sentido da realidade” ¹⁰³. Portanto, a convicção de que a realidade é o fundamento da moralidade envolve dois discernimentos importantes.

Em primeiro lugar, em cada situação existe uma realidade, uma espécie de objetividade, um dado, algo mais do que simplesmente as intenções sinceras ou os fortes sentimentos do indivíduo. Por exemplo: ao analisarmos justamente algumas realidades no caso da Sra. Bergmeir, nos deparamos com relacionamentos e significados que possuem sua existência além daquilo que ela sente ou diz a respeito deles. Pode-se, pois, afirmar que, diante dessas realidades e significados, existe o “valor inalienável do homem; esta sensibilidade a outras realidades ‘é o coração da estimativa moral’” ¹⁰⁴.

Em segundo lugar, nossas ações ajudam a configurar o tipo de pessoas que estamos nos tornando, e dessa maneira, em última análise, aquilo que devemos fazer se baseia naquilo que devemos ser (isto é, a moralidade se fundamenta na realidade do nosso ser). Porque nossas ações moldam ao mesmo tempo a nossa própria personalidade e também as pessoas e o mundo ao nosso redor, existe uma ligação íntima entre a moralidade e a existência humana. Nossas ações ajudam a determinar precisamente quão verdadeira e plenamente humanas

¹⁰² Ib. p. 69.

¹⁰³ Ib. p. 70.

¹⁰⁴ VIDAL, Marciano. *Ética civil e a Moral Cristã*. Aparecida: Santuário, 1998. p. 50.

realmente somos. Dessa forma, a experiência ensina claramente que algumas ações destroem a nossa humanidade. Como, por exemplo, o assassinato provoca não somente a morte de alguém, mas também a diminuição da integridade do assassino. Outras ações, no entanto, como, por exemplo, o amor e a solidariedade ao próximo, estabelecem a nossa humanidade e desenvolvem nossa integridade como humanos. Desse modo, somos preenchidos de atitudes morais repletas de verdadeiros sentidos que continuam produzindo a vida com real dignidade e com a capacidade de fazer esverdear e florescer de novo a planta da moral. Vidal ressalta:

O esvaziamento dos conteúdos morais levou à perda do sentido moral e ao afundar-se na desmoralização. Atitude moral versus desmoralização: aqui está o problema, o nosso problema, sob uma segunda formulação. É somente a partir de dentro deste problema total de recuperação da responsabilidade pessoal, e desta situação envolvente de problematização de todos os temas morais, que o homem contemporâneo tem de se questionar, para poder procurar sair dele. Como? Não certamente recorrendo a uma troca de moral, a um equipamento de salvação que já não está mais à sua disposição. A única maneira de enfrentar a crise de sentido moral, no momento e até nova ordem, parece-me que é, por uma parte, a repulsa crítica da desmoralização e seus fundamentos culturais (antropologia sociomoral de nossa civilização); por outra parte, a recuperação da atitude moral, partindo dos problemas concretos e bem delimitados que se apresentam ¹⁰⁵.

A moral possui sua vertente fundamental pela qual se constrói a personalidade moral, isto é, a vertente objetiva dos valores e conseqüentemente a vertente objetiva da responsabilidade dos valores. “Daí que a estimativa moral seja, ao mesmo tempo, o descobrimento e a assimilação dos valores morais” ¹⁰⁶.

Por essa razão, uma democracia sem valores converte-se facilmente num mundo totalitário, agnóstico e relativista. Debilitados os valores, debilita-se a moral e o ser humano é reduzido a uma “coisa”. “Em nosso tempo ocorreu a evaporação de certos valores e vigências que não foram substituídas por outras” ¹⁰⁷, ou, pior ainda, “produziu-se uma irrupção de outros valores que são diretamente contrárias a esse núcleo, isso é, contrárias ao próprio pressuposto da moralidade” ¹⁰⁸.

Assim, os valores baseados em cosmovisões diferentes oferecem interpretações conflitantes da realidade. Alguns, por exemplo, julgam a concepção artificial (bebê de proveta) como algo contrário à natureza humana, enquanto outros a consideram uma

¹⁰⁵ *Ib.* p. 38.

¹⁰⁶ VIDAL, Marciano. *Dez palavras-chaves em moral do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 68.

¹⁰⁷ *Ib.* p. 62.

¹⁰⁸ *Ib.* p. 62.

utilização benevolente da tecnologia para ajudar a natureza. Portanto, nossa cultura sugere uma variedade de “valores” para resolver essas dificuldades, isto é, o ponto central é obviamente a perda de um valor maior. Pelo contrário, “quando a razão é suficiente e quando o ato sustenta o valor em questão e não contradiz ou o debilita a ação moral; afirmamos o fundamento da moralidade”¹⁰⁹.

A noção de valor não pode ser concebida sem referência às categorias, como o bem, o amor, etc., que de fato, não encontramos na subjetividade, mas é uma realidade objetiva que encontramos fora de nós (nas nossas ações boas); e que a “qualidade valorativa é distinta de outras qualidades que encontramos nas coisas, ou seja, o valor não repousa sobre qualquer classe de objetos, mas, sobre as realidades que têm o caráter de bens”¹¹⁰.

Um exemplo nos ajudará a elucidar este caráter de discernimento valorativo de responsabilidade de decisões morais. Imaginemos que nos acomodamos em uma sala de estar para assistir a um documentário na TV que apresenta um médico cirurgião amputando a perna de um paciente. Podemos nos perguntar: Será que esse procedimento é correto? Todavia, não podemos responder de forma exata a essa questão. Necessitamos de mais informações. Num primeiro momento, devemos aprofundar o nosso nível de significado da realidade. Em outras palavras, devemos recordar que somos pessoas que possuem um corpo, e que temos a responsabilidade de preservar e sustentar este corpo. Portanto, amputar uma perna não é uma coisa necessariamente boa; é uma ação que não deveria ser praticada. Contudo, não estamos capacitados a fazer nenhum juízo moral a respeito do ato em questão. Obviamente, precisamos saber em primeiro lugar por que está sendo feita essa amputação. Por mais que saibamos que precisamos preservar a integridade do nosso corpo, pode haver uma razão importante, de caráter médico, para que aconteça uma amputação. Nesse aspecto, um valor maior que é a própria vida, supera verdadeiramente o valor de ter duas pernas. Dessa maneira, a amputação seria considerada um ato que deveria ser praticado, um ato virtuoso. Porém, se a perna fosse perfeitamente saudável, mas, estivesse sendo cortada como um ato de tortura, diríamos que o ato realmente não deveria ser praticado, que seria um ato imoral e reduziria qualquer tipo de valor em mente. No exemplo citado, a amputação realmente sustentou o valor fundamental pela vida (a vida física), no caso de um mal maior de possibilidade de perder a vida (em razão de uma gangrena). Definitivamente, entendemos assim, por virtude,

¹⁰⁹VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. V.1: Moral Fundamental. Aparecida: Santuário, 1986. p. 438.

¹¹⁰ *Ib.* p. 438.

uma prática moral completa em que a pessoa compreenda plenamente a realidade total circundante. Marciano Vidal nos teoriza, afirmando:

Será preciso insistir em que uma moral completa exige não somente a maturidade de juízo moral, mas também a formação de hábitos de ação ou virtudes morais, que acarretam estratégias educativas específicas para potencializar a capacidade de autorregulação ou reforço da vontade racional comunicativa ante os impulsos egoístas instintivos e o peso dos hábitos adquiridos ¹¹¹.

Por essa razão, a ponderação dos valores em conflito não pode ser feita de forma individualista, embora isso seja certamente uma de nossas tendências culturais a ponto de não sabermos mais discernir quais são os verdadeiros valores que, de forma prudente e piedosa, são salutares para a humanidade. Observamos assim, que para a reversão de uma perda maciça de valores morais, “devemos ponderar as implicações sociais do ato em questão” ¹¹², ou seja, como nem tudo pode ser previsto, devemos incluir em nossa ponderação uma análise séria das consequências para nós mesmos e para os outros. “Precisamos refletir a respeito das influências culturais” ¹¹³, de modo especial sobre a forma pela qual elas poderiam influir na nossa escolha de valores e “precisamos aprender a partir da sabedoria da experiência humana do passado” ¹¹⁴, de modo que esta experiência contribua e proporcione uma orientação sadia para ponderarmos nossas atitudes morais.

Basicamente, o maior inimigo que nos conduz a uma desmoralização dos valores é o obscurantismo do sentido do bem. Marciano Vidal expressa:

Ao obscurecimento interior corresponde o falseamento da realidade objetiva. Aqui está também o inimigo fundamental do valor moral. Quando os prejuízos, os interesses, as ideologias e as formas restantes de mentira não deixam ver a realidade tal qual é, então é impossível que façam sua aparição a autêntica sensibilidade moral e o correto discurso ético. Foi João Paulo II quem com maior ênfase conectou a bondade moral com a verdade, sobretudo na encíclica *Veritatis splendor*. “Nenhum homem pode desviar as perguntas fundamentais: o que devo fazer?, como posso discernir o bem do mal? A resposta é possível só graças ao esplendor da verdade que brilha no mais íntimo do espírito humano” ¹¹⁵.

¹¹¹ VIDAL, Marciano. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 266.

¹¹² Cf. VIDAL, Marciano. *Ética Civil e a Moral Cristã*. Aparecida: Santuário, 1998. p. 62.

¹¹³ *Ib.* p. 62

¹¹⁴ *Ib.* p. 63

¹¹⁵ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 170.

Evidentemente, a nossa cultura hodierna dorme em um sono profundo de obscuridade e faz de tudo para negar os fidedignos valores que edificam homens e mulheres na superação dos sinais de morte, pois o cultivo da ilusão de que o poder científico e técnico é capaz de dar verdadeiros valores e salvar homens e mulheres no nosso mundo de hoje se torna uma veracidade. Portanto, com a força da nossa modernidade, o obscurantismo de valores é maior do que qualquer pretensão já sonhada. Contudo, o “homem moderno”¹¹⁶ experimenta novas formas de vida que não conseguem encobrir a desilusão do mundo moderno que se expande até o niilismo de valores e a sua depressão que torna uma epidemia essas novas formas de vida do “homem moderno”.

Por isso, necessitamos de uma moral que brote do coração do homem, radicada em verdadeiros valores à luz do Evangelho que possa despertá-lo do sono da contemporaneidade, fazendo desaparecer as arestas do mal, da mentira, do engano, do egoísmo... e da qual brotem contornos precisos do bem, da verdade, da justiça, da relação limpa, do serviço desinteressado, enfim da reta consciência moral. “Diante dessa fragilidade ética é preciso voltar a descobrir a força da opção evangélica, como uma alternativa de vida profunda, humanizadora, feliz e simples de busca de verdadeiros valores morais”¹¹⁷.

¹¹⁶ “Ao falar de ‘homem moderno’ deve ser taxativamente excluída a ideia de um modelo uniforme e articulado, obtido como resultado sistemático de muitos dados reunidos; não existe uma antropologia do homem moderno como tal, mas muitos projetos antropológicos dele. Por isso, a denominação ‘homem moderno’ deve ser entendida antes como expressão ou denominador comum de uma série de traços de identificação – nem sempre perfeitamente integráveis entre si, com frequência até em contradição mútua – aos quais se chega de maneira fracionária e um tanto anárquica. Por isso, preferimos falar aqui de ‘antropologia do homem moderno’, mas de certos traços antropológicos a partir da base da modernidade... portanto, sobre o homem moderno indicamos certas constantes: Multiformidade...o homem moderno não é uniforme, mas plural; Novidade...torna-se moderno com essa carga de novidade que ninguém nunca teve à disposição de uma vez; Seculariedade...procede ao progressivo desencantamento do mundo; Racionalidade...autoconsciência afirma-se a primazia da razão; Mundanidade o homem moderno toma consciência do valor intrínseco da realidade intramundana que o circunda e ele mesmo é”. VIDAL, Marciano. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 107.

¹¹⁷ Cf. VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 173.

CAPÍTULO II

A CONSCIÊNCIA MORAL E SUA FORMAÇÃO À LUZ DE MARCIANO VIDAL

É uma concepção dinâmica na qual o homem não é um ser acabado, mas um projeto que vai se realizando na liberdade e na própria capacidade de decisão. É a consciência que direciona este tornar-se do homem, em subordinação, mas em semelhança com Deus. A consciência revaloriza-se ao não limitar-se à simples aplicação mecânica dos princípios às contingências da vida, mas deve inventar, a cada vez, a forma de responder à qualidade de ser imagem de Deus...¹¹⁸.

2.1 SIGNIFICADO E FUNÇÃO DA ÉTICA E DA MORAL

...em matéria ética, o fundamento é o critério ou modelo de vida ¹¹⁹.

O sentido da ética tem um caráter imprescindível na vida do homem e da sociedade, ou seja, tem um significado global na existência da pessoa. Constatada a importância da existência ética na vida do homem ela se torna inseparável do seu viver não só como uma representação de valores, mas como uma ação contínua em sua vida. Daí que as diversas ações da vida da pessoa ganham sentido de representação para responsabilidade e compromisso. Nessa ótica, o sentido moral é um fenômeno encontrado de uma forma bem concreta e imediata ao se analisar a existência humana. Com efeito, o discurso ético correto é o que sabe integrar em síntese dialética a responsabilidade, tanto individual como coletiva, e o efeito, tanto atual como estrutural, das decisões responsáveis ¹²⁰. Efetivamente, os dois grupos de termos de ética e moral servem e possuem um significado para introduzir a questão sobre o bom.

¹¹⁸ VIDAL, Marciano. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 298.

¹¹⁹ COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 438.

¹²⁰ Cf. VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 639.

Empregados como substantivos – a Ética e a Moral – denotam um específico conhecimento (ou melhor, um conjunto interdisciplinar de conhecimentos) que versa sobre o bom;

Empregados como adjetivos – o ético e o moral – expressam uma qualidade ou dimensão da responsabilidade quando esta se refere à responsabilidade das pessoas ¹²¹.

Estas duas formas de emprego dão lugar a duas realidades distintas da ética e da moral. No primeiro aspecto, caracteriza-se justamente o que corresponde ao comportamento concreto ou à vivência que os homens possuem dos valores morais. Já no segundo aspecto, refere-se às formulações em princípios e normas em que aparecem inseridos tais valores. Portanto, os dois aspectos estão intrinsecamente ligados, já que o primeiro relaciona-se especificamente a uma moral vivida e o segundo pode ser qualificado por uma moral formulada. Nessa perspectiva, tenta-se superar a ambiguidade significativa do “*mos*” latino e retornar ao significado genuinamente ético no que concerne ao “*êthos*” grego, reproduzindo a mesma riqueza que continha na tradição grega como de costume. Isto é, o ético ou o moral designa a personalidade ética ou moral enquanto expressa o significado de caráter ou o modo de ser adquirido, ou seja, aquilo que realmente deve ser considerado como bom em nossas ações e realizações na busca de “fins” e “significados”. Esse horizonte marca o começo do reino da Ética ¹²².

2.1.1 O OBJETO DA TEOLOGIA MORAL

Entendida e vivida segundo o ‘Rosto de Deus’, a moral cristã adquire as tonalidades próprias de uma ética religiosa e, mais concretamente, de uma ética da fé cristã...¹²³.

A Teologia Moral se ocupa, diz Tomás de Aquino, com o movimento da criatura racional para Deus ¹²⁴. Nessa perspectiva, a Teologia Moral é aquele conjunto de normas que

¹²¹VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. V.1: Moral Fundamental. Aparecida: Santuário, 1993. p. 22.

¹²²VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 639.

¹²³VIDAL, Marciano. *Dez palavras-chaves em moral do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 46.

¹²⁴JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 29.

equilibra a conduta humana na direção do fim proposto por Deus, em seu verdadeiro plano. Essa relação de finalidade pode ser demonstrada pelo esquema abaixo:

Fazer = O bem
 Fim proposto (bem, felicidade)
 Evitar = O Mal ¹²⁵.

Assim, explorando a definição acima, a Teologia Moral estuda os “atos humanos e, considerando-os em ordem ao seu fim sobrenatural” ¹²⁶, é possível avançarmos mais no campo real de sua compreensão. Quanto melhor esgotarmos conceitos e definições a respeito do sentido do que seja o estudo da Teologia Moral teologal, melhor será o instrumental para compreendermos o verdadeiro sentido do que seja a consciência moral. Assim, considerando que nada escapa da visão de Deus, igualmente uma ciência (ou parte dela) que pretende funcionar como auxiliar, no sentido de que todos trilhem o caminho desejado, a Moral estuda “aqueles atos que o homem executa com conhecimento e livre vontade, abarcando toda a atividade humana à luz da vontade de Deus” ¹²⁷.

Por essa razão, os atos não são considerados na mera essência interna (comportamento psicológico) nem em vista à moralidade humana (filosofia moral ou direito), mas sim em relação à moralidade com vista ao fim último, fim proposto, à Deus. Os atos humanos, conforme o caso, aproximam ou afastam o homem do seu fim último (a graça, a amizade com Deus). A *eudaimonia* ¹²⁸ (ideia de felicidade) dos filósofos é o caminho que conduz ao *agatón* ¹²⁹ (o bem), que teologicamente passou a ser descortinado como a amizade permanente com Deus, a vida da graça. Tanto assim, que no decorrer da leitura das Sagradas Escrituras, encontramos várias situações, em que o autor sagrado (salmista, profeta, evangelista ou outro), utiliza a expressão “feliz” (ou bem-aventurado). Dentro dessa premissa, do científico a serviço do Sagrado, o Concílio Vaticano II convida os Teólogos a:

¹²⁵ Cf. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. V.1: Moral Fundamental. Aparecida: Santuário, 1993. p. 25.

¹²⁶ JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 29.

¹²⁷ Cf. VIDAL, Marciano. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 131.

¹²⁸ Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹²⁹ Ibid.

...buscar constantemente, de acordo com os métodos e as exigências próprias do conhecimento teológico, a forma mais adequada de comunicar a doutrina aos homens do seu tempo; porque uma coisa é o depósito da fé ou as suas verdades, outra, o modo como elas se anunciam, sempre, porém, com o mesmo sentido e significado ¹³⁰.

Doravante, serão reconhecidas três condições necessárias para o exercício da vida moral: a) a razão (só pela inteligência pode o homem conhecer o fim para o qual é inclinado); b) o livre- arbítrio (só pode tomar decisões corretas e isentas quem é integralmente livre); c) a inclinação (é a tendência natural, antes de ser corrompido por fatores externos, que o ser humano tem para a prática do bem).

Dessa forma, o conhecimento e a prática da Teologia Moral incidem diretamente na razão da existência do homem sobre a terra. Deus não se limitou a imprimir na natureza humana a lei moral (direito natural), mas revelou-a explicitamente, para torná-la conhecida de todos, de modo fácil, com firme certeza e sem mistura de erro. Por isso, a Teologia Moral tem finalidades básicas:

...consiste em conseguir uma visão correta, em abrir as principais perspectivas, e em apresentar as verdades e os valores que possam influir sobre decisões a serem assumidas diante de Deus ¹³¹.

O ato é bom se o seu objetivo está conformado ao bem da pessoa ou da sociedade, no respeito aos bens moralmente significativos para ela (pessoa ou sociedade). O ato humano, bom segundo seu objeto, é também ordenável quanto ao fim último quando a vontade o ordena efetivamente para Deus. Nesse sentido, vamos buscar a sábia palavra do patrono dos moralistas:

Não basta fazer boas obras; é preciso fazê-las bem. Para que nossas obras sejam boas e perfeitas, é necessário fazê-las com o mero fim de agradar a Deus ¹³².

¹³⁰COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições decretos declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000. Gaudium et Spes n. 62.

¹³¹HÄRING, B. *Livres e fiéis em Cristo*. Teologia para sacerdotes e leigos. São Paulo: Paulinas. Vol. I, 1984, p. 66.

¹³²LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. *A prática do amor a Jesus Cristo*. Aparecida: Santuário, 1988, p. 76.

2.1.2 AS FONTES DA MORAL

“...a dimensão moral pertence ao conteúdo do Evangelho cristão... essa vertente moral da fé não só formou a práxis histórica dos fiéis como também deu lugar a um pensamento Moral Cristão dando origem assim à Teologia Moral... essa teologização da ética deve servir para enriquecer a vida moral dos cristãos, e não para “dogmatizar” a Moral Cristã”¹³³.

A rigor, pode-se reconhecer que a Moral Cristã possui quatro fontes distintas, a saber: As Sagradas Escrituras, a Tradição Cristã, o Magistério da Igreja e as chamadas ‘outras fontes’.

As Sagradas Escrituras, a Bíblia, por tratar-se da Palavra de Deus endereçada à humanidade, é a primeira e principal fonte da Moral Cristã. Assim, “a relação entre dom divino e resposta humana, entre ação antecedente de Deus e tarefa do homem, é determinante para a Bíblia e para a moral nela revelada”¹³⁴.

Para que o homem conhecesse com segurança e sem erros as normas reguladoras de sua conduta, Deus estabeleceu, quer no Antigo Testamento quer no Novo Testamento, prescrições de natureza moral. Os textos por excelência das Sagradas Escrituras estão revestidos de inerrância em matéria de moral e fé.

A Tradição Cristã¹³⁵ é a fonte complementar das Sagradas Escrituras. Nem todas as verdades reveladas por Deus estão contidas na Bíblia. Muitas delas foram reveladas oralmente por Deus, por Cristo ou por meio dos Apóstolos (Igreja), inspirados pelo Espírito Santo. Na Tradição vamos encontrar três canais fundamentais: 1) os Pais da Igreja (Patrística) que são o conjunto de escritores dos primeiros séculos (II-V) da Igreja, cujo ensinamento baseia-se em fé, moral, costumes e doutrina; 2) os Teólogos, que são autores posteriores à era patrística, dedicados ao estudo das verdades relacionadas com a fé e com os costumes como, por exemplo, Santo Tomás de Aquino; 3) a própria vida da Igreja, desde o seu início, através da liturgia, da catequese e do sentir do povo cristão.

¹³³VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 883.

¹³⁴PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral*. Raízes Bíblicas do agir Cristão. São Paulo: Paulinas, 2009. p 19.

¹³⁵ “...Realizando um progresso doutrinal análogo ao verificado no âmbito das verdades da fé. Assistida pelo Espírito Santo que guia para a verdade total. A Igreja nunca cessou, nem poderá cessar, de perscrutar o mistério do Verbo encarnado, no qual se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. A reflexão moral da Igreja, sempre realizada à luz de Cristo o bom mestre”. JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 28.

O Magistério da Igreja ¹³⁶ expressa as determinações de Cristo (unir, perdoar, ensinar, apascentar, confirmar), guarda e interpreta legitimamente a Revelação Divina e tem plena autoridade para impor leis (canônicas) aos homens, como se fossem emanadas de Deus. O Magistério da Igreja é a instância única de decisão e interpretação autêntica e fiel da doutrina da fé e da lei moral.

Segundo essa perspectiva, o Magistério eclesiástico adquire sentido em função da Revelação e, mais concretamente, em relação estreita com a Tradição e a Sagrada Escritura. O Magistério, o mesmo que toda Igreja, ouve religiosamente e proclama com desassombro a palavra de Deus e não está acima dela, mas a serviço. Consequentemente o Magistério está articulado indissolúvelmente com a Tradição e com a Escritura ¹³⁷.

Com relação às outras fontes subsidiárias, podemos destacar a razão natural (que é universal), que atua como a lei natural ¹³⁸, e pela qual o homem é dotado de uma ordenação natural que lhe possibilita discernir valores e assim atingir o fim para o qual foi criado.

¹³⁶ “O Concílio Vaticano II, convidou os teólogos a buscar constantemente, de acordo com os métodos e exigências próprias do conhecimento teológico, a forma mais adequada de comunicar a doutrina da Igreja aos homens do seu tempo; porque uma coisa é o depósito da fé ou as suas verdades, outra, o modo como elas se enunciam sempre, porém, com o mesmo sentido e significado”. Ib. n. 29.

¹³⁷ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 846.

¹³⁸ “Em razão da competência magisterial sobre as normas morais da lei natural a Igreja saliente: “Por vontade de Cristo, a Igreja Católica é mestra da verdade e tem por encargo dar a conhecer e ensinar autenticamente a Verdade que é Cristo e, ao mesmo tempo, declarar e confirmar, com sua autoridade, os princípios de ordem moral que dimanam da própria natureza humana”. COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000. Dignitatis humanae, n. 14.

2.1.3 FALSAS CONCEPÇÕES DE MORAL

A modernidade, com sua dupla vertente de situação vivida e saber crítico, converteu-se em juiz insubornável da plausibilidade do discurso ético-teológico...¹³⁹.

Desde muito cedo, a humanidade procurou o famoso “jeitinho” de contrapor suas vontades e suas práticas à Lei Moral. Vemos isso claramente quando Jesus, nos seus Evangelhos, repreende os fariseus, sacerdotes e príncipes de Judá por sua tentativa de subverter os mandamentos da lei de Deus, através de interpretações particulares capazes de validar suas ações e dar-lhes um simulado de legalidade e santidade. Assim, pelos tempos afora, temos observado claramente falsas (e falsificadas) concepções de moral, que em nossa modernidade poderíamos elencar em três grandes grupos bem distintos: a moral de conjunto, a moral de situação e a nova moral.

Em primeiro lugar, a moral de conjunto, em que o importante é a atitude como um todo e não os atos isolados; trata-se de uma distorção bem comum na atualidade, em que, como em uma conta corrente, vale mais o saldo positivo, mesmo que para chegar a esse resultado tenham ocorrido vários e graves fatores negativos; os desvios morais do indivíduo ficam como que soterrados ante a grandeza da sociedade, do projeto (ou da Igreja), e por isso são relevados.

A moral de situação, como o próprio nome diz, é determinada por uma situação particular, como por exemplo, ‘os achismos’, em geral excludentes: ‘eu acho que neste caso não é errado...’, ‘os fins justificam os meios’; Trata-se, portanto, de um teologismo capaz de gerar ideias distorcidas do verdadeiro significado das coisas e uma má compreensão da Teologia Moral.

Por fim, a nova moral coletiva que, em geral, é pregada pelos meios de comunicação e por alguns segmentos da cultura moderna, cheia de modismos e descobertas espetaculares, emoldurada por artistas e intelectuais, é aquela que falseia suas normas segundo as circunstâncias ou leis das ciências particulares, como por exemplo, “as novas visões da psicologia dizem que..., de acordo com a sociologia, afirma-se que..., descobertas da biologia afirmam que...”¹⁴⁰. Longe de querer minimizar o valor das ciências na compreensão da vida, o fato é que devemos ter consciência que elas não são as portadoras das verdades últimas que

¹³⁹VIDAL, Marciano. *Moral de opção Fundamental e atitudes*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 31.

¹⁴⁰ Cf. VIDAL, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 21.

nos dão a plena resposta para uma vida moralmente correta. A internet, hoje, é um campo extremamente fértil para o surgimento de “novas teorias”, algumas delas de “nova moral”. Basta alguém criar uma ideia que, em poucos minutos, ela é propagada para milhares de internautas, pelo mundo inteiro. É chamada de uma ‘moral autônoma’, pela qual as pessoas agem sem compromisso, ‘tudo é válido..., faço as coisas por minha cabeça..., são as minhas ideias que prevalecem...’. Trata-se de falsas soluções, ligadas em particular a uma inadequada compreensão do objeto do agir moral. Nesse particular, a ‘felicidade humana’ é potencializada acima de tudo, como por exemplo, a prática do aborto, muitas justificativas são dadas a seu favor, porém, são atos intrinsecamente maus sob alegações extrinsecamente boas.

2.1.4 A LEI MORAL

Na doutrina sobre a lei moral se materializam dois interesses... Por um lado, sua compreensão do agir cristão como um agir em e pela graça... Por outro lado, interessa sublinhar que o conteúdo nuclear da moral cristã é a caridade: A lei de Deus é a caridade...¹⁴¹.

A Lei Moral é um conjunto de preceitos que requer um justo entendimento. Dessa maneira, a consciência moral que é exclusiva da criatura racional, provém de Deus. Nele encontramos a verdadeira fonte da moralidade, em virtude da razão natural, que deriva da sabedoria divina e torna-se também lei do homem. Assim, observando o fato concreto, a pessoa aplica a lei moral para assumir um juízo de consciência. O objeto da lei moral é mostrar ao homem o caminho, dispondo-o a atingir seu fim sobrenatural eterno:

Lei moral =

= Ser humano = Juízo de
Consciência=

Fato concreto ¹⁴².

¹⁴¹ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 160.

¹⁴² *Ib.* p. 575.

A pessoa humana realiza-se como sujeito, isto é, como agente da história, sua e social, se conseguir adotar a Lei Moral em sua vida, agindo de forma consciente ou conscientizada. A conscientização nada mais é do que a forma autêntica do homem viver a Lei Moral sob a iluminação de sua consciência. Portanto, conscientização significa tomada de atitude a partir da consciência de uma Lei Moral. Assim, passamos do obstáculo da lei dos sentidos e interesses para o triunfo da Lei Moral de uma consciência bem formada e reta que formula seus julgamentos conforme a razão, de acordo com o bem. Essa instância necessita ser assumida dentro do horizonte de uma ética cristã.

O termo conscientização é de origem ibero-americana e começou a ser usado com uma nova carga de conteúdo não faz muito tempo. O verbo conscientizar não é um verbo totalmente ativo nem totalmente reflexivo; é um verbo que expressa reciprocidade. É usado no sentido de uma tomada de consciência da realidade, do universo que nos rodeia; Através dessa realidade, o homem se descobre a si mesmo; Descobre suas relações com os outros ¹⁴³.

2.2 CAMPO DE REFERÊNCIA DO DISCURSO ÉTICO E MORAL

B. Boécio “Persona est naturae rationalis individua substantia” (Pessoa é a substância individual de natureza racional) ¹⁴⁴.

O valor moral supremo é a vida humana em todas as suas instâncias, ou seja, é a vida humana em busca de suas realizações e escolhas para a prática do bem. Fica claro que dentro de uma Teologia Moral é a antropologia ¹⁴⁵ ou o conhecimento do ser humano ou da pessoa que está em constante reflexão e formação. A visão do ser humano como pessoa age

¹⁴³ Cf. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. V.3: Ética da Pessoa. Aparecida: Santuário, 1981. p. 120.

¹⁴⁴ Cf. RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001. p. 306.

¹⁴⁵ “Antropologia moral é o estudo da dimensão moral do ser humano e do projeto de realização da vida humana, individual e comunitária, em graus sempre progressivos”. KONZEN, João A. *Ética teológica fundamental*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 83.

perfeitamente na integridade do eu e expressa profundamente o conhecimento geral do homem respeitando sua identidade.

A pessoa tem um centro interior a partir do qual constitui sua individualidade e identidade única e irrepetível, e sua unidade orgânica. Esse centro interior é também um núcleo secreto de intimidade inacessível, que só se desvela parcial e gradualmente, em relações interpessoais de confiança, de amor ¹⁴⁶.

2.2.1 A PESSOA FONTE E CONTEÚDO DA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

... fazer-se pessoa, podemos dizer é dar à individualidade em nós uma certa significação...¹⁴⁷.

A visão do ser humano como pessoa não se formou no mundo grego antigo. Para eles, o que constitui o ser humano é o espírito. É através do espírito que o ser humano pertence verdadeiramente ao mundo da realidade, ao mundo eterno, ideal e imutável, isto é, ao mundo universal. E o corpo, como acréscimo à natureza humana, não forma a real essência do ser, mas simplesmente tem a função de particularizar a universalidade do espírito. Por isso, a individualização do corpo como tal tem como consequência uma limitação e uma marginalização do espírito. Dessa forma, a libertação do corpo se faz necessária em vista da realização plena do espírito, para que ele possa reintegrar-se ao mundo ideal, isto é, ao mundo universal.

...uma vez que o mundo universal constitui a verdadeira realidade, é ele quem deverá ser completado pelo filósofo. A pseudo-realidade do indivíduo é, pois, irrelevante para pensar o filosófico ¹⁴⁸.

¹⁴⁶ib. p. 89.

¹⁴⁷ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 182.

¹⁴⁸ RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001. p. 304.

A visão do homem como pessoa jamais deve ser relacionada com essa compreensão da filosofia grega. A compreensão de “Persona”¹⁴⁹ (pessoa) caracteriza-se por uma criação própria do cristianismo. É o resultado de toda uma experiência dialogal na relação intrínseca entre Deus e o homem, relação essa que implica na decisão e na responsabilidade do ser humano. O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, passa a experimentar que não é nenhum brinquedo ou marionete nas mãos de um Deus Criador e impessoal, mas, que a partir da sua consciência como ser criado, ele, o homem, é interpelado e chamado a responder com responsabilidade o convite de Deus à vida. Assim, “a relação de Deus-homem acontece de maneira dialógica”¹⁵⁰.

A pessoa, vista em sua maior instância é impermutável, é completamente única, e isto precisamente porque ela é existência, ou seja, existe a partir de outro e na relação com o outro. As definições, bem como as características do que seja a pessoa feitas pela patrística, quer pela teologia medieval, quer pela contemporânea, focalizam aspectos fundamentais da realidade da pessoa, a saber:

- 1) A “inseidade”, quer dizer a pessoa é independente (não é “in alio”, mas “in se”, subsiste “em si e para si”). O que implica a dimensão de subsistencialidade própria da pessoa;
- 2) O caráter único e irrepetível de cada pessoa singular. Uma pessoa não pode ser suprida por outra;
- 3) Pela sua natureza espiritual a pessoa não fica fechada em si própria, antes está aberta à realidade toda, ao horizonte ilimitado do ser¹⁵¹.

Nessa perspectiva de uma Teologia Moral fica evidente que a pessoa é o foco de toda a formação de uma reta consciência moral. E, em razão desse caráter, surgem as instâncias normativas, as quais tratam de construir a história humana segundo modelos configurados livremente por pessoas racionais. Dentre essas instâncias, sobressai a instância moral, a qual procura conformar as realizações humanas com a consciência moral e com referência a valores morais objetivos, ou seja, tudo que implica no caráter do homem em todas as suas realizações, sejam elas de caráter econômico, político, cultural, jurídico ou empresarial ou em

¹⁴⁹ “Persona, em latim, tal como equivalente grego prósopon, significava máscara de teatro e também rosto do homem. Os estóicos utilizaram filosoficamente o termo para designar os papéis ou funções que o homem é chamado a viver na sua vida. Certamente, nesse sentido, persona apontaria para algo exterior, precisamente para o papel que o homem vive, para algo acrescentado ao ser humano”. Ibid. p. 305.

¹⁵⁰ Ibid. p. 305.

¹⁵¹ RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001. p. 307.

tantas outras. Em todas elas não se trata simplesmente de coisas, mas de sujeitos humanos, de pessoas.

Visto assim, a dimensão moral brota da pessoa, e o valor moral se refere à pessoa. “O coração da estimativa moral é a sensibilidade diante do valor inevitável da pessoa como sujeito da história e como sujeito de todas as realizações humanas”¹⁵². Portanto, a pessoa é fundamentalmente o princípio e a meta de toda ação que pretende ser humana. Nascendo da pessoa e referindo-se à pessoa, a dimensão moral possui todo seu valor e toda sua fundamentação na complexidade do humano. Consequentemente, a dimensão moral vai do nível biológico até a expressão simbólica e passa, com certeza, pelos planos intermediários das estruturas psicológicas e socioculturais. Porém fica claro que o comportamento moral não se limita a nenhuma dessas estruturas, passa por elas, mas não se reduz unicamente a elas.

A referência do comportamento e do agir moral é responsabilidade última da pessoa.

Todas essas dimensões morais presenciam-se nas objetivações do espírito humano. Dessa maneira, nota-se essa presença nas seguintes manifestações do humano:

O devir histórico, em suas múltiplas facetas, é um lugar primário da dimensão moral da humanidade; para a tarefa ética é imprescindível levar em conta a grande carga moral que acompanha a dinâmica histórica. No universo das instituições sociais, a dimensão moral aparece como um fator de suporte, de justificação, de motivação, de dinamismo ou de conservadorismo; dentre elas, destacam-se as instituições jurídicas pela conexão que o fato jurídico tem tido com o dado moral, principalmente na cultura ocidental. A ciência, no mundo moderno, é um elemento importante da cultura; além de favorecer o conhecimento crítico e os progressos técnicos, a ciência dá origem a constelações simbólicas que configuram notavelmente a cultura moderna. A dimensão moral acompanha inexoravelmente os avanços científicos. Todo grupo segrega modelos éticos nos quais se aglutinam e se forjam suas aspirações predominantes; a dimensão moral atua em todos esses modelos. Nas objetivações do espírito aprecia-se uma carga moral; daí que se possa falar em ethos das manifestações do espírito humano: arte, literatura, cinema etc. A própria vida dos indivíduos... são textos vivos, nos quais se objetiva o ethos de uma época ou, ao menos, de uma variação humana dentro da época¹⁵³.

¹⁵²VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 639.

¹⁵³VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 637.

2.3 A CONSCIÊNCIA MORAL¹⁵⁴

Intimamente ligada à formação para a liberdade responsável, está a educação da consciência moral: esta, enquanto solicita do íntimo do próprio “eu” a obediência às obrigações morais, revela o significado profundo de tal obediência, isto é, o de ser uma resposta consciente e livre, e, por conseguinte, amorosa, às exigências de Deus e do seu amor¹⁵⁵.

A partir da compreensão fundamental dos valores morais e éticos formativos do indivíduo é possível fundamentar uma compreensão da construção da consciência moral¹⁵⁶ em razão dos valores éticos primordiais.

Dessa forma, a consciência moral edifica-se a partir de uma norma ética universal, ou seja, um sentido geral do valor, por exemplo: temos a consciência que devemos fazer o bem e evitar o mal. Nosso desejo de fazer a coisa certa, em escolher entre o bem e o mal, reflete esse sentido geral de valor¹⁵⁷. Assim, a consciência moral ou consciência ética torna-se a capacidade da pessoa humana avaliar as vivências e comportamentos livremente adotados pela ótica da realização pessoal, ou seja, reconhecê-los como valores e perceber que o ser humano tem deveres e compromissos.

¹⁵⁴ “O português, como as demais línguas românicas, carece de termo exclusivo para expressar o núcleo subjetivo da moralidade. Ao substantivo ‘consciência’ é necessário acrescentar o adjetivo ‘moral’. Esta peculiaridade linguística indica que a consciência moral está na base antropológica da consciência. A ‘consciência’ ou ‘ser consciente’ constitui a base da consciência moral. Base que se constitui mediante: a) suporte biológico – neurofisiológico – que possibilita o estado de ‘vigilância’; b) formalização psicológica que dá ensejo à ‘subjetividade’ (autopossessão e integração da vida psíquica na unidade do sujeito); c) implicação que dá ensejo à ‘conscientização’ ou à responsabilização da vida relacional e da práxis humana”. VIDAL, Marciano. *Para Conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 78.

¹⁵⁵ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. Exortação Apostólica pós-sinodal. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 44.

¹⁵⁶ Consciência: de estar ciente dos próprios estados, percepções, ideias, sentimentos, volições etc., quando se diz que um homem “está consciente” ou “tem consciência”, se não está dormindo, desmaiado, nem afastado, por outros acontecimentos, da atenção a seus modos de ser a suas ações. O significado que esse termo tem na filosofia moderna e contemporânea, embora pressuponha genericamente essa acepção comum, é muito mais complexo: é o de uma relação da alma consigo mesma, de uma relação intrínseca ao homem “interior” ou “espiritual”, pela qual ele pode conhecer-se de modo imediato e privilegiado e por isso julgar-se de forma segura e infalível. Trata-se, portanto, de uma noção em que o aspecto moral – a possibilidade de autojulgar-se – tem conexões estreitas com o aspecto teórico, a possibilidade de conhecer-se de modo direto e infalível. Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 217.

¹⁵⁷ “... La norma universale; essa è anche vista come soggetto di vita originale, com carattere di responsabilità e di impegno di tutta la persona, individuale o associata...” CAPONE, Domenico. **La coscienza morale**. Texto apostilado. Instituto superiore di Teologia Morale della Pontificia Università lateranense, 1980. p. 14.

Encontramo-nos diante de um fenômeno universal, comum a todas as culturas e épocas ao longo da história. Há um mundo de metáforas populares que retratam de forma intuitiva a natureza e a função da consciência moral. Não se trata do simples conhecimento adquirido mediante a reflexão, o qual pertence mais ao campo da psicologia, mas do juízo interior sobre determinada ação antes e depois de realizada. A pessoa percebe um chamado profundo que lhe indica como agir, qual a melhor opção entre as várias possíveis, qual o caminho a seguir, seguindo-se um sentimento de alegria e satisfação, quando obedeceu à sua voz. Essa dupla função – antecedente e consequente – é a que aparece no fundo dessas imagens populares: verme que atormenta e intranquiliza, juiz que sentencia, testemunha ou acusador da conduta, espelho da alma, guia e pedagogo, ponto no grande teatro do mundo, olho de Deus, eco de sua palavra (...). São comparações imperfeitas que revelam o caráter mais específico da consciência como norma última da moralidade ¹⁵⁸.

Dessa maneira, as pessoas são orientadas pelos padrões objetivos da conduta moral e, através da lealdade à consciência reta, o ser humano busca a verdade e a solução correta aos seus problemas morais, individuais e sociais.

Outro aspecto importante em vista da dimensão da consciência moral é o esforço e a dedicação da pessoa para descobrir o rumo certo da ação moral. Portanto, depende exclusivamente da situação e do meio em que o indivíduo vive e de sua disposição e empenho para o agir moral ¹⁵⁹. No que concerne à consciência moral verificamos que é realmente o eu pessoal, uma vez que sempre busca fazer julgamentos acertados a respeito de nossas perguntas morais e éticas fundamentais. Fernando Pessoa, grande poeta da literatura portuguesa, se identificou muito claramente em uma de suas poesias clássicas no que diz respeito ao eu pessoal:

Como é por dentro outra pessoa
 Quem é que o saberá sonhar?
 A alma de outrem é outro universo
 Com que não há complicação possível,
 Com que não há verdadeiro entendimento.
 Nada sabemos da alma
 Senão da nossa;
 As dos outros são olhares,

¹⁵⁸ OVERBERG, Kenneth R. *Consciência em Conflito*. Como fazer escolhas morais. São Paulo: Paulus, 1999. p. 161.

¹⁵⁹ “Uma disposição da consciência é o esforço para descobrir o rumo certo da ação. Esta investigação no comportamento humano e no mundo é a busca da verdade. Se formos honestos em nossa busca, então nos encaminharemos para uma variedade de fontes para o saber e para a orientação: por exemplo, as Escrituras, a Igreja, as ciências físicas e humanas, a tradição, o conselho profissional competente”. *Ib.* p. 73.

São gestos, são palavras,
Com a suposição de qualquer semelhança
No fundo ¹⁶⁰.

Assim, o Concílio Vaticano II, frisa claramente o significado, bem como o emprego do termo da consciência moral. Em sua *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo moderno*, número 16, o Concílio designou o termo ‘consciência’ como ‘o âmago e o santuário mais secreto do indivíduo’ que busca a verdade. Nessa perspectiva, a consciência é o julgamento real e concreto em relação a uma ação imediata, ou seja, depois da busca pela verdade, chegamos a um ponto culminante em que devemos tomar uma decisão específica e esta decisão é justamente seguir a própria consciência. Assim, este princípio é categoricamente verdadeiro ser for devidamente entendido ¹⁶¹.

Podemos, de certa maneira, definir a consciência moral nos seguintes termos: “A consciência moral é a capacidade ou faculdade e a tendência ou o impulso natural que o ser humano tem de discernir e de criar as normas” ¹⁶², bem como as “diretrizes que possam orientar a vida e o caminho da pessoa em um processo de plena realização humana” ¹⁶³.

Assim, a função da consciência moral se sujeita a interpretações tanto maximalistas quanto minimalistas. A interpretação maximalista compreende a consciência moral “como a faculdade humana para criar os valores morais” ¹⁶⁴. Segundo esse significado, o indivíduo se colocaria “para além do bem e do mal” ¹⁶⁵ e se constituiria em instância ditadora e até geradora do que é bom e do que é mal” ¹⁶⁶. Portanto, esta “forma maximalista de compreender a função da consciência moral é consequência da noção inexata de autonomia, é efeito da embriaguez da liberdade” ¹⁶⁷. Já a interpretação minimalista “rebaixa a atuação da consciência moral ao nível de ser unicamente reflexo ou repetição da ordem objetiva” ¹⁶⁸. Para os

¹⁶⁰ PESSOA, Fernando. *Obra Poética, Poesias Coligidas/Inéditas*, n. 809. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976, p. 576-577.

¹⁶¹ “Ele pressupõe também algo muito importante: que o trabalho da consciência – a coleta de dados – seja plenamente informado. Este processo é também conhecido como a formação da consciência. Em outras palavras, devo seguir a minha decisão somente após ter feito o possível para buscar a verdade em relação ao problema perante a qual me encontro. Seguir a consciência não significa fazer aquilo que me sinto disposto a fazer. Na verdade significa o trabalho – muitas vezes árduo – de discernir o que é certo e o que é errado”. OVERBERG, Kenneth R. **Consciência em Conflito**. Como fazer escolhas morais. São Paulo: Paulus, 1999. p. 74.

¹⁶² Cf. VIDAL, Marciano. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 305.

¹⁶³ Cf. *Ibid.* p. 305.

¹⁶⁴ VIDAL, Marciano. *Para Conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 81.

¹⁶⁵ *Ibid.* p. 81.

¹⁶⁶ *Ibid.* p. 81.

¹⁶⁷ *Ibid.* p. 81.

¹⁶⁸ *Ibid.* p. 81.

minimalistas, a consciência moral é algo de certa maneira perigosa e, conseqüentemente, sua função tem de se reduzir a “obedecer à ordem moral objetiva”¹⁶⁹.

A partir daí, retomamos ao autêntico significado do que seja a consciência moral e qual seu precioso lugar, ou seja, uma posição equilibrada entre a “criação” e o simples “reflexo”¹⁷⁰. A consciência moral é o lugar em que se manifestam os verdadeiros valores morais da pessoa humana e onde se faz realmente a aplicação a situações concretas. “É a consciência moral que, de modo admirável, dá a conhecer esta lei, cujo cumprimento consiste no amor a Deus e ao próximo”¹⁷¹. Por outro lado, a consciência moral não só esclarece a situação pessoal segundo o valor objetivo, mas sujeita o próprio indivíduo a agir na direção manifestada: “O homem tem a lei escrita por Deus, em cuja obediência consiste a dignidade humana e pela qual será julgado pessoalmente”¹⁷².

A consciência moral é, por conseguinte, a mediação subjetiva necessária da moralidade. Não gera a moralidade (o bom e o mau), já que não cria a realidade. Tampouco, porém, reduz-se sua atuação à mera repetição asséptica dos valores objetivos. Por causa da sua força obrigatória e manifestativa, exerce função mediadora entre a realidade (valor objetivo) e a situação pessoal¹⁷³.

Neste aspecto a função da consciência moral incide fundamentalmente na inclusão da pessoa no processo da moralidade, ou seja, a consciência surge na relação. Não é uma realidade em si mesma. É antes, como que uma luz produzida por relações (de relações e contextos de relações). Logo, a estrutura mesma da consciência, subsistindo em si graças às relações e às condições exteriores é capaz de referir tudo a si em um círculo de compreensão da realidade e admiração. Nesse sentido, a consciência se torna geradora da moral, isto é, o desejo de moralmente ser invadido na forma sensível de produções de valores morais, como fome de justiça e de bondade; liberta do mundo e de si mesmo, da crosta de egoísmo ingênuo da própria felicidade solitária e de suas riquezas, seu ter, seu saber, seu poder, seu ser... dando assim, na relação da própria consciência moral, o desejo de bondade. Por ser suscitado pela consciência, cria resposta e responsabilidade antes de saber o que é, de fato, bom ou decidir ou que é bom. Pois, a consciência de dever, de responsabilidade sem atraso reflete o desejo de

¹⁶⁹ Ibid. p. 81.

¹⁷⁰ Ibid. p. 82.

¹⁷¹ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições decretos declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000. Gaudium et Spes n. 16.

¹⁷² Ibid. n. 16.

¹⁷³ VIDAL, Marciano. *Para Conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 82.

dever para com o outro. Assim, a consciência de si se descobre no próprio seio da consciência moral que se ergue para a verdadeira satisfação das necessidades de bondade, a própria felicidade, familiaridade, economia, cultura, política, na justiça ao outro, ao pobre, órfão, estrangeiro, viúva...

Visto assim, a partir de uma conceituação proposta sobre a consciência moral, o Concílio Vaticano II, elenca na *Gaudium et Spes*, número 16:

Na intimidade da consciência, o homem descobre uma lei. Ele não a dá a si mesmo, mas a ela deve obedecer. Chamando-o sempre a amar e fazer o bem e a evitar o mal, no momento oportuno a voz dessa lei soa nos ouvidos do coração. Obedecer a ela é a própria dignidade do homem, que será julgado de acordo com essa lei. A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde ele esta sozinho com Deus e onde ressoa sua voz. Pela consciência se descobre, de modo admirável, aquela lei que se cumpre no amor de Deus e do próximo ¹⁷⁴.

Doravante, a consciência moral a partir da *Gaudium et Spes*, número 16 nos direciona a uma ótica de fé caracterizada como a “voz de Deus” e pode ter com certeza uma identificação e ressonância religiosa, quando se trata de uma pessoa de fé. Assim, a dimensão ética da revelação divina, assumida e vivida na fé, fala à consciência do próprio homem. Conseqüentemente, podemos entender também como “a voz de Deus” ¹⁷⁵ na própria natureza humana, ou seja, no senso ético que é a dimensão da personalidade humana, tal como foi concebida e criada por Deus. De fato, o próprio Concílio expressa essa dimensão antropológica da consciência moral, quando ressalta:

Pela fidelidade à consciência, os cristãos se unem aos outros homens na busca da verdade e na solução justa de inúmeros problemas morais que se apresentam, tanto na vida individual quanto social. Quanto mais prevalecer a consciência reta, tanto mais as pessoas e os grupos se afastam de um arbítrio cego e se esforçam por se conformar às normas objetivas da moralidade ¹⁷⁶.

¹⁷⁴ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições decretos declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000. *Gaudium et Spes* n. 16.

¹⁷⁵ “...a consciência não se limita a ser simples aplicação mecânica de princípios às contingências da vida, mas é o inventar, vez por vez, o modo com que o homem responde à sua qualidade de imagem de Deus, realizando a si mesmo na verdade”. COMPAGNONI, Francesco; PIANA, Giannino; PRIVITERA, Salvatore. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 137.

¹⁷⁶ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições decretos declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000. *Gaudium et Spes* n. 16.

Dessa maneira, percebemos que o pensamento do Concílio é inteiramente coerente com uma concepção humanista de consciência. Vemos assim que, no fundo da consciência, o homem descobre uma lei que ele não dá a si mesmo, mas uma lei que ele deve buscar e obedecer como um caráter de escolha pessoal, isto é, “a consciência como ‘norma formalis’ sendo válido o princípio básico da inviolabilidade da consciência moral da pessoa”¹⁷⁷. De fato, isto é a afirmação de um polo objetivo da consciência moral. Há normas que o ser humano deve descobrir, discernir, pois não tem autonomia absoluta para dar pessoalmente as leis a si mesmo. Portanto, pela prática e exercício do discernimento, a consciência autônoma a descobre e explicita para si mesmo; Consequentemente, a lei fundamentalmente se resume naquilo que é justo e bom. Verificamos que aquilo que é justo¹⁷⁸ e bom explicita-se evidentemente em amar e fazer o bem. A opção fundamental pelo amor é o altruísmo, isto é, a abertura ao próximo, humano e divino, é o valor que verdadeiramente realiza em plenitude a vida do homem. De fato, a consciência é como o núcleo recôndito, como um sacrário dentro do homem que ilumina toda a sua vida na prática da justiça e do bem. Enfim, a consciência lhe dá a conhecer de modo completo aquela lei que brota, com certeza, do próprio Deus.

Podemos perceber que o texto sobre a consciência moral ressalta o significado e o emprego do termo consciência. O sentido personalista profundo e identificado como o âmago e o santuário secreto do indivíduo, onde a pessoa se encontra a sós com Deus. Lá a pessoa descobre uma lei inscrita por Deus para amar, para fazer aquilo que é bom e para evitar o mal. O documento sustenta que a dignidade humana reside na observação dessa lei e que a pessoa será julgada por essa mesma lei. Através da lealdade à consciência, os cristãos se unem aos outros povos na busca da verdade e da solução correta dos problemas morais individuais e sociais¹⁷⁹.

Neste sentido, o Concílio Vaticano II, na sua constituição dogmática *Gaudium et Spes*, número 16, sobre a consciência moral, demonstrou plausivelmente a riqueza da conceituação

¹⁷⁷VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 576.

¹⁷⁸ “Justiça: Virtude que induz a cumprir o próprio debitum (o devido) como exigência de ordem e de harmonia, a justiça foi identificada com a moralidade simplesmente. Trata-se de um primeiro significado, de ordem geral, assumido de fato pela justiça. Como atitude que faz consciente à instância propriamente ética do ‘dever’ e ordena seu cumprimento, a justiça erige-se em expressão da moralidade humana: virtude que abarca e sintetiza todas as outras. Justiça equivale neste sentido a retitude ou atitude adequada. É o significado indicado no conceito aristotélico da justiça como virtude que convida a cumprir o que é justo; na definição de justiça que dá Platão: ‘fazer cada um o seu’, e na identificação bíblica de santidade e justiça, de homem reto e justo”. COMPAGNONI, Francesco; PIANA, Giannino; PRIVITERA, Salvatore. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 669.

¹⁷⁹ ALAMEIDA, André Luiz Boccato. *Consciência moral e pós-modernidade*. Discernir, decidir e agir à luz de uma ética das virtudes. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC – SP, 2010. p 69.

do termo em sua íntegra, respondendo, assim, ao diálogo da Igreja aos questionamentos do mundo moderno, no sentido de salvaguardar os valores morais e éticos tão dilacerados em uma sociedade que não consegue confrontar-se consigo mesmo e dar uma verdadeira resposta a Deus e ao mundo.

2.4 CAMPO DE REFERÊNCIA FORMATIVO DA CONSCIÊNCIA

Ao reconhecer a consistência do homem enquanto sujeito real, compreende-se o humano não desde as “mediações” (políticas, econômicas, culturais), mas desde a originalidade de seu próprio ser¹⁸⁰.

Visto em suas instâncias, o ser humano é o único ser criado que possui a consciência de tempo e espaço e, a rigor, ele é um ser que possui sua individualidade, mas também é um ser coletivo relacional. Dessa forma, possui a relação máxima de estar no mundo, dotado de liberdade, e conseqüentemente, de responsabilidade, a fim de escolher conscientemente seu modo de agir que pode conduzir a ações que podem se revelar boas ou más para si e para os outros. Portanto, é fato que, por sua racionalidade, ser homem consiste em guiar-se por normas e regras que ele próprio edita em meio a uma sociedade. Ter consciência é viver eticamente, é viver conforme a justiça. Recordando Tomás de Aquino¹⁸¹, que coloca a justiça como centro animador de todas as virtudes éticas, observa-se:

Dentre todas as virtudes éticas, destaca-se a justiça, que é a “justa medida” segundo a qual se distribuem os bens, as vantagens, os ganhos e seus contrários. E como bom grego, Aristóteles reafirma o mais elevado elogio à justiça: “pensa-se que a justiça é a mais importante das virtudes e que nem a estrela vespertina nem a estrela matutina sejam dignas de

¹⁸⁰VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 181.

¹⁸¹“A virtude humana torna bons os atos humanos e o próprio homem. É o que, sem dúvida, convém à justiça. Pois o ato humano se torna bom, ao atingir a regra da razão, que retifica as ações humanas, é claro que as torna boas. E como Túlio declara, ‘é sobretudo por causa da justiça que os homens são chamados bons’. Daí se vê, como acrescenta na mesma passagem: ‘Nela, refulge ao máximo o esplendor da virtude’.” AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Livro VI. São Paulo: Ed. Loyola, 2005 p. 58, a. 3.

admiração quanto ela”. E com o provérbio dizemos: Na justiça está abarcada toda a virtude ¹⁸².

Assim, a justiça estabelece a relação entre as pessoas e as sociedades, ou seja, o essencial da ética é levar o ser humano a formar uma sólida consciência e conseqüentemente conviver com os semelhantes, pois ninguém é moralmente ético por si mesmo, somos éticos em relação aos outros. Quem não consegue fazer parte de uma comunidade, que não tem necessidade de absolutamente nada, bastando-se a si próprio, acredita que “é fera ou um deus” ¹⁸³. Portanto, para ser verdadeiramente humano, fazer-se original, dinâmico, ético e criativo para com todos é necessário esse encontro com o outro ¹⁸⁴. Pois, ser um homem moralmente ético é ser social. Portanto, a ação relacional é obrigatória em um devir ético.

Para conviver, isto é, para poder suprir necessidades sociais, cada indivíduo precisa contar consigo mesmo e com os outros indivíduos. Para ser um indivíduo, o homem tem de fazer algo consigo mesmo, lidar com os elementos que o compõem individualmente. O próprio indivíduo torna-se, assim, um polo de atividade, polariza a própria atenção. Só então tem condição de postar-se aos outros indivíduos, outro polo de atividade, para conviver ¹⁸⁵.

A percepção daquilo que cada um é, ou seja, da própria individualidade, é que proporciona a convivência entre indivíduos. Grupos de iguais, capazes de conviver autenticamente, de formar sociedades, formam-se quando indivíduos autônomos decidem ocupar espaços próximos uns dos outros. Dessa forma, a convivência grupal saudável é consequência da capacidade individual de contribuir para o todo social.

Daí a formação dos valores como ponto nevrálgico à consciência. “Parece bastante evidente que a atividade humana não se realiza a partir da realidade, mas em torno daquilo que conhecemos sobre ela, no momento da atividade” ¹⁸⁶. Assim, a consciência do indivíduo reconhece os valores que provocam repulsa ou atração do “Eu” em relação aos objetos de sua atividade, que têm efetivamente sua localização na relação entre o “Eu” e as realidades

¹⁸² REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *Historia da Filosofia*. V.I. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 205.

¹⁸³Ib. p. 208.

¹⁸⁴ “O homem jamais pode sentir-se e enxergar-se como um ser isolado no mundo. em relação contra a tendência a um certo solipsismo da filosofia pós-medieval, a partir do cogito cartesiano, o pensamento filosófico, desde Hegel, não cessa de focalizar a realidade essencialmente relacional da vida; implícita na estrutura do próprio vocábulo consciência: saber conjunto, cum + scientia”. COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 461.

¹⁸⁵SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 29.

¹⁸⁶Ibid. p. 33.

circundantes. Portanto, o “Eu” nem se submete a, e nem atribui valor, apenas reconhece valores naquilo que o cerca.

Não obstante, a realidade humana não é regida simplesmente por leis independentes, cegas, irrevogáveis e nem se constrói exclusivamente segundo modelos incorporados a um devir irreversível. Pelo contrário, as realizações humanas dependem em grande parte das decisões livres e responsáveis das pessoas nelas implicadas.

Em razão desse caráter aberto da realidade humana brotam as instâncias normativas de um viver social.

As quais, através da proposta de fins e ideais, tratam de construir a história humana segundo modelos configurados livremente por pessoas racionais. Dentre essas instâncias normativas (convencionais, jurídicas, culturais, ideológicas) sobressai a instância moral, a qual procura conformar as realizações humanas com a consciência moral e com referência a valores morais objetivos ¹⁸⁷.

Isso ocorre com todas as realizações humanas, sejam elas de caráter econômico, político, cultural, jurídico ou outras. Todas essas instâncias não tratam de coisas, mas de sujeitos humanos, ou seja, de pessoas. Por essa razão, a consciência moral brota da pessoa, e o valor moral se refere à pessoa.

A pessoa é a origem e a meta de toda ação que pretenda ser humana e humanizadora. Essa orientação personalista é uma condição imprescindível do discurso ético. É também umas das chaves, talvez a primeira, da vivência e da compreensão do fenômeno moral ¹⁸⁸.

¹⁸⁷ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 636.

¹⁸⁸ Idem.

2.5 A CONSCIÊNCIA DA RESPONSABILIDADE ÉTICA-MORAL

A pessoa é capaz de escolher determinados valores por si mesma, a partir de si mesma. É chamada a se autodecidir e, em consequência, a optar. Quer dizer, é chamada a ser livre. Ora, a decisão e opção implicam assumir a responsabilidade do que foi decidido e da opção feita ¹⁸⁹.

Primordialmente, o objeto da ética é a ação humana na caminhada realizadora da vida. Visto assim, é indiscutível a maior perenidade de certos conteúdos éticos sobre outros. A caminhada científica, interpretativa da humanidade e de seus indivíduos se atém a dados, cujo teor de realidade, ou seja, de interpretação, se impõe num dado momento histórico-social. Por exemplo, “conservar e promover a vida” é uma atividade presente desde o princípio da existência humana. A vida tem sido tratada como um valor absoluto. À vida atribui-se o valor máximo, porque de fato é única. Assim, “todo grupo segrega modelos éticos nos quais se aglutinam e se forjam suas aspirações predominantes; a dimensão da formação da consciência moral atual em todos esses modelos” ¹⁹⁰.

Na caminhada realizadora da vida, o homem age e desenvolve sua consciência ¹⁹¹ em razão do meio, isto é, das circunstâncias que o envolvem. Portanto, pelo meio, o homem exerce influência e recebe influência daquilo que está à sua volta. Enquanto agente, é o produtor da ciência, da cultura e da linguagem que as expressam.

Brotando da pessoa e referindo-se à pessoa, a dimensão moral tem toda a riqueza e toda a complexibilidade do humano. Ela vai do nível biológico até a expressão simbólica, passando pelos planos intermediários das estruturas psicológicas e socioculturais ¹⁹².

Evidentemente, a cultura humana está a serviço da realização de cada indivíduo humano. A atividade inicial do ser humano, desde a sua concepção, é dotada de elevado grau de inconsciência, pois ainda não tem domínio do próprio projeto de realização, ou seja, desconhece o que é preciso, do que dispõe para a realização plena de uma vivência ética pessoal. Dessa forma, como então o homem sobrevive o bastante para adquirir um certo grau

¹⁸⁹ RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001. p. 309.

¹⁹⁰ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 637.

¹⁹¹ Cf. OVERBERG, Kenneth R. *Consciência em conflito*. Como fazer escolhas morais. São Paulo, Paulus, 1999. p. 74.

¹⁹² VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 637.

de consciência moral a respeito da própria realização ética? Em outras palavras, podemos verificar certa aquisição dos salutares valores éticos através dos preceitos, que são interpretações culturais das necessidades e potencialidades humanas.

Os preceitos são formados pelos hábitos, costumes e acordos, isto é, pela moral e pela lei, carregadas pelo grupo humano do qual fazemos parte, até o momento histórico de nossa aparição no meio dele ¹⁹³.

Efetivamente, em razão daquilo que já se conhece a respeito de sobreviver, conviver e acreditar, o grupo humano disponibiliza aos seus indivíduos as soluções e respostas já desenvolvidas e prontas para o consumo, na forma de preceitos biológicos, sociais e transcendentais. Assim, os preceitos biológicos compõem-se de verdades a respeito da manutenção e reprodução da vida. Por exemplo, fomos acostumados a consumir certos alimentos e outros não, a ingerir certos líquidos e evitar outros, a usar certos tipos de vestimentas, a relaxar de certa maneira. Também fomos acostumados a sermos homens ou mulheres de certo jeito, a emitir e avaliar certos comportamentos como femininos ou masculinos. Visto nesta ótica, tudo isso e tudo ao que se refere por semelhante é a máxima da expressão do melhor do nosso grupo a respeito de sobrevivência individual e da espécie humana. Por essa razão, o sentido moral é o valor que condiciona a pessoa em todas as suas realizações.

Por ser o valor inerente aos comportamentos, no qual a pessoa se expressa em responsabilidade (liberdade), o valor moral aparece como a razão de ser do ser humano. Neste sentido, o valor moral é o mais personalizante. Por isso mesmo, é um valor sempre constante na vida da pessoa. Além do mais, por ser o valor da realização pessoal, tem a complexidade de ser um valor que realiza um ideal universalmente válido, porém, ao mesmo tempo, condicionado à situação pessoal do sujeito ¹⁹⁴.

Dessa maneira, as realizações e preceitos éticos sociais são compostos de verdades a respeito da individualidade e da convivência. Por exemplo, fomos educados e acostumados a não nos portar grosseiramente e rudemente no meio em que vivemos. Ao contrário, na medida do possível, dar a atenção adequada, buscar nos identificar com outros educadamente, respeitar as autoridades constituídas pelo grupo, saudar os outros adequadamente, comer apropriadamente, dar a vez a um idoso, senhora, gestante e tantos outros preceitos para

¹⁹³SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 35.

¹⁹⁴VIDAL, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 19.

desfrutarmos de uma salutar convivência. Eles expressam traços individuais considerados como desejáveis para a realização da pessoa dentro da perspectiva de certo modelo social e cultural, já que, pela mesma ótica, desenvolve-se um tipo de pessoa com maiores chances de conviver beneficentemente.

Os preceitos têm, antes de tudo, função pedagógica, isto é, pretendem indicar caminhos para a realização de cada indivíduo humano. Desempenham, porém, ao mesmo tempo, função coercitiva, pois, sob a proteção de instituições, são utilizados para o julgamento moral e legal das atividades individuais. Indivíduos são premiados ao agir certo, isto é, conforme os preceitos; São punidos ao agir errado, isto é, diferentemente da previsão inscrita nos preceitos. O certo é culturalmente estabelecido como bom-para-todos; o errado, o estabelecido como o mau-para-todos¹⁹⁵.

Com toda razão, o valor moral incide nos demais valores respeitando sua própria autonomia. Todas as ordens de preceitos e valores têm uma íntima relação. Contudo, o valor moral relaciona-se com os outros valores, uma característica especificamente sua. Nesse sentido, o valor moral tem uma função de mediação entre os valores religiosos e todos os outros valores. Pode-se dizer que o valor moral está presente, de uma maneira especial, em todos os demais valores, sem privá-los de sua peculiaridade. “O sentido moral se impõe por si mesmo”¹⁹⁶, na construção de uma sã consciência moral.

2.6 MARCO TEÓRICO DA CONSCIÊNCIA MORAL E SUA FORMAÇÃO

Enquanto se reduzir a moral a um código de comportamento individual e coletivo, a um conjunto de virtudes a praticar ou também aos imperativos de uma lei natural considerada universal, não se pode perceber suficientemente toda a especificidade, a bondade e atualidade permanente da moral Bíblica¹⁹⁷.

Através dessa explanação dos diversos sentidos da ética e da moral no processo de formação do homem, fica evidente que a vida humana é inseparável de sua interpretação, ou

¹⁹⁵SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 37.

¹⁹⁶VIDAL, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 18.

¹⁹⁷PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral*. Raízes Bíblicas do agir Cristão. São Paulo. Paulinas, 2009. p 14.

seja, a autoconsciência da existência humana daquilo que ela é para o mundo faz do viver não somente uma ação, mas também um marco teórico, uma interpretação que metodologicamente dá um significado único à vida humana.

O sentido ético é a interpretação da existência humana enquanto vivida em chave de responsabilidade e de compromisso. Junto a outros níveis de hermenêutica, o sentido moral expressa a peculiaridade normativa da consciência e a estrutura da realidade enquanto deve ser ¹⁹⁸.

Nessa perspectiva, ser pessoal é fazer-se ato de ser, encarregar-se não simplesmente de exercer uma ou outra qualidade ou propriedade da vida humana, mas potencializar todo ser. Essa existencialização potencializada de uma pessoa introduz a responsabilidade, a decisão, a liberdade no âmago do ser pessoal. Assim, a consciência moral aparece no indivíduo, não obrigatoriamente como um peso de modo a afetar os atos ou resultados de suas atitudes éticas, mas fazendo com que todo seu ser interior e exterior se comprometa como pessoa integral. Desse modo, fazer-se pessoa ética aparece como um traço definitivo da pessoa em justa sintonia com o pensamento e a ação.

Ao afirmar a consistência do homem enquanto pessoa não se pretende obscurecer a importância das mediações sociais para a compreensão do humano... Unicamente desde essa compreensão do ser humano como pessoa pode-se delinear o projeto ético da história humana. Toda transformação econômica e política alcança densidade humanizadora se parte da afirmação do valor primordial do homem como sujeito, isto é, como pessoa ¹⁹⁹.

Por outro lado, a forma concreta de integrar o sentido ético à totalidade da existência humana marca a orientação fundamental do sistema moral de cada indivíduo e de cada grupo. Dessa forma, surgem sistemas éticos preferencialmente “religiosos” ou preferencialmente “seculares” em que os valores morais incidem efetivamente nos valores de determinados grupos e sistemas éticos respeitando sua autonomia.

Todas as ordens de valores têm uma inter-relação. Contudo, o valor moral faz dessa relação com outros valores uma característica especificamente sua. Neste sentido, o valor moral tem uma função de mediação entre os valores religiosos e todos os outros valores. Pode-se dizer

¹⁹⁸ VIDAL, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 08.

¹⁹⁹ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 183.

que o valor moral está presente, de uma maneira especial, em todos os demais valores, sem privá-los de sua autonomia e peculiaridade ²⁰⁰.

Por essa razão, para tomar consciência de um plano sobre o que é bom e o que norteia a vida de uma pessoa para a busca de um ideal objetivo, se constrói toda uma reflexão ética que se apoia necessariamente nos dados do fato moral. Esta condição da construção de uma consciência moral se constrói livremente e coerentemente. Contudo, a busca da construção da consciência moral em vista de uma orientação formativa religiosa se diversifica ao dar preferências na forma de concretização do bom, do justo, na ação e na estrutura. Portanto, o valor dominante da ação construtiva da vida humana é a comunhão com Deus e o seu *êthos* originário é o dom de si a Deus, a constante renúncia “do terreno”. Neste sentido, o valor moral é o mais personalizante. Por isso mesmo, é um valor sempre constante na vida da pessoa. Além do mais, por ser o valor da realização pessoal, tem a complexibilidade de ser um valor que realiza um ideal universalmente válido.

Os valores transcendentais são compostos de verdades a respeito das possibilidades de realização humana e de explicações razoáveis para aquilo que ainda se nos apresenta como misterioso, porém necessário ²⁰¹.

De fato, o indivíduo humano que constrói e vive tais valores em uma esfera ética de vida religiosa, é dotado das capacidades de querer e pensar próprios, o que o indica como primeiro responsável pelo seu próprio projeto de realização. Por isso, mesmo dependente, de início, dos preceitos que instruem e disciplinam sua atividade, o indivíduo terá de, paulatinamente, abandonar os indicativos apenas externos e assumir valores internos pessoais. Terá de, livremente, arbitrar e fazer escolhas responsáveis. Deixará então de agir simplesmente por preceitos e regras e agirá por valores maiores, ou seja, por imperativos cujas necessidades voltam-se ao transcendental ²⁰². Contudo, a passagem do viver por preceito para o imperativo maior, não implica necessariamente na rejeição ou exclusão do preceito. Com efeito, descobrem-se como bons a maioria dos preceitos. Assim, a diferença não é, necessariamente, a emissão dos preceitos ou uma vivência contrária ao preceito habitual, mas o que move a nova escolha é a vivência dos valores evangélicos. Visto nesta ótica, o projeto e

²⁰⁰ VIDAL, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 19.

²⁰¹ SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 37.

²⁰² “Enfim, no discernimento moral importa levar em conta o refinamento progressivo da consciência moral, em particular na leitura dos dois Testamentos... A propósito da Escritura, a comunidade é um lugar essencial de discernimento”. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral*. Raízes Bíblicas do agir Cristão. São Paulo: Paulinas, 2009. p 235.

a realização de vida dessa pessoa é primeiramente um ato de fidelidade e responsabilidade, a plena realização da vontade de Deus. Em outras palavras, torna-se um homem virtuoso e fiel ao seu projeto de vida que será capaz de ultrapassar o horizonte subjetivo da mera satisfação pessoal momentânea e entregar-se às exigências de sua realidade integral como resposta fiel ao seu projeto evangélico.

O homem fiel reconhece o peso da realidade e é capaz de perceber a validade das realidades significativas para além do encanto da novidade com que se apresentem. Ao contrário, por estranho que pareça, o homem volúvel não muda nunca, pois conserva as imperfeições e preferências de seu “eu” natural. Por ceder facilmente às impressões, não consegue segurar para sua vida mesmo aquilo que leva a sério. A fidelidade ao projeto religioso é, enfim, uma resposta autônoma e positiva do “eu” individual à significatividade de sua circunstância²⁰³.

Com toda razão, o indivíduo fiel à vivência evangélica, ou seja, o cristão, não enche o mundo com seu eu, mas cede a vez ao que existe, para deixá-lo mostrar-se na sua peculiaridade²⁰⁴. Percebe a dignidade e a nobreza do que existe, percebe a realidade valiosa de cada coisa, isto é, o valor integral da vida enquanto real e enquanto criação de Deus. Por isso, toma a realidade a sério pelo que é e não como simples meio para si ou para cumprir seus objetivos. Enfim, o cristão fiel ao seu projeto caracteriza-se por um senso de responsabilidade apurado para com a vida, também com “uma atenção vigilante às consequências daquilo que se faz, ou seja, ao conteúdo de justiça que deve nortear a ação individual do sujeito, rumo à realização do seu projeto de vida”²⁰⁵.

²⁰³SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 50.

²⁰⁴“A Ética Cristã é, pois, a forma analítica e crítica com a qual os cristãos pensam e agem num movimento dialético constante, onde a tábua de valores que regem sua vida é constantemente reavaliada cada vez que um dado ou um argumento novo é apresentado ao seu conjunto, seja pela vida comunitário-religiosa ou social, seja pelas ciências com as quais é obrigado a dialogar”. OTTAVIANI, Edécio Serafim. *Revista de cultura teológica*. ano VIII, n. 31. p. 73, 2000.

²⁰⁵Ibid. p. 51.

2.7 A EDUCAÇÃO MORAL²⁰⁶ - ESCOLHER SEGUNDO A CONSCIÊNCIA

O objetivo global da educação moral consiste em favorecer o desenvolvimento natural e harmonioso do sentido moral para se conseguir o ideal do amadurecimento da pessoa moral...²⁰⁷.

A situação atual de nossa sociedade possibilita-nos a ter um enfoque construtivo de uma educação moral em vista da autoconstituição da pessoa moral, capaz de construir cooperativamente “(isto é, mediante deliberação argumentativa e interação social)”²⁰⁸ juízos morais ponderados, que traduz e interpreta contextual e responsabilmente “(quer dizer, numa situação histórica concreta) em sua prática habitual, como no âmbito público e privado”²⁰⁹. Portanto, uma educação moral significa produzir estratégias educacionais que possam contribuir e facilitar o crescimento de uma consciência moral equilibrada nas pessoas, ou seja, “autônomo e intencionalmente universalista, ao mesmo tempo que contextualmente interpretado e traduzido que guia efetivamente sua escolha e sua conduta real”²¹⁰.

Sendo inerente à condição de pessoa, a educação moral participa da complexidade própria da pessoa. Dessa maneira, a educação moral desenvolve-se através da consciência reta da pessoa e se realiza mediante processos que intervêm na formação da personalidade humana (sociedade, família, religião...). Assim, o conhecimento desses processos constitui o fundamento imprescindível para organizar e realizar o projeto válido de educação moral.

Quando funciona bem a educação moral no processo de formação da pessoa alcança-se uma consciência moral que efetivamente pode ser entendida como “a consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem”²¹¹, ou seja, a consciência moral é a consequência

²⁰⁶ “Definitivamente, entendemos a educação moral como um processo de crescente maturação cognitiva, motivacional e prática, que persegue a autoconstrução de uma personalidade moral, crescentemente autônoma e responsável em suas decisões e em seu comportamento ante as diferentes alternativas axiológicas que se lhe oferecem. E colocamos ênfase na conduta moral efetiva, porque o enfoque cognitivista concentrou-se quase exclusivamente na formação do juízo moral, supondo um ajuste espontâneo da teoria e da prática, que a experiência cotidiana e a investigação científica desmentiram repetidamente”. VIDAL, Marciano. *Ética teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 266.

²⁰⁷ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 646.

²⁰⁸ VIDAL, Marciano. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 266.

²⁰⁹ Ibid. p. 266.

²¹⁰ Ibid. p. 266.

²¹¹ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições decretos declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000. Gaudium et Spes n. 16.

de uma educação moral em referência à sua pessoa e à seriedade de sua própria práxis de vida. A educação moral introduz a reta consciência moral para esclarecer os valores no sentido de torná-los funcionais à vida do homem como um todo. A função da educação moral sempre acompanhou todo o sistema educativo da vida do homem desde a antiguidade até a modernidade. E, não obstante, é na modernidade que se organiza e clarifica a educação moral como fonte de formação objetiva do próprio indivíduo. E Marciano Vidal nos expõe:

A educação moral é um elemento integrante e imprescindível do conteúdo educativo, ao qual tem direito todo ser humano;

A educação moral deve fazer parte do sistema obrigatório da escola;

A educação moral deve ser de caráter civil e consequentemente diferenciado do ensino religioso.

Quero sublinhar que a educação moral na escola não pode ser de caráter confessional. Ela deve ser projetada sobre a base ética civil, isto é, daquela moral que, desprendendo-se de cosmovisões fechadas e baseando-se na consciência ética da humanidade, exprima uma ideia moral comum aberta às diferentes opções autenticamente democráticas²¹².

Em nossas sociedades, temos percebido, de forma generalizada, a falta de educação moral ou, quando ela existe, é de forma relativamente escassa. Apesar de tudo, porém, de forma paulatina, tem havido um pequeno avanço, pois o mero anúncio da necessidade de frisar sobre a educação moral, causa espanto e começa-se a confirmar, de modo generalizado, sua real importância e fundamental sentido. Pois, da mesma forma que parece evidente a necessidade de propormos com relevância uma educação intelectual, física, afetiva, religiosa, etc, também surge a necessidade de se estabelecer a educação moral. De fato, em um primeiro momento, a educação moral aparece como algo impossível de ser realizado em nossa sociedade contemporânea, pois vivenciamos uma sociedade enraizada entre o individualismo, o pluralismo, o relativismo e entre tantos “ismos” subjetivistas que tornam impossível uma fundamentação racional ética que justifique suas pretensões de validade de uma sólida educação moral, já que as atitudes da sociedade moderna revelam-se dominadas por interesses próprios.

²¹²VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 646.

A educação da consciência significa crescimento e amadurecimento. A tendência normal é chegar a atingir o estágio maduro, crítico, autônomo, capaz de discernimento, de juízos prudentes, que são o lastro indispensável para o exercício da responsabilidade... A consciência guarda sempre um potencial de superação; para isso, não pode faltar diálogo, capacidade de assumir compromissos através de uma ação concreta a realizar, fazer revisões na vida, superar os preconceitos, abrir-se aos outros, dispor-se à conversão, contar sempre com a graça de Deus ²¹³.

Entretanto, uma reflexão ética mais ponderada mostra-nos que, assim como justificamos os contravalores como não sendo éticos, é possível justificarmos e propormos uma nova educação moral como tarefa de construção dialógica de certas normas e pautas de conduta, mediante as quais os indivíduos podem elaborar soluções criativas, responsáveis e salutares para os dilemas que se apresentam consecutivamente em nossa sociedade hodierna, tanto em seu âmbito privado como no público (social, político, religioso etc). Por essa razão, segundo uma linha ética de educação moral, a autonomia do indivíduo deve ser profundamente positiva, o que quer dizer que a pessoa deve ser capaz de escolher livremente dentre as alternativas ou dilemas morais que lhe são oferecidos, o mais ensinável e correto, isto é, que seja o mais apropriado e apresente sinais de argumentações e soluções compatíveis com o pluralismo ético de uma sociedade sem sentido de valores morais. Todavia, em uma sociedade tão conflitante que apresenta certos dilemas éticos sobre razões cada vez mais sérias, a educação moral (em um caráter axiológico) nunca deve tornar-se impossível, mas deve ter o seu ponto central dirigido justamente ao valor fundamental à vida que é a raiz

indestrutível da ética da pessoa.

O que, pois, se deve dizer a respeito da educação moral é que existem vários paradigmas e que cada um desses modelos corresponde a determinado paradigma da ética. Marciano Vidal destaca os seguintes modelos ou paradigmas:

Paradigma sociologista: a educação moral é considerada, programada e realizada como um processo de “socialização”, em correspondência com a compreensão da moral como um fator de incorporação a um determinado grupo;

Paradigma de análise axiológica: a educação moral é projetada como esclarecimento dos valores que integram o universo axiológico de uma cultura; a moral é entendida em chave de antropologia cultural;

²¹³ AGOSTINI, Frei Nilo. *Moral Cristã*. Temas para o dia a dia. Nesta hora da graça de Deus. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 35.

Paradigma cognitivo-evolutivo: a educação moral é vista como o desenvolvimento do juízo moral, em correspondência com uma interpretação intelectualista da moral;

Paradigma virtuoso: a educação moral, segundo esse modelo, consistiria na formação de hábitos virtuosos de acordo com o conceito aristotélico de moral como ciência das virtudes ²¹⁴.

Por isso, será preciso insistir em uma educação moral completa que exige não somente a maturidade do juízo moral, mas também a formação de hábitos de ações ou virtudes morais, que constroem novos modelos de ações educativas específicas para potencializar a consciência moral no reforço da vontade racional ante os impulsos egoístas instintivos e a gravidade dos hábitos deficientes adquiridos. Nessa linha, a educação moral com certeza poderá se favorecer de novas estratégias, modelos e planos específicos desenvolvidos por um paradigma de aprendizagem social (comportamentalismo, modificação de conduta, intervenção psicológica etc). Portanto, em vista dessa ótica de uma educação moral como um programar moral verificamos o paradigma de sinal personalista, paradigma esse que demonstra a educação moral entendida como um processo de crescimento do indivíduo como sujeito moral. Por essa razão, a moralidade é uma das dimensões fundamentais da existência do homem. Assim, se destaca a compreensão da educação moral como o trabalho essencial de dirigir a faculdade da pessoa para que ela apreenda os valores morais que fundamentam a reta consciência. “A estimativa moral é a síntese da polaridade objetiva (os valores) com a polaridade subjetiva (a responsabilidade)” ²¹⁵, com as quais se forma a consciência moral. Ao se propor a educação moral como meta de uma conduta final desejada, é preciso sem dúvida conseguir de forma natural e harmoniosa o amadurecimento da pessoa moral adulta. E para que o amadurecimento eficaz da pessoa ocorra, Marciano Vidal desenvolve a linha de raciocínio que se realiza em duas vertentes ou em dois dinamismos: configuração da estrutura subjetiva e iniciação à estimativa moral objetiva, o que trará como consequência o dinamismo da sensibilização ética (subjetivo-objetiva) e deve ser desenvolvida segundo estes critérios:

Critério cognitivo. O objetivo da educação moral deve concretizar-se tornando efetivas na conduta moral as seguintes exigências: conexão entre ação e consequência, previsão dos resultados da ação, integração entre o concreto e o abstrato, realização do juízo moral mediante o discernimento;

²¹⁴VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 646.

²¹⁵Ib. p. 647.

Critério emotivo. O objetivo emotivo da educação moral deve propiciar uma conduta moral na qual se articulem corretamente os fatores seguintes: a conaturalidade para o bem, a criação de atitudes, a organização de “lealdades”;

Critério motivacional. Mediante este objetivo pretendem-se duas coisas: a integração entre o “realismo” e a intencionalidade, e a hierarquização das motivações éticas;

Critério prático. Nesse âmbito, a educação moral procura fazer que o sujeito moral tome consciência da ação como experiência ética, que aceite o contraste da realidade, que faça a avaliação crítico-utópica da prática ²¹⁶.

Dessa forma, a educação moral enquanto tarefa pedagógica do desenvolvimento da consciência moral busca dar importância à conduta moral. Sendo assim, a conduta moral enfatiza o sentido de prevenir comportamentos imorais de condutas indesejadas. Não bastam, portanto, normas e regras morais para a aquisição de uma reta conduta moral associada a uma reta consciência, mas a educação moral associa-se à própria construção de valores que a pessoa constitui mediante a interiorização da aprendizagem de valores, como, por exemplo, uma capacidade de iniciativa própria, como um modelo paterno por imitação, em que o pai elabora modelos de sistemas de valores que condicionam a criança à facilidade de aprendizagem daquilo que é bom. Em consequência, percebemos que o sentido estrito de conduta moral não está somente restrito ao cumprimento de regras e de valores, mas o sentido positivo do termo está relacionado definitivamente ao amadurecimento moral que, de certa forma, é a meta do esforço educativo. Logo, três palavras podem definir a meta da educação moral: “autonomia; justiça; solidariedade” ²¹⁷.

No que se refere ao termo autonomia ética como o verdadeiro ideal da educação moral, temos a “estrutura madura do comportamento moral na realização da responsabilidade assumida pessoalmente” ²¹⁸. Portanto, a “autonomia moral traz, como causa e efeito, a criação da personalidade. Educação moral e educação da personalidade constituem a mesma meta” ²¹⁹.

Quanto ao significado de ética de justiça, temos como fundamento “a ponte que une eficazmente a estrutura moral subjetiva à estimativa moral objetiva” ²²⁰, isto é, aprender a atuar de forma justa, sendo, por isso, parte da meta da própria educação moral. Sendo assim, a definição essencial da categoria ética de justiça é formada por duas “referências axiológicas

²¹⁶ lb. p. 647.

²¹⁷ lb. p. 648.

²¹⁸ lb. p. 648.

²¹⁹ lb. p. 648.

²²⁰ lb. p. 648.

básicas: - a igualdade e a reciprocidade”²²¹. Consideramos a igualdade como resolução dos problemas da vida pensando no outro, nas necessidades do próximo. Já a reciprocidade busca compreender as relações humanas como um todo.

No que concerne à solidariedade ética, o seu real significado nos diz que “a solidariedade pressupõe a justiça, e não pode funcionar sem ela”²²². Entretanto, uma não desfaz a outra. Mas, ao mesmo tempo, deve reconhecer que a solidariedade insere “uma compreensão e um complemento necessários na dinâmica da justiça”²²³.

Não há dúvida, porém, de que a educação moral é um meio eficaz que oferece de forma concreta a clareza teórica e prática do conteúdo ético enquanto amadurecimento da consciência moral.

²²¹ Ib. p. 648.

²²² “A solidariedade tem uma tendência inevitável para o igualitarismo, sendo sensível principalmente às desigualdades entre pessoas, grupos e nações. Mas não leva em conta, ao menos suficientemente, outras dimensões da sociabilidade humana. Em concreto, a solidariedade é sensível às assimetrias do humano, visando a reorientá-las moralmente, isto é, a transformá-las em razões de uma atenção preferencial com parte mais fraca”. Ib. 649.

²²³ Ib. p. 648.

CAPÍTULO III

UM NOVO PARADIGMA NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA MORAL

3.A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA MORAL NUMA ÉTICA CRISTÃ

O religioso se manifesta no ético e transforma o significado puramente natural do *ethos* traduzido em práxis efetiva, se faz presente em nossa história sob formas definitivas e sempre superáveis ²²⁴.

Como a consciência aplica a norma objetiva ²²⁵ (norma moral – a Lei Moral) ²²⁶ – às circunstâncias e aos casos particulares, deduz-se facilmente a obrigação indeclinável que o homem tem de formar a sua própria consciência. Assim, a consciência é suscetível de melhoramento contínuo, o qual é proporcional ao progresso da inteligência, ou seja, se esta pode progredir no conhecimento da verdade, também poderão ser mais retos os juízos morais que faça. Além disso, este juízo moral que a inteligência realiza tem que necessariamente adequar-se ao desenvolvimento progressivo do ato humano, o que faz com que a consciência se forme adequadamente de forma progressiva.

Começa com a infância, ao despertar do uso da razão; Tem especial importância na juventude, quando cresce o subjetivismo e falta o justo sentido da realidade; Deve continuar na maturidade, quando o homem afirma as suas responsabilidades diante de Deus, diante de si mesmo e diante

²²⁴VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 216.

²²⁵ “Norma moral: para se captar a noção exata de norma moral é necessário começar por uma dupla delimitação. Por uma parte fala-se de norma em diversos contextos teóricos e para se referir a diversos níveis da realidade. Existem normas sociológicas, normas jurídicas, etc. A norma moral tem em comum com elas o caráter genérico de ‘normatividade’, mas se diferencia enquanto que se refere a um âmbito peculiar e específico: o circunscrito pelo valor e pela responsabilidade morais.” VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. Vol I: Moral Fundamental. Aparecida: Santuário, 1993.p. 469.

²²⁶ “Meio que serve para formar a consciência moral: estudo da Lei Moral, considerando-a, não como pesada carga, mas sim como caminho que leva a Deus; hábito, cada vez mais firme, de refletir antes de agir, sério desejo de procurar Deus mediante a oração e os sacramentos, para que iluminem a inteligência e fortaleça a vontade; plena sinceridade perante nós mesmos, perante Deus; pedido de ajuda e de conselho a quem tem virtude, conhecimento e graça de Deus para impulsionar ao bem aos outros.” SADA, Ricardo; MONROY, Alfonso. *Curso de Teologia Moral*. Lisboa: Rei dos livros, 1998.. p. 68.

dos outros; Por outro lado, a experiência mostra que nem todos os homens têm igual disposição para o juízo reto, influenciando nisto circunstâncias meramente naturais – doença mental, ignorância, preconceitos, hábitos etc – e sobrenaturais: a inclinação para o pecado deixada na alma pelo pecado original e pelos pecados pessoais ²²⁷.

É necessário, portanto, que o homem possa se tornar capaz de emitir juízos verdadeiros e certos, ou seja, que ele adquira, mediante a formação, uma consciência moral verdadeira e certa, o seu reto agir. Porque, efetivamente, a consciência não cria a norma moral, mas apenas a aplica. De fato, entende-se por consciência moral verdadeira a compreensão correta da realidade, ou ortodoxia; Aqui se designa também a norma correta do agir com o termo verdade, verdade do agir e verdade moral. O resultado ou fruto do discernimento autêntico é a opção pelo agir correto, com boa e reta intenção e esclarecida com a competente reflexão moral. Assim, a conclusão prática a que se chega sobre a verdade moral é que a formação de uma reta consciência resulta do processo de discernimento moral na decisão daquilo que é correto à luz do valor moral supremo, isto é, a realização da vida humana, obra-prima de Deus, a partir de uma consciência animada de espírito de fé cristã desejosa de discernir qual é a vontade de Deus e de lhe ser fiel em seu agir.

A consciência moral deve agir com certeza; Deve ser uma consciência certa. Por isso, existe uma obrigação de buscar e formar uma consciência certa. Porque somente a consciência certa é regra de moralidade. Não é preciso ter uma certeza física ou metafísica. Basta uma certeza moral. É suficiente uma certeza moral prática. Esta certeza moral prática pode ser conseguida de uma maneira direta ou de uma maneira reflexa (mediante os princípios reflexos). Isso ficará mais claro quando se tratar da dúvida de consciência e do modo de resolvê-la. Não se pode agir nunca com uma consciência duvidosa. Em tal caso, comete-se uma ação pecaminosa. Com efeito, a consciência praticamente duvidosa nunca é uma regra de atuação moral, é preciso tirar essa dúvida antes de agir ²²⁸.

Para se ter uma consciência moral verdadeira, necessitamos de formação, isto é, conhecer de forma integral e profunda a moral (Lei Moral) - certeza objetiva - que nos permitirá aplicá-la corretamente – certeza subjetiva. Por exemplo: talvez tenhamos tido a experiência de fazer alguma coisa com a certeza de estarmos totalmente certos e, depois,

²²⁷ Cf. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. Vol I: Moral fundamental. Aparecida: Santuário, 1993.p. 394-397.

²²⁸SADA, Ricardo; MONROY, Alfonso. *Curso de Teologia Moral*. Lisboa: Rei dos livros, 1998. p. 67.

acabamos por verificar que estávamos enganados. Nesse sentido, quando estamos convencidos, temos uma consciência certa – certeza subjetiva – embora, depois se prove que não tínhamos razão e que não havia, portanto, uma consciência verdadeira, mas errônea. Assim, a seriedade e profundidade da aplicação da consciência moral para um verdadeiro agir, será proporcional à quantidade de formação moral à qual o indivíduo se dedica (certeza objetiva), ou seja, buscar um conhecimento cada vez mais profundo da ciência moral, mediante estudos, leituras e consulta aos mestres, prepara a pessoa conscientemente para um reto agir moral seguro (certeza subjetiva). Além disso, proceder com uma consciência verdadeira, atenta e prudente no processo de discernimento moral, ajuda a evitar decisões e ações levianas e descomprometidas com a realidade. Portanto, o resultado de uma verdadeira consciência moral, se encontra no processo de crescimento moral da pessoa, de constante conversão. Assim, a autenticidade da consciência moral será sempre proporcional à vontade honesta da pessoa de permanente conversão ao Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, portanto, é preciso manter o coração animado de sentimentos de bondade e amor, e realizar todas as suas ações e tarefas com esse espírito.

A atitude de fundamentar a conduta só no critério pessoal, pensar que, para atuar bem, basta estar certo de que a minha atuação é boa, é, de fato, pormo-nos no lugar de Deus, é enganar-se. Portanto, a necessidade de nos formamos será tanto mais imperativa quanto mais percebermos de que, sem uma consciência verdadeira, não é possível a retidão na vida e, por conseguinte, é impossível alcançar o fim último²²⁹.

É precisamente a isto que se destina a formação da consciência Moral Cristã, que não é outra coisa senão uma simples e humilde abertura de coração à verdade, uma utilização dos meios que nos levam a alcançar livremente a felicidade eterna. Assim, a Moral Cristã, tanto no que ela tem de proposta de valores como no que tem de opção de vida, constitui um largo horizonte no qual podem se realizar as convergências benéficas da fé, em atitude de encontro com o outro. Pois, a moral religiosa, especificamente a cristã, constitui-se numa advertência contínua “à ética puramente racional de cair na tentação do excessivo relativismo, perigo do formalismo, tentação do totalitarismo, rigorismo, e etc”²³⁰.

Por essa razão, a peculiaridade da ética e da Moral Cristã procede essencialmente de sua articulação com o conjunto da fé. O cristianismo, definitivamente, não é, em si, uma

²²⁹ Ibid. p. 67.

²³⁰ Cf. VIDAL, Marciano. *Ética Civil e a Moral Cristã*. Aparecida: Santuário, 1998. p. 136.

religião moral, como podem ser algumas sabedorias orientais que funcionam praticamente a modo de religião. Com certeza, também não é relacionado como tal no conjunto das religiões com sua estrutura reduzindo-se simplesmente a uma composição interna ligada a um reducionismo moral.

Doravante, a fé cristã consiste em aceitar Jesus Cristo como revelação definitiva de Deus, confessá-lo no Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, celebrá-lo efetivamente mediante os sinais da fé, e levá-lo, anunciá-lo e testemunhá-lo aos demais.

As categoria básicas do cristianismo são a “boa notícia” (Evangelho), a “festa”, o “compartilhar”. Nesse sentido, pode-se afirmar que o cristianismo não corresponde como nota característica e essencial à dimensão moral; entre suas categorias essenciais não está a da “obrigação”²³¹.

A revelação cristã garante a existência de Deus e oferece uma forma de relação entre o homem e Deus. A realização plena para o homem é fundamentada num plano escatológico, ou seja, para além da vida terrestre. O amor a Deus, como bem único e supremo, e o amor ao próximo são os mandamentos fundamentais do cristianismo.

Além da “Boa Nova” pregada por Jesus Cristo, a cultura cristã recebe a contribuição de bases externas em vista do seu processo histórico que são três: o pensamento grego, a religião judaica e a organização social romana.

Do pensamento grego, o cristianismo herdou estruturas intelectuais que permitiram aos pensadores cristãos formar uma rica teologia cristã, ou seja, o esforço racional para dar razoabilidade ao conteúdo revelado por Deus.

O estoicismo e o neoplatonismo são pensamentos que têm importância especial. As noções de ordem cósmica e da sabedoria como adequação a essa ordem, típicas do estoicismo, são propícias à aceitação de Deus todo-poderoso, e da sua vontade como ato da sabedoria humana²³².

Do judaísmo, o cristianismo manteve duas concepções respeitáveis, Deus existe e criou todas as coisas, inclusive o homem, que é a criatura especial feita à imagem de Deus e que Ele é também Providência, isto é, relaciona-se pessoalmente com sua criação e tem

²³¹Ib. p. 218.

²³²SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 55.

especial cuidado pelo homem.

De Roma, o cristianismo herdou a estrutura e o funcionamento social, hierarquizado a partir da autoridade maior, “*pater familiae*”.

Estabelece-se um conjunto de hábitos e costumes (valores, exortações, preceitos, normas), uma moral que, considerando o que Jesus Cristo revelou e a verdade contida na tradição eclesiástica, indica para o cristão as passagens obrigatórias ou aconselhadas, para que se plenifique, isto é, para que “seja perfeito como o Pai do céu é perfeito”²³³.

Com toda razão, ao cristianismo compete, como elemento integrante e fundamental, realizar uma práxis histórica integrada com a fé e com a celebração cultural. Portanto, a fé que não intervém na realidade do homem é um fator que aliena e deturpa o verdadeiro sentido do ser cristão. “Dentre as formas de incidência que adota a fé deve-se destacar a incidência empenhativa e transformadora. Essa é a ética”²³⁴.

Para o cristão, “a atitude ética”²³⁵ emana da rica vivência religiosa e, ao mesmo tempo, serve de mediação entre fé e compromisso moral. Sob esta ótica, o valor moral, para o cristão, tem uma função de mediação entre os valores religiosos e todos os valores restantes. Dessa forma, ao longo da história, os cristãos realizaram de diversos modos esse empenho moral que transformou o mundo sobre o qual exerciam influência.

A Moral Cristã pode ser definida como a mediação prática da fé. Se a fé e a celebração religiosa exigem o compromisso transformador intramundano, a moral vivida do cristianismo não é outra coisa que a mediação prática dessa celebração. Tenha-se em conta que a categoria de “mediação” não se relaciona com a fé, mas com a moral. Não é, portanto, a fé que é a mediação entre religião e o compromisso intramundano, mas a moral que se constitui em mediação entre fé e o compromisso ético²³⁶.

²³³Ib. p. 56.

²³⁴VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 218.

²³⁵Podemos definir a ética cristã como a constituição dinâmica de uma consciência coletiva, cujos valores e atitudes encontram seu embasamento no modo de ser de Jesus e cujo pensamento é capaz de analisar, criticar e, conseqüentemente, julgar ideias, hábitos, valores e comportamentos em estruturas político-sociais e cuja finalidade é de levar toda e qualquer sociedade ao cumprimento da justiça e à consolidação da felicidade e da paz”. ADRIANO, J. Apontamentos sobre ética cristã. *Lumen Veritatis*. Revista de Inspiração Tomista. V. 1, n. 5, 2008. p. 21.

²³⁶VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 219.

Efetivamente, a resposta esperada do cristão que procura construir-se eticamente é esta: ‘Seja feita a vontade de Deus!’, ou seja, deve expressar em sua vida a crença maior na sabedoria divina, na providência e no amor de Deus, relegando a segundo plano a sabedoria e a atividade fugaz estipulada e sugerida pelos homens. Para o crente cristão, dizer “seja a feita a vossa vontade” é dizer “que se realize o plano salvífico de Deus”.

Dessa maneira, o cristão tem de mudar de mentalidade, ou seja, construir uma consciência moral reta para adquirir o sã discernimento ético. Somente assim desenvolverá nova capacidade estimativa que lhe permita achar a vontade de Deus. Verificamos ser essa a doutrina desenvolvida por Paulo em duas passagens importantes em que se refere ao discurso ético e enfatiza uma significativa mudança de mentalidade.

“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossas mentes, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Rm12,2).

“É isto que eu peço: que vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e em sensibilidade, a fim de poderdes discernir o que mais convém, para que sejais puros e irreprováveis no dia de Cristo, na plena maturidade do fruto da justiça que nos vem por Jesus Cristo para a glória e o louvor de Deus” (Fl 1,9-11)²³⁷.

Visto assim, o discernimento ético do cristão, em seu sentido pleno, baseia-se especificamente numa mudança de mentalidade do sujeito moral. O cristão pode discernir à medida que se transforma renovando a mente. Consequentemente, o discernimento ético do cristão, na sua adesão radical pelo batismo, renova o crente até em seu senso moral. Se o objeto do discernimento, a vontade de Deus, faz parte da ordem da gratuidade e liberdade, também fará parte da mesma ordem a possibilidade de sua percepção. Intuiu e expressou Bonhoffer de modo original:

Só se pode tratar, nessa metamorfose do homem, da superação da figura do homem corrompido, Adão, e da configuração à imagem do homem novo, Cristo... O homem não pode discernir por si mesmo qual seja a vontade de Deus partindo do próprio saber do bem e do mal; mas o que ocorre é inteiramente o contrário: só o pode fazer quem descartou o próprio conhecer do bem renunciando, a saber, por si mesmo a vontade de Deus, aquele que vive na união da vontade de Deus, porque já se realizou nele a vontade de Deus. Só é possível discernir qual é a vontade de Deus em Jesus Cristo. Só em virtude de Jesus Cristo, só no âmbito determinado por Jesus

²³⁷ BIBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

Cristo, só em Jesus Cristo é que se pode discernir qual seja a vontade de Deus²³⁸.

Na passagem da Carta de São Paulo aos Filipenses capítulo primeiro, versículos 9 ao 11, uma das mais extraordinárias e mais belas orações paulinas, Paulo finaliza a mudança de mentalidade do sujeito moral. O discernimento do cristão brota fundamentalmente do “amor” (ágape). Não é assim uma lei, nem um feixe de princípios abstratos, mas é a manifestação de um sentido afinado por um intenso amor de caridade na busca de se cumprir a vontade de Deus. Portanto, a busca de se cumprir a vontade de Deus e sua autenticidade levam à efetiva mudança do sujeito, isto é, ao discernir o ético do cristianismo como uma realidade verdadeiramente dinâmica que se afasta tanto da execução cega de uma lei como da improvisação e veleidade. O que sobressai, enfim, é o amor como prática intensa da caridade cristã.

Nos textos paulinos citados, a vontade de Deus, não é algo evanescente ou etéreo. Paulo não entende a vontade de Deus como algo oscilante e transitório. Concretiza-a em fórmulas éticas, valendo-se para tanto de expressões morais técnicas e precisas. A vontade de Deus é o descobrimento, através da busca incessante, do que “é bom, agradável e perfeito” (Rm12,2) e através do discernimento de “o que convém” (Fl 1, 10). É preciso valer-se, para descobrir a vontade de Deus concretamente, de todas as energias da razão ética²³⁹.

Entre tantas opções éticas que nos são apresentadas, o Cristianismo tem sido autenticamente um lar para os grandes projetos éticos ao longo destes dois mil anos. Essa consciência moral vem, sobretudo, das fontes bíblicas onde bebe da fé de um Deus único, vivo e verdadeiro que é, de fato, o grande fundamento e a real garantia da justiça humana. Portanto, deve-se com certeza ao Cristianismo de Jesus de Nazaré, com sua prática e com sua palavra de vida, a revelação e inauguração de um universo novo. Esse universo novo é efetivamente o Reino de Deus, feito promessa e compromisso mediante as bem-aventuranças, no puro contexto da nova proclamação da lei messiânica do amor cristão.

Tudo isso nos leva a concluir que: a ética cristã e a consciência moral que acompanha estão intrinsecamente ligadas ao anúncio e à busca do Reino

²³⁸D. Bonhoffer. *Ética*. Barcelona: Herder, 1968, Apud VIDAL, Marciano. *Moral de opção fundamental e atitudes*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 100.

²³⁹VIDAL, Marciano. *Moral de opção fundamental e atitudes*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 101.

de Deus ou do modo de Deus reinar sobre a terra, com o qual as Bem-aventuranças estão intrinsecamente ligadas: buscai primeiro o reino de Deus e a justiça de Deus e tudo o mais vos será acrescentado (Mt 6, 33)²⁴⁰.

3.1. A CONSCIÊNCIA MORAL DIANTE DA VERDADE DE CRISTO

Quando funciona bem a dimensão religiosa no conjunto da consciência moral, esta adquire qualidades e possibilidades inesperadas. Funcionam nela sensibilidades novas... A religião abre a consciência moral às regiões da esperança escatológica, em que funcionam a gratuidade juntamente com o esforço, a segurança juntamente com a dúvida, a alegria juntamente com a seriedade, o perdão juntamente com a conversão²⁴¹.

Ao verificarmos um episódio público da vida de Jesus quando um fariseu e um saduceu pedem a Jesus um sinal do alto para provar sua autoridade perante Deus (Cf. Mt 16, 1), Jesus responde:

Quando vedes levantar-se uma nuvem no poente, logo dizeis: vem chuva, e assim acontece. E quando sopra o vento do sul, dizeis: Fará calor, e isso sucede. Hipócritas, sabeis discernir o aspecto da terra e do céu; e por que não discernis o tempo presente? Por que não julgais por vós mesmos o que é justo? (Lc 12, 54-57)²⁴².

‘Pois bem aqui está o sinal’! Aqui, a advertência de Jesus segue sobre seus adversários que tinham sua consciência bloqueada pela falta de prudência. E o sinal que Jesus pede remonta a própria consciência que muda de mentalidade e busca o que é justo. Portanto, a função específica da consciência moral “consiste em ser a ponte mediadora entre o valor e objetivo (a realidade) e a situação concreta (a pessoa)”²⁴³.

Jesus, portanto, exige que a consciência do homem seja clara, reta e verdadeira em seu plano de história. Assim, se todo o discurso que fazemos resulta como verdade fundamental de toda a realidade moral da presença do Cristo ressuscitado no dinamismo do Espírito Santo, então a advertência de Jesus sobre a consciência moral de sua contemporaneidade é válido

²⁴⁰ADRIANO, J. Apontamentos sobre ética cristã. *Lumen Veritatis*. Revista de Inspiração Tomista. V. 1, n. 5, 2008. p. 22.

²⁴¹ VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 80.

²⁴² BIBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

²⁴³ VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 84.

para a consciência de todos os tempos. Assim, as condições reais do justo funcionamento da consciência moral devem ser “a sinceridade ou a coerência pessoal (= retidão), a busca da verdade possível em cada situação concreta (= verdade) e a segurança subjetiva (= certeza)”

²⁴⁴.

3.2. A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA MORAL E A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

Vemos que a dignidade da pessoa, conferida ao ser humano, remete ao apelo criador de Deus. Enquanto indivíduo ou sujeito responsável, ou ainda enquanto personalidade educada, o ser humano poderá apresentar matizes diversos que não se comparam ou não substituem ao que constitui como pessoa...²⁴⁵.

Outra condição que Jesus insiste a respeito da formação da consciência moral está intimamente ligada ao critério da dignidade da pessoa humana – homem é pessoa, portanto, participante da pessoa de Deus. A dignidade da pessoa funda-se necessariamente em Deus e, conseqüentemente, pode ser verificada nos valores humanos que interagem na vida do cristão. Dessa forma, a dignidade da pessoa é critério de verdade na consciência ensinado por Jesus. A dignidade cresce e se constrói na pessoa e se exprime no plano pessoal em uma vida de alteridade e aceitação com o próprio Cristo.

A dignidade humana requer que o homem aja por convicção interna pessoal e não sob a pressão de impulso interior cego de mera coação externa

²⁴⁶.

Assim, a consciência deve exercer efetivamente a função de educar a pessoa ao autogoverno de si, sem tornar-se laxista e nem sequer escrupulosa. Verdade e equilíbrio se inserem no íntimo da pessoa e com esta visão é possível que a consciência cresça e se autogoverne fundada e animada na verdade de Cristo pelo amor. Portanto, a consciência

²⁴⁴ Ibid. p. 84

²⁴⁵ AGOSTINI, Frei Nilo. *Introdução a Teologia Moral*. O grande sim de Deus à vida. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 49.

²⁴⁶ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000. Gaudium et Spes, n. 17.

moral tem função “humanizadora, isto é, reconhecer o papel da consciência moral é reconhecer o sujeito humano”²⁴⁷.

Ocorre, pois, que educar a consciência para os valores da pessoa humana na verdadeira busca de dignidade do homem é o critério genuíno da vida pública de Cristo. Pois, a partir de sua atuação, originam-se convergências e âmbitos de atuação comuns entre homens de boa vontade, esta consciência moral “une os cristãos com outros homens, para buscar a verdade e resolver com acerto os numerosos problemas morais que se apresentam ao indivíduo e à sociedade”²⁴⁸. Por essa razão, quando o escriba e o fariseu conduzem Jesus a uma mulher pega em adultério argumentando que ela tem violado a Lei de Moisés e que essa lei diz claramente que tal atitude exige apedrejamento²⁴⁹, Jesus, de forma alguma se propõe a julgar aquela mulher, mas põe as pessoas em uma situação de confronto diante daquele comportamento:

Os escribas e fariseus trazem, então, uma mulher surpreendida em adultério e, colocando-a no meio, dizem-lhe: Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério. Na Lei de Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. Tu, pois, que dizes?... Como persistissem em interrogá-lo, ergueu-se e disse: quem dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro a lhe atirar a pedra!... (Jo 8, 3-7)²⁵⁰.

Dessa maneira, Jesus, diante da mulher acusada de adultério toma uma atitude reflexiva de mudança de mentalidade, isto é, o valor da atitude é critério de valor de formação de uma reta consciência, impede o impulso de cair na intolerância e “favorece o diálogo e a confrontação: Quanto maior é o domínio da reta consciência, tanto maior a segurança têm as pessoas de afastar-se do capricho cego do legalismo”²⁵¹. Dessa forma, na sequência, Jesus diz à mulher: “quem lhe condenou? Ninguém, Mestre. Então, Jesus disse: Nem eu te condeno, vai, e de agora em diante não peques mais”. (Cf. Jo 8, 8-11)²⁵². Portanto, esse apelo de Jesus à mulher adúltera sugere uma nova forma de agir que mexe com as estruturas enraizadas de um

²⁴⁷ VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 85.

²⁴⁸ COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000. Gaudium et Spes, n. 16.

²⁴⁹ Mas, dentro do novo Testamento, a lei em geral se refere à lei mosaica, que contém regras e regulamentações que governam cada aspecto da vida, desde regulamentações culturais e de pureza legal até o decálogo. A observância dessa lei era o meio pelo qual o povo judeu mantinha o seu estatuto de aliança. Escolhido graciosamente por Deus, mantinha-se Israel no relacionamento adequado com Deus observando as prescrições da lei. Cf. MATERA, Frank J. *Ética do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 08-11.

²⁵⁰ BIBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

²⁵¹ Cf. VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 86.

²⁵² BIBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

tempo que reporta a um legalismo judaico precedente à Lei e que, de forma alguma, constrói uma consciência alicerçada na prática do amor cristão.

A consciência moral tem um limite: a caridade. Diante desta cedem até os direitos da consciência moral. São Paulo desejava ter em suas comunidades consciências esclarecidas, porém, desejava mais ainda corações que amam. “O conhecimento incha; é a caridade que edifica”. (1 Cor 8,1; cf. 8, 12-13; 10, 23-29)²⁵³.

Pois, para Jesus, a mulher, a partir do encontro, está plenamente capacitada a amar e a rever o seu futuro. De agora em diante, percebemos claramente aparecer a nova consciência fundamental do agir cristão, porque agora essas pessoas estão capacitadas a amar mais, a perdoar mais, ou seja, a capacidade para amar constrói uma nova consciência. Como se vê, as atitudes do Senhor diante das pessoas não deixam transparecer a lei do julgamento, mas reportam à pessoa em primeiro lugar, ela está acima da lei. São procedimentos evidentes da vida de Jesus que motivam e exprimem uma reta consciência. A prostituta pecava, ela era uma pecadora, a lei dizia isso. Agora, porém, uma nova consciência manifesta-se nas pessoas e as capacita a amar (lugar de Deus) e a crerem em Jesus. Portanto, a consciência moral deve, antes de tudo, superar a lei pela lei e considerar a realidade existencial da pessoa como um todo. Essa mudança de mentalidade é simplesmente uma consequência de um novo modo de agir que, de forma universal, faz parte da vida do cristão, que o torna bom, justo e o educa formalmente a tornar-se sede da consciência moral.

²⁵³ VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 86.

3.3. A VIDA COTIDIANA DO CRISTÃO NO CUMPRIMENTO DA VONTADE DE DEUS

Pela consciência, o ser humano mergulha para dentro de si mesmo e para o que está em sua volta... Assim, cada pessoa humana tem como que no seu coração uma voz que lhe fala e o solicita a fazer o bem e a evitar o mal. Ajuda nas escolhas concretas; aprova as boas e reprova a más. A consciência abre o ser humano para ouvir Deus que lhe fala...²⁵⁴.

Outro valor essencial que reflete a consciência do cristão é indicado por Jesus no valor fundamental da vida cotidiana do cristão de cumprir a vontade de Deus e configurar-se a Ele no verdadeiro discernimento²⁵⁵, isto é, cumprir naturalmente a vontade de Deus significa, especificamente, realizar e discernir os valores evangélicos em nossa vida a partir do encontro com o Mestre, ao passo que a essência do ensinamento moral de Jesus é fazer a vontade de Deus. Os que fazem a vontade de Deus acabam sendo irmãos, irmãs e mães de Jesus (Mc 3,35); são membros de uma nova família, unidos pelo desejo comum de fazer a vontade de Deus e não pela simples ligação familiar de laços de sangue. Jesus, como figura central dessa nova família, realiza de modo exemplar a vontade de Deus. Quando Pedro, por exemplo, e os outros discípulos insistem para que permaneça em Cafarnaum porque todos o estão procurando, Jesus responde que é seu dever ir para outras cidadelas anunciar a boa nova do reino de Deus, pois era para isso que ele viera (Mc 1,38), é clara a compreensão de Jesus em cumprir a vontade de Deus e chamar pecadores ao arrependimento²⁵⁶. Por essa razão, o cristão, de forma natural, assume em sua vida cotidiana a simplicidade da vida humana encarnada na pessoa de Cristo.

Convém observar, finalmente, que o discernimento não é obra exclusivamente do homem; o cristão se sente ajudado pelo Espírito. O objeto do discernimento – a vontade de Deus – pertence à ordem da gratuidade divina; pertence também à mesma ordem a possibilidade de sua descoberta e de sua assimilação²⁵⁷.

²⁵⁴ AGOSTINI, Frei Nilo. *Moral Cristã*. Temas para o dia a dia. Nesta hora da graça de Deus. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 28.

²⁵⁵“O discernimento moral do cristão é a realização desta capacidade, recebida gratuitamente e mantida pelo esforço humano, de poder avaliar toda a situação pessoal em relação com o evangelho. O cristão discerne a situação concreta não enquanto normatizada por lei ou por princípio abstrato, mas enquanto inserida na história da salvação. Por isso, o discernimento funciona em sistema moral regido por categorias de história da salvação, de Kairós (oportunidade), de sinais dos tempos.” Ib. p. 90.

²⁵⁶ Cf. MATERA, Frank J. *Ética do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 116.

²⁵⁷ Ib. p. 90.

Entretanto, na modernidade é possível presenciar várias características e valores que regem a formação, e a conduta humana e afetiva do indivíduo. Dessa maneira, o cumprimento da vontade de Deus pode estar vinculado a algumas atitudes de desvio²⁵⁸ que vem regadas de falsos valores, normas e conceitos. Tais desvios, de certo modo, contrapõem-se às características fundamentais que conduzem à verdadeira consciência moral regrada pelos valores evangélicos. Assim, verificamos algumas características da modernidade que, não modeladas no processo formativo de uma sã consciência moral, podem prejudicar acentuadamente uma futura vida do cristão que compromete-se ao seguimento do Cristo. São exemplos, o mundo moderno que é regido pela subjetividade do indivíduo, ou seja, um mundo do eu, um mundo do sujeito que pressupõe-se acarretar o individualismo da sociedade. Também constatamos um mundo do “racional, pelo qual tudo é analisado pela técnica e pelo experiencial em que os critérios de fé ficam colocados em segundo plano ou até mesmo são descartados”²⁵⁹. Assim, nos deparamos com um mundo moderno regido pela globalização, pela pasteurização de comportamentos. Tudo se torna homogêneo, todo mundo pensa mais ou menos do mesmo jeito, comemos as mesmas comidas, vestimos as mesmas roupas, os comportamentos são parecidos. Outro aspecto, é que o mundo de hoje é urbano. Vivemos em cidades, não mais em regiões agrícolas. A mentalidade atual não é mais o pensamento rural (preso às tradições primavera, verão, outono...), mas um pensamento urbano móvel (a mobilidade), não mais ditado pelas tradições, porém pela movimentação. Outra característica é a novidade, o que interessa é a novo. Cria-se o choque entre a preferência da novidade e a da tradição (sempre a inovação). “As nossas preferências pessoais acabam ficando em segundo plano, pois estão sendo impregnadas pelo pensamento moderno e nos defeitos que lhe são peculiares”²⁶⁰. Outros fenômenos resultantes da sociedade moderna são as revoluções sexuais propagadas pelos meios de comunicação social.

Diante disso, no processo de formação da reta²⁶¹ consciência moral, o cristão, com certeza, está engajado neste contexto histórico e cabe ser moldado segundo os critérios

²⁵⁸ “Devemos igualmente estar bem atentos quando a consciência chega ao estágio doentio, originando desvios diversos. Estes podem ser leves, médios e profundos... Outros tipos de desvios podem ser encontrados, sobretudo com o avanço da vida moderna e conseqüentes mudanças na vida das pessoas, das famílias, das comunidades, da sociedade e do modo como lidamos com a natureza e ante o próprio Deus.” AGOSTINI, Frei Nilo. *Introdução a Teologia Moral*. O grande sim de Deus à vida. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 150.

²⁵⁹ Cf. JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 86.

²⁶⁰ Cf. VIDAL, Marciano. *Ética Civil e a Moral Cristã*. Aparecida: Santuário, 1998. p. 136.

²⁶¹ “Retidão (versus ‘consciência viciosa’). Consciência reta é a que age com a autenticidade da pessoa. A autenticidade se evidencia na forma coerente de atuação, na busca sincera da verdade,

evangélicos, ou seja, o importante é o cumprimento da vontade de Deus na perspectiva de formar-se para Deus no conhecimento da situação de cada pessoa em virtude de sua dignidade em conformidade com uma vida justa que plenifique a consciência do próprio cristão. Assim, compete ao cristão empenhar-se não só em discernir a vontade de Deus, mas também em crescer conscientemente, no sentido de conduzir sua vida de forma a aderir radicalmente o seu ser na pessoa de Cristo.

O discernimento ético brota do núcleo autônomo da pessoa. Só tem sentido quando é responsável, isto é, quando é uma resposta do eu ante as exigências de sua própria realização. Por outra parte, o discernimento se expressa principalmente através de opções e atitudes, e não mediante atos atomizados e casuisticamente entendidos. Além disso, sem deixar de considerar a função secundária das instâncias exteriores (lei, autoridade, tradição etc.), não se sente dominado por aquelas, mas as utiliza unicamente como ajuda para realizar um discernimento realista e contrastante ²⁶².

Por essa razão, o papel da consciência moral na vida do cristão reflete no mundo o valor do ato de ser o portador da voz de Deus e cabe aos cristãos cumprir o papel de apresentar um modelo de vida profundamente guiado pelo espírito evangélico, isto é, este grupo de pessoas não somente cumpre as normas e regras do programa de uma sociedade, mas principalmente oferece um exemplo eficaz e concreto de uma vida de entrega e serviço de comunhão com todos os povos. Desse modo, toda a motivação formativa e educadora da vida de Cristo revela a mais profunda e específica natureza da consciência da pessoa, ou seja, na natureza da consciência moral do cristão o próprio Jesus Cristo, Bom Pastor, Cabeça e Guia da sua Igreja, revela-se à humanidade.

Os cristãos têm o dever de formar sua consciência: examinando-se a si mesmo (1Cor 11,28; 2Cor 13,5, Gl 6,4), buscando a vontade de Deus (Rm 12,2; Ef 5, 10), ponderando em cada ocasião o que convém ²⁶³.

A consciência moral verdadeira ²⁶⁴ numa perspectiva cristã é algo que se torna complexo e pode levar alguns anos até que se percebam todas as propostas formativas a partir

na abertura à alteridade e a Deus, e na confirmação do diálogo fraterno.” VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 87.

²⁶² VIDAL, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 111.

²⁶³ VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 93.

²⁶⁴ “Verdade (versus ‘consciência predominantemente errônea’). A consciência verdadeira age segundo a verdade moral objetiva. Neste caso, existe adequação entre a verdade pessoal (retidão) e

de uma visão normativa de uma reta consciência moral. Porém, formar-se conscientemente cristão significa muito mais que simplesmente cumprir normas, regras e preceitos ao longo de alguns anos para que não se tenha uma consciência errônea (falsa) ²⁶⁵ da realidade, mas com toda razão a formação da consciência implica necessariamente o deixar configurar-se a Cristo, isto é, encontrar-se com Ele. Conseqüentemente, surge a resposta da pessoa que pode ser até mesmo imediata. Contudo, o processo de habituar-se adequadamente à caminhada ao serviço de Cristo torna-se uma formação permanente que perdurará por toda a vida como resposta ao seguimento ²⁶⁶ de Cristo. Dessa maneira, não somente para uma justa maturação da consciência e sua plena realização de si mesmo não basta conhecer Jesus Cristo, é necessário ir verdadeiramente ao seu encontro em vista do seguimento, para que, com real certeza ²⁶⁷, os cristãos possam refletir o genuíno amor de Cristo.

a verdade objetiva (verdade). A consciência não é fonte 'constitutiva', porém 'manifestativa' e 'aplicativa' da moralidade. Por isso tem de adequar-se à verdade objetiva." Ibid. n. 87.

²⁶⁵ Falsa (errônea): a consciência que não está de acordo com a verdade objetiva (tanto em seus princípios como em suas conclusões). A consciência errônea pode ser: - Vencivelmente errônea (= culpavelmente errônea): quando o erro pode ser vencido ou superado; Invencivelmente errônea (= inculpavelmente errônea): quando o erro não pode ser descoberto ou superado. Cf. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. Vol I: Moral fundamental. Aparecida: Santuário, 1993. p. 406.

²⁶⁶ "O seguidor de Jesus é caracterizado nas fontes evangélicas por ser um chamado a colaborar na missão profética itinerante de Jesus compartilhando ao mesmo tempo a forma de vida desse profeta escatológico. Tudo isso, ("chamada", "proximidade do profeta", "forma de vida") tem lugar por razão da "irrupção" do reino de Deus, conteúdo básico do anúncio profético. Daí que o "seguidor" esteja em função do reino: para "anunciá-lo" e para ser "sinal" de sua presença." VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 127.

²⁶⁷ "Certeza (versus 'consciência duvidosa'). A consciência moral tem de agir com a certeza; é suficiente certeza moral prática. Esta se consegue: de maneira direta, mediante a verdade objetiva; ou de forma indireta ou reflexa, quando a verdade objetiva não aparece com suficiente clareza. A sabedoria Moral Cristã, para resolver as dúvidas em assuntos morais, estabeleceu uma série de critérios que se chamam 'indiretos' ou 'reflexos'. Por exemplo: 'a presunção está a favor do que sucede habitualmente', 'obrigação objetiva duvidosa não acarreta obrigação subjetiva alguma' etc." VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 88.

3.4. A CONSCIÊNCIA MORAL CRISTÃ NO HORIZONTE DA SALVAÇÃO ESCATOLÓGICA

O ser humano distingui-se dos outros animais pelo fato de ser sujeito de si. Isto significa que cabe a ele tomar em mãos a sua própria vida, as suas próprias decisões e as suas próprias ações. Esta capacidade reflete no mundo a imagem e semelhança de Deus, na qual cada ser humano foi criado...²⁶⁸

Uma vez inserida a consciência Moral Cristã no horizonte da salvação escatológica, os esquemas do comportamento moral sofrem radical transformação, conforme salienta Marciano Vidal:

Surge nova ordem de valores, tal como aparece no manifesto das bens aventuranças (Mt 5, 3-10);

Propõem-se exigências radicais, ligadas ao caráter definitivo e insubstituível do reino (Lc 9, 57-62);

As opções são de caráter totalizador: a irrupção do reino faz que tudo mais perca valor (Mt 13, 44. 45-46);

A pertença ao reino adquire contorno definitivo na passagem de Mt 25, 31-46: a realização do reino, identificado com os pobres e, mediante estes, com Cristo, é a norma do comportamento moral do Cristão ²⁶⁹.

No critério de Cristo é preciso educar a consciência para o amor à verdade, à lealdade, à compaixão, ao respeito por cada ser humano, à justiça, à fidelidade, à coerência, enfim aos princípios evangélicos que regem a vida do batizado. Assim, para uma adequada consciência moral, é preciso que as diversas experiências dos cristãos no seguimento do Mestre assumam um claro caráter de imitação. E, para que isso ocorra de modo positivo, é fundamental que os cristãos batizados sejam motivados a cada dia a uma vida de crescimento espiritual e intelectual e, acima de tudo, que essas motivações sejam tão intensas a ponto de provocar os sentimentos mais profundos nas pessoas tais como, uma fé coerente, uma caridade evangélica, um autêntico seguimento de Jesus ao anúncio do Evangelho, dos quais conseqüentemente brotará o amor e o serviço ao povo de Deus de forma gratuita, ou seja, o clamor pelos mais necessitados e a defesa pela vida.

²⁶⁸ AGOSTINI, Frei Nilo. *Moral Cristã*. Temas para o dia a dia. Nesta hora da graça de Deus. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 29.

²⁶⁹ *Ib.* p. 14.

Para a consciência cristã de todos os tempos, a caridade constitui a exigência moral máxima (Mc 12, 28-31), pois nela se resume toda a lei (Rm 13, 10). A Igreja primitiva e com ela a cristandade de todos os séculos têm a profunda convicção de que a grande contribuição de Jesus, na esfera moral, foi a proclamação do preceito fundamental do amor a Deus e ao próximo ²⁷⁰.

Por conseguinte, outro critério elementar que intensifica a formação da consciência moral do discípulo de Cristo é o próprio caráter da ‘fé’ no Messias. Fé esta que, mais profundamente, expressa o testemunho do discípulo que segue a Cristo. Por isso, veremos mais detalhadamente o seu real valor.

A estrutura humana é naturalmente aberta e interrogativa. Sempre vivemos em busca dos porquês. Dizia Aristóteles que “todo ser humano aspira naturalmente ao conhecimento” ²⁷¹. Também no que diz respeito à fé, o ser humano não se contenta em simplesmente aceitar passivamente o que professa, mas é próprio dele procurar as razões da sua fé. Portanto, a teologia nasce do desejo de compreender o que se crê, se é verdade ou não. Ela nasce também da necessidade de saber quais são as implicações na vida concreta daquilo que se acredita. Contudo, a teologia nasce de uma problemática, ou seja, ela é uma reação, uma questão que brota da negatividade. Assim, negatividade não significa necessariamente algo ruim, mas uma questão ainda sem solução, uma carência.

Uma frase clássica de Santo Anselmo (+1109) expressa o que é o fazer teologia: “fides quaerens intellectum. Significa: a fé busca compreender-se” ²⁷². Assim, podemos ter presente que a fé não é simplesmente um ato de acreditar no Divino sem dar razões ou mesmo pensar que não pode ser racionalizada. Fazer o estudo da teologia, então, é buscar as razões daquilo que se crê de forma sistemática.

Entretanto, o estudo da Teologia Moral está intimamente relacionado à fé, que deve ser um pressuposto básico do cristão, isto é, a fórmula ‘*fides et mores*’. Por *mores* compreende-se “as formas da prática eclesial e da vida cristã” ²⁷³. Portanto, ‘*fides et mores*’, já no seu significado atual da fórmula, expressa “uma visão unitária, alude-se a uma só realidade a fé cristã, a qual, por sua vez, se abre para duas dimensões ou funcionalidades: ser crida e ser

²⁷⁰ Ib. p. 16.

²⁷¹ Cf. REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. V.I. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 206.

²⁷² Cf. LIBANIO, J. B. *Introdução à teologia*. Perfil, enfoques, tarefas. Ed. 6. São Paulo: Loyola, 2007. p. 77.

²⁷³ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 856.

praticada”²⁷⁴. Portanto, falar de “*fides et mores*” é falar da fé na qual se deve crer e que deve ser praticada”²⁷⁵. Desse modo, primeiramente, é fundamental que se creia, que se tenha feito a experiência de ser ‘possuído’ pelo Transcendente e que então, num ato de amor, o crente não se contenta em ficar na superfície desta experiência, mas procura aprofundá-la, procurando as razões daquilo que experimentou, promovendo assim, uma experiência cada vez mais íntima com Aquele que se dá a conhecer.

A fé possui também um conteúdo moral: da origem e exige um compromisso coerente de vida, comporta e aperfeiçoa o acolhimento e a observância dos mandamentos divinos. (...).

Através da vida moral, a fé torna-se confissão não só perante Deus, mas também diante dos homens: faz-se testemunho...²⁷⁶.

“A fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem.” (Hb11,1)²⁷⁷. Evidentemente, nosso estudo sobre a consciência moral tem mostrado um processo de elaboração teológico - moral e sua importância para a vida dos cristãos, sempre tendo em vista que formar a consciência moral não é um mero ato especulativo, onde o especialista de teologia se coloca diante do seu objeto (a pessoa) com o objetivo de esmiuçá-lo, sem relação nenhuma com ele.

Com efeito, o estudo da Teologia Moral tem uma projeção sobre a vida dos cristãos, enquanto contribui para uma aproximação ao Mistério Divino e uma configuração a Cristo Senhor e Salvador, desembocando numa prática de vida coerente com aquilo que se crê e se celebra. Contudo, somente podemos construir um estudo e formar uma consciência moral a partir e por causa da fé.

Assim, a fé é ato humano, realizado dentro da liberdade humana, porém, não se pode dizer ‘eu creio’ sem que o objeto crido se manifeste ao crente, ou seja, nós temos fé porque Deus mesmo se revelou e mostrou a nós sua vontade. Cabe então a nós “redescobrir a novidade da fé e sua força de discernimento”²⁷⁸. Não se tem fé somente baseando-se no desejo humano de crer em um ser superior a quem se dá o nome de Deus, mas a fé é Graça de Deus. Isso não significa que a fé contraria a razão e a liberdade humanas, porém, “na fé, a

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ Idem.

²⁷⁶ JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 89.

²⁷⁷ BIBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

²⁷⁸ JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 88.

inteligência e a vontade humanas cooperam com a Graça divina”²⁷⁹. Portanto, “crer é um ato da inteligência que assente à verdade divina a mando da vontade movida por Deus através da Graça”²⁸⁰.

Por essa razão, a fé cristã é o dom do encontro com Cristo Jesus que torna os homens livres para escutar a palavra da graça, proferida por Deus na pessoa de Jesus Cristo, de maneira tal que eles se atêm às promessas e aos mandamentos dessa palavra de uma vez por todas, exclusiva e totalmente. A fé introduz o comportamento moral dos fiéis em um novo contexto, o contexto da fé. “Tal contexto ou cosmovisão traz a peculiaridade específica à Moral Cristã: proporciona-lhe horizonte de sentido com base no qual a realidade humana comum é lida com relevâncias peculiares”²⁸¹. Conseqüentemente, a moral dos cristãos tem “sensibilidades peculiares diante do pobre, diante da injustiça, diante do valor da vida”²⁸². Assim, a pessoa de Jesus “é o caminho do qual ‘irrompe’ a fé. Na comunhão com ele os seguidores se convertem em ‘servidores’ e ‘sinais’ do reino”²⁸³.

A fé é “Dom”, “Graça”, ou seja, é a capacidade dada por Deus para que os homens creiam Nele. Podemos ver isso no episódio em que Pedro professa sua fé em Jesus, afirmando que Ele é “o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Jesus diz a Pedro que ele é “Bem-aventurado”, pois não foi a carne nem o sangue que lhe revelou esta verdade, ou seja, não foi pelo esforço de Pedro que ele chegou a essa conclusão, nem porque recebeu de outrem esse ensinamento, mas foi o Pai que revelou a ele.

Ao se tratar de fé, não podemos nivelá-la às outras formas de conhecimento, pois ela não parte de nenhuma constatação empírica, ou seja, não se prova a fé como se prova que a Terra gira em torno do Sol; Tampouco se pode afirmar que se chegou à fé a partir de um esforço intelectual. A sabedoria da fé consiste em abandonar-se confiantemente a Deus, apoiando-se em sua Palavra, como palavra para si próprio. Portanto, não se crê por causa de alguma coisa ou baseado em algo, mas se é despertado para a fé em razão de tudo. “Daí acontece a identificação do fiel àquele que é o seguidor da práxis de Jesus”²⁸⁴.

Dessa forma, sabemos que a fé é um ato pessoal e que ninguém poderá professá-la no lugar do outro, pois é uma resposta livre do homem à Revelação do Deus de Nosso Senhor

²⁷⁹JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. n. 55.

²⁸⁰AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Livro II-II2,9. São Paulo: Ed. Loyola, 2005, apud. JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. n. 155.

²⁸¹VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 17.

²⁸²Idem.

²⁸³VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 129.

²⁸⁴Ib. p. 130.

Jesus Cristo. Cada um professa pessoalmente sua fé Nele, porém, não se pode entender a fé como um ato isolado, solitário. Assim, ninguém crê sozinho, até porque a fé não brota do nada, mas da escuta da palavra anunciada, ou seja, alguém propaga para uma pessoa o Cristo e essa pessoa, então, livremente, professa a fé neste Senhor. Nesse sentido, ninguém dá a fé a si mesmo, mas depende de alguém que creu e que anunciou.

O *Catecismo da Igreja Católica* nos explica:

‘Eu creio’: esta é a fé da Igreja, professada pessoalmente por todo crente, principalmente pelo batismo. ‘Nós cremos’: esta é a fé da Igreja confessada pelos bispos em Concílio ou, mais comumente, pela assembleia litúrgica dos crentes. ‘Eu creio’ é também a Igreja, nossa mãe, que responde a Deus com sua fé e que nos ensina a dizer: ‘eu creio’, ‘nós cremos’²⁸⁵.

A fé é Dom de Deus transmitido pela Igreja, que guarda e anuncia a Palavra revelada. Desta maneira, nós professamos a fé em Igreja, ou seja, a Igreja é a comunidade dos que professam a fé, uma “única fé, recebida de um só Senhor, transmitida por um único batismo, enraizada na convicção de que todos os homens têm um só Deus e Pai”²⁸⁶.

A fé é resposta do homem, e essa resposta humana é possível a partir de um ato de confiança naquele em quem se crê. Crer é ter confiança, e este é o ato pelo qual a pessoa se abandona à fidelidade de um outro, aceitando as consequências dessa entrega. Este outro de quem se pode esperar a fidelidade só pode ser Deus, pois não existe fidelidade fora Dele. A fé é a confiança que permite que nos mantenhamos Nele, nas suas promessas e nos seus mandamentos. Manter-se em Deus é abandonar-se a essa certeza e vivê-la: Deus está aqui para mim. Tal é a promessa que Deus nos faz: Eu estou aqui para ti.

Dessa forma, professar a fé em Jesus Cristo, Palavra eterna do Pai, não pode se resumir a um ato relacionado simplesmente ao universo religioso que não vai além de devoções descomprometidas e alheias à realidade.

Para os que creem, a fé é o reconhecimento do amor de Deus pelos seres humanos, é crer no amor de Deus e crer que Deus é amor. Sendo assim, crer, como define a própria etimologia da palavra, é dar e entregar o coração àquele que é fiel em seu amor. É abandonar-se diante do mistério, deixar-se ser conduzido totalmente pelo outro. No ato da fé, crente tem consciência, ainda, de que seja ofuscado do ser de Deus, da sua natureza e essência, mas a fé não é somente um reconhecimento de Deus, é uma

²⁸⁵ JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. n. 167.

²⁸⁶ *Ib.* n. 172

experiência de encontro e de vida, ela nasce do encontro com Jesus Cristo e do seu apelo de permanecer com ele ²⁸⁷.

Visto assim, “a adesão à pessoa de Jesus Cristo está vinculada ao seguimento. Seguir não é ir atrás de Jesus, como passíveis espectadores, permanecendo em estado de indolência” ²⁸⁸, somente como “objeto de uma ação apática e sem vida em que apenas um é o sujeito. Seguimento pressupõe relação, envolvimento, encanto e paixão” ²⁸⁹.

A fé em Jesus Cristo configura o crente àquele em quem crê, e assim, conduz necessariamente a assumir as opções de Jesus, movido pelo mesmo amor com que Ele amou a humanidade e se entregou. É fazer a experiência do abandono e então deixar-se conduzir pela mesma solidariedade com os últimos que Ele ensinou, não só com as palavras, mas com gestos concretos, sendo presença salvadora na vida daqueles que com Ele se encontraram.

Dentro dessa lógica, acentuamos unicamente que Cristo é a norma suprema e viva da Moral Cristã. Que, conseqüentemente, nos proporciona o verdadeiro agir moral de acordo com uma sã consciência moral. Por isso, é somente no seguimento exclusivo da fé em Cristo Jesus que o cristão pode conhecer e experimentar a força libertadora do amor reconciliador que transforma a consciência e traduz em práxis libertadora para o mundo e para os homens. O mundo pode mudar de cara e de aspectos diversas vezes ao longo dos anos na história. Porém, o conteúdo da instância moral concreta que edifica uma reta consciência cristã jamais deve mudar e converter-se, mas as atitudes e comportamentos morais coerentes que brotam de uma reta consciência devem estar continuamente e efetivamente fundamentados em Cristo. Desse modo, as palavras do Senhor, isto é, do Cristo glorioso presente e operante na comunidade dos cristãos, através do seu Espírito, são praticamente uma espécie de “consciência ética” que ocupa um novo mandamento como decálogo e exigência para os desafios da vida do seguidor de Cristo.

Seguir Cristo não é uma imitação exterior, já que atinge o homem na profunda interioridade. Ser discípulo de Jesus significa tornar-se conforme a ele, que se fez servo até ao dom de si sobre a cruz (cf. Fl 2,5-8). Pela fé, Cristo habita no coração do crente (cf. Ef 3, 17), e assim o discípulo é assimilado ao seu Senhor e configurado com ele. Isto é fruto da graça, da presença operante do Espírito Santo em nós ²⁹⁰

²⁸⁷ Cf. Xavier, Donizete José. A dimensão social da fé. In: Xavier, Donizete José; Silva, Maria Freire (orgs). *Pensar a Fé Teologicamente*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 226.

²⁸⁸ *Ib.* p. 222.

²⁸⁹ *Ib.* p. 222.

²⁹⁰ JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 21.

3.5. UMA ÉTICA DESCONCERTANTE

A Moral Cristã se resume na realização da caridade...²⁹¹.

Evidentemente, a moral dos Evangelhos leva suas próprias posições até às últimas consequências, sendo, o anúncio da vida humana segundo Deus, concretizada na relação de amor com toda a realidade. Assim, os Evangelhos entendem essa mensagem ética²⁹² como única, exclusiva e como fonte de uma reta consciência moral. No estudo do amor, como núcleo da ética evangélica, é decisivo compreender não apenas o fato, mas também a sua centralidade. Portanto, “a mensagem do Novo Testamento propõe a caridade como a atitude básica e o conteúdo nuclear da ética cristã”²⁹³.

Segundo o testemunho dos evangelhos sinóticos, o tema do amor não aparece frequentemente nos lábios de Jesus. Todavia, o conjunto do Novo Testamento permite supor que este constituiu o tema central de seu ensinamento. O conceito do amor é indubitavelmente a melhor síntese do ensinamento moral de Jesus²⁹⁴.

Há uma perícopé fundamental em que o ensinamento de Jesus sobre a caridade é imortalizado. É necessário a ela recorrermos para encontrar a mensagem evangélica do amor. E verificamos isso na resposta de Jesus à pergunta do escriba – “Qual é o primeiro de todos os mandamentos? (Mc 12, 28-31)”, – a qual se constitui em uma das passagens mais conhecidas do Evangelho de Jesus: ‘O primeiro é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor e amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e com todas as tuas forças’. E mais adiante acrescenta. O segundo mandamento é este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo, não existe outro mandamento maior que este’ (Cf. Mc 12, 28-34; Mt 22, 34-40; Lc 10, 25-27)”²⁹⁵.

²⁹¹ VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 16.

²⁹² “A ética cristã serve-se, como todos os sistemas morais, da categoria da norma. Contudo, convém assinalar um dado especificamente cristão... Embora na Bíblia, na tradição teológica-moral e no magistério eclesial se formulem normas éticas, a Norma decisiva da ética cristã é Cristo. Não há outra norma para o cristão que o acontecimento de Jesus de Nazaré: nele manifesta-se o ideal absoluto e a bondade original de Deus.” VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. Vol I: Moral fundamental. Aparecida: Santuário, 1993. p. 471.

²⁹³ VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 17.

²⁹⁴ *Ib.* p. 17.

²⁹⁵ BIBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

Dessa maneira, a pergunta não versava sobre o primeiro mandamento dentre os muitos mandamentos, mas sim sobre o princípio essencial que unifica todos eles (Mt 22, 40). “A resposta de Jesus expressa com clareza a integração de todas as exigências no duplo preceito do amor a Deus e ao próximo”²⁹⁶. Portanto, a resposta fundamental de Jesus se revela mediante o conteúdo ético da vida humana segundo Deus. Pode-se dizer que essas palavras explicitam o conteúdo da “fé” e do “seguimento de Jesus” como as mais elementares fases da vida pública de Jesus e de sua humanidade. Assim, a vida e a palavra de Jesus iluminam a mensagem ética sobre o amor na constante construção de uma consciência moral. Então, podemos dizer que o ensinamento de Jesus sobre a caridade aparece como o ponto central da ética de Jesus. E mais, esta mensagem pode ser considerada como algo específico e como a novidade que Jesus traz. A contribuição peculiar expressamente trazida por Cristo pode ser sintetizada a partir dos três pontos fundamentais a seguir,expostos por Marciano Vidal:

A união interna e indissolúvel dos dois preceitos: o amor a Deus e o amor ao próximo constituem uma mesma e única exigência.

A redução, perfeitamente consciente, de toda a lei a este duplo preceito fundamental: todas as exigências podem pender como de um prego deste duplo preceito.

A interpretação universalista do amor ao próximo. Embora já existissem sinais desta universalização tanto no Antigo Testamento (Lv 19, 34) quanto no judaísmo (sobretudo helenista), para a mentalidade dos ouvintes de Jesus, o preceito de amar ao próximo sem limitação alguma e de ajudar todos os que sofrem necessidade, ainda que se trate de inimigo de Israel (parábola do samaritano), era certamente exigência sobre a qual não se ouvia falar frequentemente²⁹⁷.

De fato, o amor a Deus e ao próximo revelam-se em Cristo plenamente, colocando o seguidor do Mestre na lei do mandamento do amor. O amor ágape está constantemente nos lábios de Jesus. Assim, Jesus é apresentado por Mateus como perfeito (cf. 5,48) e por Lucas como misericordioso (cf. 6, 35; 36); a sua benevolência se volta aos discípulos de Jesus (cf. Mt 6,8) e a todos os homens, atingindo-os em sua situação de pecadores (cf. Lc 11,13; 6,35; Mt 5,45). Esse é o modo de Deus ser: Ele não é o ser supremo e impassível, longe e distante

²⁹⁶ VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 18.

²⁹⁷ *Ib.* p. 20.

dos seus, mas Cristo o mostra como habitualmente misericordioso, compassivo, capaz de transformar radicalmente a situação da pessoa.

Apesar das diferenças redacionais, que evidenciam os interesses peculiares de cada evangelista e de suas respectivas comunidades, existe unidade de conteúdo no tema do amor. No fundo das três redações sinóticas está o ensinamento histórico de Jesus ²⁹⁸.

O amor de Deus é focado claramente nos homens pecadores, por isso esse amor se revela como misericordioso, benevolente e repleto de perdão. Assim, todos os momentos em que se expressa o amor de Deus e da relação entre Deus e o homens, verificamos surpreendentemente a misericórdia de Deus agindo e transformando as pessoas (Cf. Lc 10, 27-38; Mt 5, 7. 43-48; 6,14; 7,1; 18,21; Mc 11, 25). Assim, Jesus se insere na tradição de seu povo, resumindo toda lei a um mandamento principal e identificando esse mandamento com o amor de Deus e do próximo.

Por conseguinte, convém conhecer a peculiaridade e a novidade ética trazidas por Jesus ao tema da caridade. Assim, todas as palavras e todas as obras de Jesus especificam o significado do duplo preceito do amor a Deus e ao próximo. Marciano Vidal expõe alguns pontos elementares que clarificam a mensagem do Mestre Jesus:

Embora os evangelhos não transmitam ensinamentos de Jesus sobre o amor a Deus (executada a pericope do duplo preceito), falam da exigência da entrega total a Deus e à sua justiça (Mt 6, 24.25-34).

O amor brota para o crente da segurança de que Deus nos ama primeiro (Mt 18, 23-24; Lc 15, 11-32).

O amor a Deus leva a perdoar o irmão (Mt 5, 23-24; 6, 12; 18, 23-35; Mc 11, 25).

O amor ao próximo se manifesta em obras concretas (Mt 25, 31-46; Lc 10, 30-37).

Se Jesus radicalizou o amor, compreende-se que tenha radicalizado também as exigências deste amor (sermão da montanha).

A fórmula do amor recíproco (como a ti mesmo) se transforma em fórmula adotada pelo amor de Jesus. O amor nos foi revelado como autodoação pura e sem limites, cujo exemplo preclaro é Jesus ²⁹⁹.

²⁹⁸ Ib. p. 18.

²⁹⁹ Ib. p. 20.

A partir desse aspecto, é possível perceber ao longo da história do cristianismo a importância da ética vivenciada pelo discípulo de Cristo - a ética do amor - que caracteriza sobremaneira uma moral estável que possibilita, efetivamente a formação da consciência moral de uma sociedade que não se limita simplesmente a saber sobre a pregação do amor de Cristo para a humanidade, mas vivenciá-la e testemunhá-la na prática constante de vida. “Inserido em Cristo, o cristão torna-se membro do seu Corpo, que é a Igreja (Cf. 1Cor 12, 13-27)”³⁰⁰. Assim, “sob o influxo do Espírito, o Batismo configura radicalmente o fiel a Cristo no mistério pascal da morte e ressurreição, reveste-o de Cristo (Cf. Gl 3, 27)”³⁰¹. Dessa forma, a Moral Cristã é evidenciada e plenificada a partir da própria revelação de Deus, dada a nós na pessoa de Cristo Jesus: “Eu sou a Luz do mundo”, “aquele que me segue não andarás nas trevas (Cf. Jo 8, 12)”. De agora em diante, podemos identificar claramente o papel do discípulo que segue o Mestre, ou seja, caminha junto, ao lado e, diante dessa nova perspectiva, segue os seus passos a partir da vida do Senhor dada pela nova lei. “Lei esta que chama-se ‘a lei de fé’, enquanto que sua principalidade consiste na própria graça que se dá interiormente aos crentes que, por isso, se chama ‘graça da fé’”³⁰². Essa “ética do seguimento”³⁰³, esse discipulado de vivência está vinculado intimamente à vida do Messias, o filho de Deus, em suas obras, atos e atitudes que exemplificam e caracterizam sua vida e, portanto, podemos caminhar juntos, isto é, junto à ética do seguimento convém assinalar a “ética da imitação”. Imitação essa, que está vinculada ao tema da “imagem” de Cristo em estar em Cristo, viver em Cristo³⁰⁴. Portanto, imitação condiz com transformação interior e não com o significado de modelo peculiarmente externo.

Deve-se, pois, afirmar que “seguimento” e “imitação” não são sinônimos, nem em seu texto, nem em seu contexto. Cada uma dessas categorias tem sua perspectiva e significado peculiares. Creio que convém sublinhar e manter a riqueza da peculiaridade.

Porém, não são universos significativos antônimos. Seguimento e imitação se dialetizam: corrigem-se mutuamente e mutuamente se completam. O personalismo do “seguimento” culmina na “imitação” real e concreta, assim como esta há de supor a adesão à pessoa cujo caráter exemplar é assumido. A convergência das duas categorias estaria insinuada

³⁰⁰ JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. Carta encíclica. São Paulo: Paulinas, 1993. n. 21.

³⁰¹ Idem.

³⁰² VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. Vol I: Moral fundamental. Aparecida: Santuário, 1993. p. 471.

³⁰³ “O seguimento em seu significado religioso ou teológico, refere-se a Jesus: bem ao Jesus histórico da etapa pré-pascal ou bem ao Cristo da fé na etapa pós-pascal.” lb. p. 132.

³⁰⁴ Cf. Id. p.132.

no texto de 1 Pd 2, 21, no qual aparecem os dois universos linguísticos e conceituais: “Deixando-vos um exemplo (kypogrammon) para que sigais (epakolouthein) os seus passos”³⁰⁵.

Dessa forma, não há risco do seguidor se perder ou dispersar-se em divagações alheias, pois a atitude de Jesus é perspicaz e mostra uma moral revelada, de cunho existencial profundo, que leva o homem a compreender sua vida e a dos outros de forma diferente e renovadora. Por isso, a ética de Jesus é desconcertante; Ela faz o “homem velho” renovar-se e viver corretamente novos valores em uma construção de uma salutar consciência moral.

Na vida pública de Jesus, percebemos claramente que, de modo algum, ele se manifestava como um moralista repleto de rigorismo. Mas, a partir dos Evangelhos, percebemos a atitude do Mestre no seu não rigorismo, “não vim abolir a lei, mas para cumpri-la plenamente (Mt 5, 17)”. Vejamos a riqueza da perícopie desse Evangelho! Ela nos torna presente que “a lei nova, que constitui a estrutura normativa do cristão é a transformação do homem em Cristo Jesus pela presença do Espírito”³⁰⁶. Cumprir plenamente a nova lei³⁰⁷ na vivência do discipulado convicto reabre a vida do discípulo que não vive pela lei, mas vive com a lei que pauta a vida do discípulo de Cristo que já vive concretamente todos os valores cristãos em seu cotidiano com muita naturalidade. Não simplesmente como imposição de norma, mas com o coração que converge para Deus.

Desta noção da lei nova, como ponto central de compreensão da Moral Cristã,

deduzem-se algumas características para a ética do fiel, anotadas expressamente por Santo Tomás de Aquino:

Moral de liberdade, já que a lei nova é “lei de liberdade”: sendo a graça do Espírito Santo como um hábito interior infuso que nos move a agir bem, faz-nos executar livremente o que convém à graça e evitar tudo aquilo que é contrário. Conclusão: a nova lei chama-se lei de liberdade no duplo sentido. Primeiro, enquanto não nos compete a executar ou evitar senão

³⁰⁵VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 133.

³⁰⁶VIDAL, Marciano. *Moral de opção fundamental e atitudes*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 475.

³⁰⁷“A lei nova chama-se ‘lei de fé’, enquanto que sua principalidade consiste na própria graça que se dá interiormente aos crentes, que por isso se chama ‘graça da fé’... Pois bem, o principal na lei do Novo Testamento e nisso está toda a sua virtude, é a graça do Espírito Santo, que é dada pela fé em Cristo. Por conseguinte, a lei nova principalmente é a própria graça do Espírito Santo que se dá aos fiéis de Cristo...” AQUINO, Santo Tomás de, S. Th. I-II, q. 107, a. 1 ad 3. Apud. VIDAL, Marciano. *Moral de opção fundamental e atitudes*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 476.

aquilo que por si é necessário ou contrário à salvação eterna, e que, portanto, cai sob o preceito ou proibição da lei. Segundo, enquanto faz com que cumpramos livremente tais preceitos ou proibições, já que as cumprimos por um interior instinto da graça. “E por estes dois capítulos, a lei nova chama-se ‘lei de perfeita liberdade’, conforme a expressão de São Tiago”.

A lei nova, quanto aos conteúdos, determina poucas coisas: “Por isso também a lei do evangelho se chama ‘lei de liberdade’, pois a lei antiga determinava muitas coisas e eram poucas as que deixava à liberdade dos homens”.

A lei nova justifica e vivifica: “Conforme fica dito, duas coisas a lei nova engloba: uma, a principal, é a graça do Espírito Santo, comunicada interiormente, e enquanto tal, justifica a lei nova... Como elementos secundários da lei evangélica estão os documentos da fé e os preceitos, que ordena os afetos e atos humanos, e quanto a isto, a lei nova não justifica. Por isso diz o apóstolo na segunda carta aos coríntios: ‘a letra mata o espírito é o que dá a vida’??? Verificar... De onde também a letra do Evangelho mataria se não tivesse a graça interior da fé, que sara”³⁰⁸.

Diante dessas perspectivas, a Moral Cristã aponta para uma firme consciência a partir da revelação dada por Cristo e plenificada no seu maior mandamento de amor a Deus e ao próximo. A partir dessa revelação cristã, o discípulo não vive mais de hipóteses, mas da concretude da vida de Jesus. Diante disso, o viver de forma cristã se contrapõe significativamente a uma sociedade que se afirma laica e ao mesmo tempo professa Cristo. Pois, viver eticamente, de forma cristã, é viver na prática de uma verdadeira moral revelada por Deus na pessoa de Cristo, isto é, não é apenas se identificar com a pessoa de Cristo, mas implica radicalmente no testemunho da vida prática da vivência das suas ações em Cristo e por Cristo.

Ações essas, que estão enraizadas no testemunho de Jesus e radicam uma consciência moral que dispensa os valores terrenos e responde aos valores eternos que caminham lado a lado com o homem.

Assim, tais valores eternos, não são aqueles que se tornam os inatingíveis que somente alcançaremos na parusia, no final dos tempos. Mas, os valores eternos pressupostos por Jesus ocorrem plenamente nas ações do discípulo ao fazer o bem. Portanto, a importância de fazer o bem, praticar a caridade é exemplificado no sermão da montanha (cf. Mt 5, 1-12), em que Cristo conclui com vigorosa advertência a importância de fazer o bem na vida moral dos cristãos. “Primeiramente, o tema central do sermão da montanha é a Justiça. Tema que procede da pessoa e indica seu caráter”³⁰⁹. Pois é com a prática da justiça que se produzem

³⁰⁸ lb. p. 476.

³⁰⁹ Cf. MATERA, Frank J. *Ética do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 61.

bons frutos; Também as pessoas boas produzem o bem a partir do armazenamento e o cultivo da bondade e da justiça em seus corações. Visto pelo contrário, o mal e a injustiça procedem do mal que se encontra armazenado em seus corações. Todavia, a verdadeira consciência moral está alicerçada no coração do homem justo e reto, de sorte que bem e mal procedem da abundância de bem e mal dentro da pessoa. De agora em diante, “Jesus adverte seus discípulos que se eles apenas o chamam Senhor, Senhor, sem realizar suas palavras, não diferem absolutamente da pessoa que edifica sua bela casa sem alicerce”³¹⁰. Portanto, “Quando o rio vier ao encontro dela, a casa sucumbirá e acabará sendo totalmente destruída (Cf. Mt 6, 46-49)”³¹¹. Dessa forma, quando o sermão da montanha termina com a nota de “julgamento e advertência afirma a seus discípulos que serão os beneficiários de inversão das sortes, mas, se eles não agirem de conformidade com suas palavras, sofrerão o julgamento de Deus”³¹². Assim, “existe conexão íntima, na pregação de Jesus entre inversão das sortes, que o reino de Deus efetua, e a vida ética”³¹³ (cf. Mt 5, 1-12). Portanto, Deus estende graciosamente a salvação aos discípulos de Jesus que, por sua vez, devem agir em conformidade com a palavra de Jesus. Desse modo, o sermão da montanha “relaciona conduta moral com a misericórdia de Deus e com as palavras de Jesus”³¹⁴. Assim, o conteúdo da afirmação do sermão da montanha é uma “exigência ética que rompe barreiras: é toda pessoa; aliás, pode ser um inimigo é preciso amar e, ainda mais radical, é necessário rezar por ele até na situação de perseguição”³¹⁵. Desse modo, porque Deus é misericordioso e compassivo, os discípulos devem estender sua misericórdia e compaixão a seus inimigos e uns aos outros. Jesus insiste que o princípio da reciprocidade não é suficiente, pois os discípulos devem amar seus inimigos e praticar o bem, ainda que não haja nenhuma esperança de que seus inimigos os amarão ou lhes farão o bem em retorno. Jesus recomenda o amor aos inimigos porque esse amor imita a compaixão de Deus. A motivação dessa exigência ética radical se desenvolve mediante aproximações concêntricas, como nos explica Marciano Vidal da seguinte forma:

= Imitação do agir de Deus, “que faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos”;

= imitação que se converte em procedimento próprio de “filhos” de tal “Pai”;

³¹⁰ Cf. lb. p. 107

³¹¹ Cf. Idem.

³¹² Idem.

³¹³ Idem.

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ VIDAL, Marciano. *Para conhecer a Ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 26.

= exige-se esta forma de procedimento pela condição de cristãos: “para entrar no reino dos céus” é preciso praticar “justiça que supere a dos escribas e fariseus” (Mt 5, 20);

= o amor aos inimigos é algo “distintivo” da condição cristã (diante do comportamento dos “publicanos”, que amam os que os amam, e dos “gentios”, que saúdam somente seus irmãos);

= somente se é “perfeito, como é perfeito o Pai celeste” (cf. Lc 6, 31: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso”)³¹⁶.

Pois, “somente o amor a Deus garante aquela auto-superação de onde brotam as obras mais silenciosas e esforçadas”³¹⁷. Só o amor ao próximo, fundamentado em Deus, pode converter-se no “ágape” basicamente distinto de todo “eros” natural (cf. 1 Cor 13). Este amor supera o amor da amizade e do companheirismo. Visto que, deixando de lado toda a inclinação natural da pura simpatia e voltando-se somente para o lado do amor a Deus e a Cristo, o cristão se aproxima do outro com benevolência, generosidade, compreensão e perdão. Verificamos assim, nas palavras de Jesus o amor cristão no seu sentido radical: “sua orientação universalista e sua entrega total (amor ao inimigo)”³¹⁸. Surge, assim, uma orientação de cunho teocêntrica: “o universalismo do amor, pregado por Jesus, brota do amor de Deus, que abarca tudo e de todos tem misericórdia”³¹⁹. Por isso, a pregação de Cristo sobre o amor se fundamenta, “em última análise, em sua pregação da paternidade de Deus e em sua proclamação do começo do tempo da salvação”³²⁰. No ágape cristão, o impulso à união se volta integralmente em favor da pura benevolência, cordialidade e da compaixão. No que se refere ao ágape cristão, os escritos paulinos são extremamente ricos em conteúdo sobre a doutrina do amor. Recordemos os seguintes pontos:

Teologia paulina do ágape (= amor) cristão.

Para Paulo, os preceitos da segunda tábua do decálogo “se resumem” em “amarás o próximo como a ti mesmo” (Rm 13, 9b). A “lei de Cristo” se cumpre ajudando a “carregar o peso uns dos outros” (Gl 6,2).

O amor é para Paulo o valor supremo (Rm 5,5) e está acima da “gnose” (conhecimento) (1 Cor 8,1). A ele dedica o hino da caridade de 1 Cor 13, “que provavelmente tem como base uma espécie de descrição da personalidade de Jesus”.

³¹⁶ Ib. p. 22.

³¹⁷ Ib. p. 21.

³¹⁸ Ib. p. 22.

³¹⁹ Idem.

³²⁰ Idem.

Paulo enumera o ágape segundo a tríade de atitudes básicas: a fé, caridade, esperança.

Também fala do amor aos inimigos (Rm 12, 14-21) ³²¹.

Por essa razão, o amor é capaz de abraçar os que naturalmente não são dignos de “amor” em nossa pobre concepção e, inclusive, como nos afirma Cristo, os nossos inimigos. Dessa forma, esse amor de Deus é totalmente distinto de qualquer outra prática de amor pois, verdadeiramente, se manifestou a nós nas palavras de Cristo Jesus, em suas obras de salvação e por fundamentar-se no amor a Deus, quando corretamente compreendido, e, ainda, provém do coração chegando ao extremo de entregar-se gratuitamente por amor a nós na cruz. Temos, portanto, a ‘novidade do amor’ no evangelista João cuja doutrina do amor radica a caridade com uma profundidade tamanha que jamais poderá ser superada. Dessa forma, lembraremos adiante as perspectivas mais importantes frisadas por Marciano Vidal:

Redução de todas as exigências morais à fé e ao amor. Crer e amar são os dois verbos em que “reduativamente” se expressa e se concentra a existência cristã: “Este é o seu mandamento: crer no nome do seu Filho Jesus Cristo e amar-nos uns aos outros como ele nos deu o mandamento” (1Jo 3,23).

A exortação ao amor fraterno confere à moral de João seu traço característico: O amor fraterno é sinal e garantia da união com Deus (1Jo 4, 7-21); O amor fraterno é sinal do discipulado (13,35; 15,12.17).

O amor fraterno é preceito “antigo” (1Jo 2,7), dado desde o princípio da evangelização, porém ao mesmo tempo “novo” (Jo 13,34; Jo 2,8) ³²².

Portanto, a mensagem de Jesus, como primeira instrução moral, explicita aos seus discípulos a prática do amor como uma novidade que, logicamente, modifica o jeito de ser de todos os seguidores de Cristo ao longo da história cristã. Mudança essa que favorece o cristão a formar sua sã consciência, formando-se, torna-se capaz de testemunhar com sua vida os ensinamentos do Mestre com efetiva obrigação de produzir frutos de caridade para a vida do mundo hodierno. Consequentemente, o amor cristão apresentado por Cristo Jesus está regado de todo um ensinamento moral profundo porque Jesus, em suas viagens, instruiu a todos com o total mandamento da caridade e continua a instruir seus discípulos sobre como viver a

³²¹ lb. p. 80.

³²² lb. p. 24.

prática do amor. Esse amor é o mandamento maior que rege a dignidade humana e apresenta-se fundamentalmente no relacionar-se com o próximo, ou seja, percebendo e respeitando seus valores, convivendo com o diferente e, por fim, portando-se eticamente em todas as situações. E é nesse amor que, com certeza, transparecerá o caráter máximo da Moral Cristã revelada por Deus aos homens no amor aos irmãos, pois, o relacionar-se dignamente com o outro implica necessariamente em amar o próximo, de tal modo que seja preciso também formar uma reta consciência moral a partir do encontro com Cristo Jesus.

Para concluir, é conveniente recordar que a caridade é antes de tudo “boa notícia”, a notícia de que Deus amou e continua amando o mundo. A melhor maneira de entender a caridade cristã é compreendê-la como amor de Deus. A partir deste núcleo fundamental, adquire sentido o dinamismo ético que procurou assinar na realidade da caridade cristã ³²³.

³²³ Ibid. p. 28.

CONCLUSÃO

Marciano Vidal contemporiza, dentro do pensamento da teologia moral, o conceito de ética e moral. No primeiro capítulo salientamos o itinerário de sua vida e sua reflexão acadêmica o que chamou nossa atenção destacar alguns conceitos fundamentais sobre ética e moral, instrumentos para a compreensão e formação da consciência moral. Estes instrumentos criaram uma nova forma de modelo de vida e uma resposta às necessidades do mundo moderno.

A consciência moral é, antes de tudo, o resultado de um processo formativo que disciplina a diversidade de contravalores de nossa sociedade, e começa a plantar uma formação teológica moral que se diferencia efetivamente de éticas enraizadas somente na razão. A compreensão dos conceitos de ética e moral nos ajudaram a conhecer os aspectos específicos de um comportamento moral fundado na Pessoa de Jesus Cristo.

A conceituação, compreensão e formação da consciência moral à luz do evangelho, não apaga as raízes culturais e sociais de nenhuma pessoa, mas cria uma nova forma de reflexão que pode se tornar um novo modelo de vida e responder às necessidades do mundo moderno. Entendemos que a busca constante de formação de consciência moral depende de referenciais sólidos como a humanização e a relação entre ação e vivência, “a ética constrói um universo de sentidos e de valores em que pode habitar a condição humana através do viver dos humanos que é ação – vivência”³²⁴.

No que se refere à compreensão da ética e da moral no processo formativo da vida do homem contemporâneo, o segundo capítulo salientou precisamente aquilo a que Marciano Vidal se refere no campo da formação humana em vista do amadurecimento pessoal face à compreensão e formação de uma reta consciência moral. Ou seja, a pergunta mais atual e que tem uma certa relevância é: “Que devo fazer?”. Dessa forma, verifica-se na modernidade uma preocupação mais acentuada em dar resposta a essa pergunta de uma maneira simplista, a facilitar a gama de gostos e jeitos das pessoas que procuram uma ética e moral que sejam conformes a seu rosto e a seu próprio gosto.

Em seu conjunto, o trabalho possibilita notar o valor da própria compreensão e formação da consciência moral que justamente procura dar uma resposta à pergunta: “Que devo fazer?”. Pois os problemas referentes à prática do bem, à liberdade, à intenção, à ação

³²⁴ VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental*. O lar teológico da Ética. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003. p. 11.

externa, às frustrações, à responsabilidade ante o apelo de Deus, não constituem um problema subjetivo existencial, mas tornar-se-ão condições reais de prática de vida mais clarificadas em nossa história se de fato as questões fundamentais da moral e da ética brotarem de uma sã consciência, que equilibra a própria vida do cristão a serviço dos irmãos. As várias realidades culturais, sociais e a ampla diversidade de valores acabam trazendo para o histórico de vida pessoal uma tensão permanente.

O itinerário deste trabalho, especialmente o seu terceiro capítulo mostra que a formação de uma nova consciência moral necessita levar em conta a novidade do paradigma apresentado por Marciano Vidal, cuja fundamentação se encontra na ética cristã.

Ao longo do processo formativo da consciência moral, o formando é convidado a fazer a experiência de novos valores éticos, tendo sua atenção voltada para a dignidade da pessoa humana e a imagem do Homem Novo.

A compreensão dos valores cristãos, morais e éticos, é necessário para que se conheça o que realmente é essencial para formação da consciência. À luz dessa afirmação, entendemos que o comportamento moral e a fé em Deus são duas grandezas indissolúveis e unidas na formação da consciência moral na vida daquele que crê em Deus. “Não somente coexistem, mas mutuamente se condicionam e se constroem”³²⁵. Dessa forma, dentro de uma formação moral com vista à consciência e à educação dos valores éticos e morais, o ser humano ganha novo alento, isto é, a pessoa renasce e educa-se pelos princípios éticos e morais cristãos que são a compreensão plena cristã de Deus como Amor e assim, “se torna a fonte e a meta da moral cristã”³²⁶.

Reconhecemos, a partir dos textos de Marciano Vidal que a formação da consciência exige um grande esforço no sentido de agregar nos formandos os valores expressos e vivemos pela “ Pessoa de Jesus”³²⁷, ou seja, a viver e agir como verdadeiro discípulo do mestre. E, para que isso ocorra, é necessário promover o encontro com Jesus.

A moral cristã deveria responder aos diversas questionamentos do mundo moderno referentes ao agir humano. O agir cristão, tão exigente e nem sempre entendido na pós-

³²⁵ “A essa relação cabe a sabedoria do dito popular: “Diga-me que imagem de Deus tens e te direi que tipo de moral praticas” e vice-versa: “Diga-me que moral vives e te direi que ideia de Deus tens”. Ib. p. 24.

³²⁶ Ib. p. 25.

³²⁷ “O fator específico da ética cristã é a referência a Jesus de Nazaré. Para aquele que crê Ele é o horizonte ou a perspectiva de compreensão e vivência da realidade. Essa referência a Jesus foi expressada e vivida de muitas maneiras na tradição cristã. A teologia atual exprime de preferência por categorias como “seguimento de Cristo”, “realização do Reino de Deus”, “moral do amor” etc.”. Ib. p. 743.

modernidade, não pode se frustrar, pois o dado da fé acompanha o cristão no processo de sua ação e formação. Jesus Cristo, Bom Pastor, nos estimula e acompanha na ação. Ele nos dá o verdadeiro paradigma de uma consciência moral que tem seu início no encontro pessoal com Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRIANO, J. Apontamentos sobre ética cristã. *Lumen Veritatis*. Revista de Inspiração Tomista. V. 1, 2008.
- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins fontes, 2007.
- ALMEIDA, André Luiz Boccato. *Consciência moral e pós-modernidade: discernir, decidir e agir à luz de uma ética das virtudes*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC – SP, 2010. p 69.
- AGOSTINI, Frei Nilo. *Introdução a teologia moral: o grande sim de Deus à vida*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____, Frei Nilo. *Moral Cristã*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Livro VI. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- ASENSI, José E. Pérez. *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BIBLIA: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANDÃO, Welington Cardoso. *Antropologia da ética da sexualidade em Marciano Vidal*. 2006. Dissertação (Mestrado em Teologia) Faculdade Jesuita de Filosofia e teologia, Belo Horizonte.
- BOFF, Leonardo. *O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CAPONE, Domenico. *Introduzione Allá teologia morale (scienza – coscienza o mistero dol Cristo)*. Texto Apostilado. Accademia Alfonsiana. Istituto superiore di teologia morale della Pontificia Università Lateranense, 1980.
- _____, Domenico. *La coscienza morale*. Texto Apostilado. Istituto superiore di teologia morale della Pontificia Università Lateranense, 1980.
- COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- COMPAGNONI, Francesco; PIANA, Giannino; PRIVITERA, Salvatore. *Dicionário de teologia moral*. São Paulo: Paulus, 1997.
- Compêndio do Vaticano II. *Constituições decretos declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. São Paulo: Edições Mundo Cristão, 2008.
- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, 2007.

- DUNNINGTON, Kent. *Addiction and virtue*. Downers Grove, Illinois: Inter Varsity Press, 2011.
- CELAM. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.
- Documenta Congregação para a Doutrina da fé. *Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos dias (1965-2010)*. Brasília: CNBB, 2011.
- FERNÁNDEZ, Aurelio. *Moral fundamental*. Lisboa: Ed. Diel, 2003.
- GUARESCHI, Pedrinho A. *Consciência Moral Emergente*. Aparecida: Santuário, 1989.
- HANIGAN, James P. *Moral Theology*. New directions and fundamental issues. New York/ Mahwah: Paulist Press, 2004.
- HARING, B. *Livres e fiéis em Cristo: teologia para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas. Vol. I, 1984.
- _____, B. *Teologia moral para o terceiro milênio*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- HORTELANO, Antonio. *Moral alternativa*. Manual de teologia moral. São Paulo: Paulus, 2000.
- HUMBERT, A. *Valori morali negli scritti Giovannei*. Istituto superiore di teologia morale della Pontificia Università Lateranense, 1980.
- KEENAN, James. *Ética teológica católica no contexto mundial*. Aparecida: Santuário, 2010.
- KENNETH, R. Overberg. *Consciência em conflito*. São Paulo: Paulus, 1999.
- KONZEN, João A. *Ética teológica fundamental*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- KOCH, R. *Morale e alleanza*. Accademia Alfonsiana. Istituto superiore di teologia morale della Pontificia Università Lateranense, 1980.
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Veritatis Splendor*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais da ética teológica*. São Leopoldo: Ed Unisinos, 2001.
- LEERS, Bernardino. *Rigorismo moral*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- LIBANIO, J. B. *Introdução à teologia: Perfil, enfoques, tarefas*. Ed. 6. São Paulo: Loyola, 2007.
- LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. *A prática do amor a Jesus Cristo*. Aparecida: Santuário, 1988.

- MATERA, Frank J. *Ética do novo testamento*. São Paulo: Paulus, 1999.
- MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS. *Biografia de Marciano Vidal*. Disponível em: <<http://www.iscm.edu>>. Acesso em maio de 2012.
- MOSER, Antônio. *Teologia moral: Questões vitais*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____, Antônio; LEERS, Bernardino. *Teologia moral: impasses e alternativas*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- OTTAVIANI, Edélcio Serafim. Desafios à ética cristã. *Revista de cultura teológica*. ano VIII, n. 31.
- OVERBERG, Kenneth R. *Consciência em conflito: Como fazer escolhas morais*. São Paulo: Paulus, 1999.
- ORNUA, R. Rincon, G. Mora Bartres E. Lopez Azpitarte. *Práxis Cristã: Moral fundamental*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética, Poesias Coligadas/Inéditas*, n. 809. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral: Raízes Bíblicas do agir Cristão*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. V.I. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.
- RUBIO, Alfonso García. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulus, 2001.
- RUF, Ambrosius Karl. *Curso fundamental de teologia moral*. Consciência de decisão. São Paulo: Loyola, 1994.
- SANTOS, Antônio dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997.
- SADA, Ricardo; MONROY, Alfonso. *Curso de Teologia Moral*. Lisboa: Rei dos livros, 1998.
- SIQUEIRA, José Eduardo. *Bioética: estudos e reflexões 2*. Londrina: UEL, 2001.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental: O lar teológico da Ética*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____, Marciano. *Moral de atitudes*. Vol I: Moral fundamental. Aparecida: Santuário, 1993.
- _____, Marciano. *Ética da pessoa*. Vol II: Moral fundamental. Aparecida: Santuário, 1993.

_____, Marciano. *Moral social*. Vol II: Moral fundamental. Aparecida: Santuário, 1993.

_____, Marciano. *A ética civil e a moral cristã*. Aparecida: Santuário, 1995.

_____, Marciano. *Ética teológica: Conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____, Marciano. *Moral de opção fundamental e atitudes*. São Paulo: Paulus, 1999.

_____, Marciano. *Moral cristã em tempos de relativismos e fundamentalismos*. Aparecida: Santuário, 2007.

_____, Marciano. *Para conhecer a ética Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Aparecida: Santuário, 2008.

_____, Marciano. *Bernhard Haring: Um renovador da moral Católica*. São Paulo: Paulus, 1999.

Xavier, Donizete José. A dimensão social da fé. In: Xavier, Donizete José; Silva, Maria Freire (orgs.) *Pensar a fé teologicamente*. São Paulo: Paulinas, 2007.